

A DEFESA NACIONAL

— REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES —

DIRECTOR-PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:

Lima Figueirêdo

GERENTE:

João Baptista de Mattos

ANNO XXI

Brasil — Rio de Janeiro, Fevereiro de 1935

N.º 249

SUMMARIO

LITTERATURA — HISTORIA — GEOGRAPHIA — SCIENCIA	Pgs.
Na Escola do Estado Maior — Discurso pronunciado pelo Cap. Aluizio de Miranda Mondes no dia do encerramento do curso da E. E. M.....	125
O sorriso — <i>Coronel Doury</i>	133
Resumo historico da formação geographica do Brasil — <i>Cap. Lima Figueiredo</i>	135
Actualidades scientificas — <i>Maj. Jayme de Almeida</i>	142

SECÇÃO DE INFANTARIA

Lendo a Revista de Infantaria Franceza — <i>Maj. F. Brayner</i>	155
A figuração dos fogos de Infantaria e Artilharia nos exercicios de combate do pelotão. Figuração da Aviação — <i>Ten. Nelson de Carvalho</i>	162

SECÇÃO DE CAVALLARIA

Viatura para o transporte da metralhadora na cavallaria.....	169
A instrucção moderna de cavallaria allemã — Traducção do <i>Cap. Baptista Gonçalves</i>	172

SECÇÃO DE ARTILHARIA

O tiro com munição toxica — <i>Ten. H. O. Wiederspahn</i>	175
---	-----

SECÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA

	Pags.
O "Centro de Instrução de Artilharia de Costa" — <i>Maj. Bina Machado</i>	185

SECÇÃO DE VETERINARIA

O stud book do cavallo crioulo.....	201
-------------------------------------	-----

SECÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES

Constituição burgueza — <i>Cap. F. Correia Lima</i>	207
As relações possiveis entre a religião e o estado, — <i>Benito Mussolini</i>	210

SECÇÃO PEDAGOGICA

A psychologia e o exercito — <i>Cap. João Ribeiro Pinheiro</i>	215
O official e a educação moral — <i>Gen. von Kressenstein</i>	216
O official e a educação politica — <i>Oliveira Vianna</i>	217
O Cinema e a pedagogia — <i>Serrana e Venancio</i>	218
Escola de Infantaria — Actividades do anno de 1934.....	219
Escola de Artilharia — Actividades do anno de 1934.....	220

VARIEDADES E NOTICIARIO

Bibliographia.....	226
A guerra no Chaco.....	227
Attingido pela compulsoria o General Weygand.....	229
Liga das Nações.....	229
O padrão ouro.....	230
Aviadores ou suicidas?.....	231
Como devem ser conferidas as ferias.....	232
O cathedra e os militares.....	233
A nova missão militar franceza no Brasil.....	234
Livro novo.....	235
Boletim Colombophilo.....	239
Representantes.....	245

Literatura

Historia

Geographia

Scientia

« Minha gloria não consiste nas quarenta victorias, nem no facto de ter imposto minha vontade aos reis. Waterloo apagou a lembrança de muitas victorias. O ultimo acto fez esquecer o primeiro. Mas, o que nunca ha de desaparecer, serão meu Codigo Civil, as actas das secções do Conselho de Estado, minha correspondencia com os meus ministros. . . Bastou meu Codigo, por sua simplicidade, para beneficiar muito mais a França do que a massa de todas as leis que me precederam. Minhas escolas, meu ensino mutuo prepararam gerações desconhecidas ».

NAPOLEÃO.

« Ao nosso ver a chave mysteriosa das desgraças que nos affligem, é esta e só esta: a ignorancia popular, mãe da servilidade e da miseria. Eis a grande ameaça contra a existencia constitucional e livre da nação; eis o formidavel inimigo, o inimigo intestino, que se asyla nas entranhas do paiz ».

RUY BARBOSA.

N O C H A C O



Ao alto: Depois de uma chuva torrencial as estradas se transformaram em pantanos. Em baixo: O calor e a humidade mumificam os mortos.

Na Escola do Estado Maior

Discurso pronunciado pêlo Cap. Aluizio de Miranda Mèndes,
no dia do encerramento do curso da E. E. M.

Meus Senhores:

Quiz a generosidade dos meus dignissimos collegas — os officiaes superiores e capitães, — que ora concluem o curso da Escola de Estado Maior no corrente anno, que fosse justamente eu quem devesse interpretar nesta solemnidade militar os seus sentimentos, apresentando a illustre direcção desta Casa e ao seu não menos illustrado corpo docente, as nossas despedidas e os nossos sinceros agradecimentos pelo acrisolado devotamento e a magnifica abnegação com que todos se houveram indistinctamente durante estes tres longos e ininterruptos annos de estudos militares, no espinhoso mistér de nos transmittir os fundamentos primeiros da difficilima arte e sciencia da guerra.

Não sei como hei-de desobrigar-se de tão honrosa quão delicada incumbencia. Cabe-me, com effeito, um duplo agradecimento: — dum lado, a vós meus queridos mestres e directores espirituaes e de outro lado, a vós outros meus caros camaradas, pela commovedora prova de affecto que vindes de dar escolhendo-me vosso interprete nesta solemnidade, por todos nós tão almejada. Para dignamente agradecer-vos a prova de confiança e de fraternal amisade que me destes, quizera poder dizer, com palavras e expressões que fossem a fiel traducção do meu pensamento, todo o enlevo e todo o desvanecimento que ella me causa e me proporciona até a emoção.

Bem méço a immensa responsabilidade que encerra esta pesadissima tarefa.

De facto, a minha missão não é tão sómente de rememorar deante de vós o que foi na realidade este laborioso curso que encerramos nesse instante; de expor-vos aqui os nossos momentos de alegria e de contentamento bem como tambem os innumerados pequeninos soffrimentos e as innumeraveis difficuldades que tivemos de atravessar, — não se trata, pois, agora de recapitular estes minutos "tragicos" e verdadeiramente angustiosos passados deante da carta impassivel e imperturbavel dos nossos jogos da guerra, quando nos era imposto reviver pela imaginação estas multidões de homens — *das brdas azues e vermelhas*, na sua eterna luta, nas suas concentrações e reuniões, nos seus movimentos de larga

envergadura nos refluxos das batalhas, nestas marchas penosas no rumo do desconhecido..., em que nossa imaginação febril e superexcitada devia tudo architectar e tudo crear, inclusive esta terrível realidade do campo de batalha moderno onde os miseros combatentes começam, desde muito longe — na retaguarda da zona de frente, a experimentar a serie immensa e interminavel dos seus horriveis padecimentos. Segui commigo pela imaginação, por alguns instantes sómente, a via sacra que deve trilhar o combatente moderno e vereis então, Senhores, — sem nenhum exagero, que reviver em todos os seus minimos detalhes esta dura realidade, é quasi que fazel-a ou vivel-a tambem, talvez com mais intensidade, com mais emoção do que o proprio combatente que não vê, que não sente esta pequenina parcella de terra onde vae desenrollar-se este grande drama, onde elle deve se agitar constantemente conduzido por um poder estranho e magico, por uma força formidavel, — a disciplina sob todos os seus aspectos, a obediencia cega estribada na confiança nos Chefes, disciplina que, diga-se de passagem, deve existir não sómente no seio da força armada, mas, tambem, meus Senhores, dentro da propria Nação, dentro da grande collectividade, porque felizmente a historia nos prova que os grandes povos que existiram e os que existem actualmemente, são collectividades nas quaes a sociedade é organizada sob a fórmula de sociedades que se podem perfectamente denominar de sociedades de rendimento, isto é, nas quaes o individuo desaparece completamente deante da personalidade do Estado, *verbi gracia*, em face das suas autoridades e do seu corpo de leis. Acompanhemos, pois, o nosso combatente que parte compenetrado da nobreza do seu dever e escudado pela grandeza da sua elevada missão. Partamos desta retaguarda longinqua e tomemos, por exemplo, este typo ideal de combatente que é o soldado de infantaria:

Sobrecarregado — na sua humilissima qualidade de caminheiro — com a sua pesada mochila, com o seu armamento individual, o nosso infante começa por gastar as suas forças caminhando horas a fio, extenuando-se nesta passeata sem fim sobre esta estrada interminavel que renasce a cada meandro, mais difficil de progredir, mais longa em percorrer e assim lá se vae o nosso infante arrastando-se sobre este dedalo de estradas infindaveis, afim de transportar-se, com o moral elevado, para o terreno da luta. Chegado nas proximidades do inimigo, do campo de batalha, — *land no man*, a terra onde não existe vida, a infantaria progride percorrendo uma zona semeada de obstaculos de toda especie onde a ameaça paira no ar e em cada canto a morte o espreita, nesta zona terrível onde tambem existe, quasi sempre, as tragicas zonas cobertas de gazes nocivos e, assim inteiramente acuada pela aviação de batalha e pela artilharia inimiga ella avança penosamente, prudentemente, ora parando aqui para restabelecer a ordem, a cohesão e os reajustamentos de fogos indispensaveis, ora avançando ali ou se infiltrando acolá para

poder manobrar, assim vae o nosso infante nesta especie de sangrenta ascensão para attingir enfim o dever e a gloria.

Mas, é preciso marchar e marchar sempre... o ataque progride (e estamos aqui, meditaes, no caso mais favoravel em que as suas penas são grandemente attenuadas pela elevação moral, pelo successo), é preciso marchar, transportar-se com o moral elevado com armas e bagagens para as proximidades immediatas do inimigo, para esta zona infernal dos tiros ajustados do adversario onde sua marcha é consideravelmente diminuida e onde as suas fadigas augmentam assustadoramente. E' o preludio do pandemonio, — o Cahos que desce sobre a Terra... No meio da fumaça, o barulho ensurdecador da metralha que não para, do canhão que rosna tragico e terrivel, os gritos de dores, os appellos de soccorros, os nomes de entes queridos que surgem nos estertores da agonia, as imprecações do odio, os amigos cortados pela metralha, os camaradas esmagados pelos obuses e os Chefes que desaparecem no turbilhão medonho da batalha... ou que param estarelecidos em busca de ar puro que reanime os seus pobres corpos extenuados, exangues. Ironia do destino! Inspiração mortal! tudo conspira contra a sua pobre existencia; na atmosphera traçoieira a yperite, o fosgenio ou o cyanogenio vão direito coroe-lhe os pulmões debilitados e o nosso infante de quem assistimos os transes difficeis, a par da grande energia physica que necessita para arrastar-se até ao objectivo que lhe é assignalado, deve ainda, para cumulo de todos os infortunios, presenciar este espectaculo dantesco, assistindo impotente os seus camaradas e amigos, num derradeiro suspiro, exalar com a alma martyrisada os pulmões derretidos por causa deste crime nefando que são os gazes suffocantes applicados como arma de guerra. E é justamente ahí que começa para elle o seu calvario. E' preciso attingir a méta que os seus Chefes, por nosso intermedio, como seus auxiliares directos, impõem-lhe em nome da disciplina e dos sagrados laços da subordinação militar. E a partir dahi, então, começa a infantaria a *serpear* na sua estafante marcha rastejante, por lanços, de objectivo em objectivo, obrigada pela necessidade do aperto de mão que lhe vem dar a sua irmã gêmea — a artilharia — *de horizonte visivel em horizonte visivel*...

E para cumulo de todas as miserias — ha ainda os imponderaveis que a penna a melhor exercitada não poderia traduzil-os nem definil-os, as miserias Moraes das quaes o medo, o apego á vida e aos seus bens dentre os quaes a affeição á familia é um dos mais fortes, são outras tantas lutas, épicas tambem, do dever contra o direito e do direito contra a lei. "Dura lex..."

As forças armadas, meus senhores, são no combate a propria nação em armas, a multidão que vive e que soffre, no grande inconsciente das multidões, porém, que sabe se bater heroicamente e morrer no anonymato o mais glorioso possivel.

Perdoae-me se attrahi a vossa attenção para este quadro macabro, este doloroso espectaculo que representa uma batalha moderna. Filo propositalmente, na rude linguagem do soldado, com o fim de vos mostrar que o objectivo ultimo desta Escola sendo, como vós bem o sabeis, — *a guerra, a preparação para a guerra*, — nós que neste instante vamos ser devolvidos ao seio augusto do Exercito Nacional, afim de engrossar a phalange dos officiaes que de ha 14 annos para cá honraram esta Escola prelustrando os seus bancos e que hoje constituem os seus mais autorizados technicos e Chefes, — *Chefes autorizados do dever civico da guerra*, — nós que conhecemos em todas as suas minucias a malvadez dos actuaes meios de destruição que a sciencia põe involuntariamente nas nossas mãos, nós jamais seriamos (ficae bem certos e seguros) os provocadores da guerra, os seus instigadores, os autores materiaes ou intellectuaes de tão grande quão tetrico cataclysmo. Fiel porém, a crença inabalavel de que a vida é uma lucta, confiante nos preceitos scientificos que me demonstram até á evidencia, que a guerra é a mais natural de todas as funcções, uma funcção ao mesmo tempo social e biologica indispensavel a existencia de todo ser vivo, claramente provada desde este simples quão mysterioso phenomeno da phagocytose até ás transcendentis relações sociaes em cuja base ha muito egoismo vasado na maior ou menor capacidade de prejudicar inherente a cada um de nós, — sou infelizmente forçado pelas imposições cathgoricas da sciencia e dos factos, mau grado os philosophos, os amigos da paz universal, deplorarem este ardor bellicososo que impelle os povos uns contra os outros, esquecidos talvez de que a propria vida é a guerra, a admittir de accordo com um grande pensador francez, Maurice Barrès, que a guerra na sua essencia é justa porque, como muito bem diz elle “cette loi si terribel de la guerre n'est qu'un chapitre de la loi générale qui pese sur l'univers... La terre entière continuellement imbibée de sang, n'est qu'un autel immense où tout ce qui vit doit être immolé sans fin, sans mesure, sans relâche, jusqu'à la condamnation des choses... La guerre est donc divine en elle-même puis que c'est une loi du monde”.

As guerras entre as nações me parecem, pois, inevitaveis, porque se o sonho dos pacifistas se realisasse, seria num curto prazo — segundo a abalisada opinião de um dos mais provecutos biologistas do mundo, o Sr. Felix Le Dantec, o fim mesmo da humanidade.

Ora, meus senhores, num estudo recente que fiz, seguindo de muito perto as pégadas de um dos mais eminentes historidores da actualidade, o grande historiador inglez, Sr. Wells, verifiquei, não sem grande espanto, que desde 9.000 annos antes de N. S. JESUS CHRISTO, data em que se tem noticias dos primeiros factos da historia do mundo antigo com um certo cunho de veracidade, até aos nossos dias, que a humanidade vem luctando sem descanso, quasi quotidianamente, em busca

deste ideal supremo que é o da sua unidade moral e todas as tentativas, sem excepção, foram infructíferas e naufragaram no sangue. E a prova eloquente disto é a recente estatística publicada no mez de julho do anno que ora se finda, pela respeitavel *Sociedade de Direito Internacional*, com séde na EUROPA, na qual se verifica que durante o decorrer dos 34 ultimos seculos, foram assignados nada mais nada menos do que 8.000 tratados de paz e que a duração média de taes tratados nunca ultrapassou cerca de 2 annos de vida real. Essa mesma estatística nos ensina ainda que, durante estes 34 seculos a paz não reinou — dum modo geral — senão durante o curto lapso de tempo de cerca de 268 annos apenas! Alem disto, esta mesma estatística nos mostra ainda outro lado desolador da questão, constatando em toda a sua brutal realidade que no dominio das relações dos povos uns com os outros, a humanidade não o tivera nenhum progresso sensivel relativamente ao que ella era a cerca de 3.000 annos passados. Assim sendo estou, pois, absolutamente convencido de que os periodos de paz, quando não são perturbados pelas commoções intestinas, symptomas patentes de debilidade e fraqueza, são estados anormaes nas vidas dos povos.

Em taes condições, propondo-se justamente a *educação moderna*, a elevação moral do homem tornando-o naturalmente apto ao prehendimento espontaneo de todas as suas funções sociaes; fundando-se esta mesma *educação moderna* no espirito scientifico e por consequente num conjunto de factos que todos nós podemos verificar diariamente nos mais triviaes momentos da nossa existencia e cujo resumo é, em *ultima ratio*, a do cultivo do sentimento moral por excellencia, o *dever*, creio mui firmemente, inculcado pelos sagrados principios religiosos que a bonissima religião do CHRISTO sempre me inspiraram desde a infancia, que num futuro talvez não muito remoto, a humanidade consiga este *desideratum* sublime realisando a sua tão desejada unificação moral. Até lá, porém, o nosso dever — esta função realisada pelo mais livre e o mais dominante de todos os nossos órgãos, o *cerebro*, resultante directa do concurso da intelligencia, que nos demonstra as leis da vida e as leis que regem os nossos nobres sentimentos, o nosso dever, repito, é de preparar consciencientemente a guerra se sinceramente aspiramos a paz.

Nobre foi, pois a vossa missão, meus caros professores, — officiaes francezes e officiaes brasileiros — e a vós muito deve o Exercito Nacional. Vós fostes os nossos educadores. Attingistes o fim que a Nação vos outorgara. Porque, com effeito, educar um individuo é transformal-o; é modificar o seu character, os seus sentimentos, os seus conhecimentos e as suas aptidões physicas num certo e determinado sentido. E' passar dum estado bem caracterizado e muito bem definido por um certo valor e certas inclinações para um outro estado devidamente bem caracterizado e sufficientemente bem definido por um outro valor e outras ten-

dências. Eis ahí em que consistui o vosso labor silencioso, porém, proficuo. Fomos por vós transformados e esta transformação consistiu em nos inculcar os verdadeiros principios da meritoria arte de commandar.

Como, pois, vos agradecer dignamente tão relevante serviço? — Sinceramente não sei como poder responder. Que o Exercito vos fique devedor e a Patria reconheça.

Portadores desse diploma que a Escola de Estado Maior do Exercito vem de nos conferir, em seguida ao curso rigoroso e severo dirigido por vós e digna e criteriosamente seguido por nós, nesta ultima e derradeira etapa da nossa natural selecção, somos hoje finalmente *titulados* e a significação deste diploma é:

“Confiança inteira e plena responsabilidade”.

Sim, meus Senhores! — diariamente entregaes a vossa preciosa existencia á discreção absoluta dos navegantes de toda e qualquer especie, dos chimicos, dos engenheiros, dos medicos, dos pharmaceuticos ou dos bachareis, aos governantes e a todos os homens, em summa, cuja autoridade se funda tão sómente na crença de possuírem sciencia e moralidade. Porque não confial-a também, durante a guerra, com inteira e absoluta confiança, aos nossos grandes Chefes militares que possuem a sciencia que lhe confere esse diploma e a moralidade comprovada por uma vida sem macula e pela responsabilidade que assumimos quando accetamos livremente o exercicio do nosso sagrado dever militar?

E' indubitavel que para dirigir todas as operações militares, para conduzir as batalhas modernas — tão complexas e tão variadas, é preciso um *Chefe* que possua *devotamento, caracter, intelligencia e saber* porque como bem dizia o General LANREZAC, na guerra só se faz o que se aprendeu no tempo de paz, facto que o Marechal FOCH tão bem focalisara no seu admiravel livro “Principios da guerra”: “La réalité du champ de bataille est qu'on n'y étudie pas; simplement on fait ce que l'on peut pour appliquer ce que l'on sait. Dès lors pour y pouvoir un peu il faut savoir beaucoup et bien”. e em outro local, o grande Marechal de Victoria nos ensina que “les grands résultats à la guerre sont le fait du commandement. Aussi est-ce à juste titre que l'histoire porte au compte de la mémoire des généraux les victoires pour les glorifier, les défaites pour les déshonorer. Sans commandement, pas de bataille, pas de victoire possible”.

Ora, meus senhores, assim sendo somos hoje qualificados os auxiliares impessoaes e também os unicos autorisados a assistir o Commando nas suas multiplas investiduras. Este diploma nos confere, pois, um cargo e uma função, porém, meus caros camaradas de turma, não esquecerei jamais que não é absolutamente o cargo ou a função que eleva o homem, é o homem, pelo seu valor e pela sua honradez quem eleva e ennobrece o cargo que exerce. Não carece, no Exercito, exemplos disto e esta Escola

pelo seu insigne Commandante — o nosso brilhante Chefe e amigo, o Sr. Cel. LEITÃO DE CARVALHO e os seus dignos auxiliares podem servir-nos perfeitamente de padrão.

A nós, portanto, de dignificarmos o nosso diploma, de accordo com as tendencias e os pendores que nos deram a convivencia nesta Casa, pela continuação dos nossos esforços sempre na mesma direcção. O nosso successo depende disso; elle não se obtem senão pela continuidade dos esforços num só rumo — segundo uma mesma directriz. O successo na vida só se obtem por este preço. A actividade assim orientada implica, porém, na meditação profunda e na observação pertinaz de todos os instantes. Os grandes homens dynamicos como, por exemplo HENRIQUE IV, NAPOLEÃO, CAXIAS, Lord KITCHNER e tantos outros reflectiram sempre longa e maduramente, antes de agir, ou por si proprios ou por intermedio de seus ministros ou officiaes de estado-maiores. A meditação methodica é, pois, o acto preparatorio de toda acção consciente. Quem não medita, quem não tem sempre presente deante dos olhos o fim geral a proseguir, quem não procura assiduamente os melhores meios para attingir os fins parciaes, (1) quem não compara escrupulosamente as possibilidades dos meios com as necessidades a satisfazer, torna-se fatalmente o juguete das circumstancias e, ao envés de dominar os acontecimentos, são por elles esmagados: o imprevisto perturba e nos obriga a todo instante a contra-marchas que nos fazem perder o eixo dos nossos esforços — a direcção geral. A acção, caracteristico essencial de todo Chefe militar, deve, por conseguinte, surgir immediatamente após a reflexão, a meditação: Só, — esta ultima não é sufficiente, embora ella seja a condição necessaria de toda vida activa e fecunda.

Este diploma nos revella, pois, um pouco os segredos dos DEUSES da guerra e ha-de nos conduzir até ás altas espheras do Commando.

Temos uma unidade de doutrina da guerra para a conducção das massas de homens postas pela Nação em armas, nas mãos dos Chefes e um methodo seguro para nos guiar na busca da Victoria, methodo scientifico que impedirá as improvisações ou as soluções de afogadilho, applicação pura e simples do espirito á coisa, sorte de alavanca que, como sentenciosamente dizia o grande ARCHIMEDES, si lh'a dessem uma e um ponto de apoio, elle se proporia a levantar o mundo. Foi com esta alavanca magica que o maior de todos os Capitães de todas as epochas, levantara a EUROPA inteira e o glorioso Exercito Francez trilhara, em todos os azimuths, numa passcata memoravel — todas as estradas do velho mundo.

Mas, é preciso que o methodo seja, de facto, uma alavanca e não uma ficção.

(1) o que nós denominamos na nossa terminologia particular de *objectivos successivos*.

Munidos desta verdadeira alavanca partimos d'aqui, cheios de saudades, tendo por fanal uma só ambição: o amor ao trabalho e a sempiterna recordação deste templo onde se aprende a bem servir e a amar a Patria acima de tudo. De facto, a vida é tão sómente o passado e o futuro. Nós vivemos, dizia um dia o principe dos nossos poetas, da lembrança e da esperança, entre a saudade e a ambição.

A cata dessa grandiosa ambição sejamos, pois, todos felizes.

Sêde felizes, vós todos que me ouvis, sêde bastante felizes.

Sêde felizes para o vosso proprio bem e para o bem da Patria e da Republica:

“O serviço militar não sómente educa nos povos a capacidade para se defenderem, como tambem desenvolve, alem disso, de um modo geral, a sua personalidade moral e intellectual para as tarefas da paz. Educa tambem no momento o dominio de si mesmo e o emprego e desenvolvimento de suas forças. Estimula a capacidade intellectual, sua independencia e discernimento, o sentimento de ordem e a subordinação a um fim commum; desperta a confiança de cada um em si em seu proprio valor e robustece desse modo todas as finalidades physicas e moraes que formam a parte essencial da vida.

BERNHARDI.

No anno 256 os Persas empregavam um processo engenhoso para destruir as muralhas das praças fortes: Faziam galerias com caixilhos de madeira e em seguida lançavam fogo ao madeirame, enquanto o fogo lavrava, os sitiantes dançavam em redor da fortificação. Isto fazia crer aos sitiados que as muralhas haviam ruído por vontade divina.

O SORRISO

*“Et maintenant, messieurs, pour moi
d'ordre — le sourire...”*

Coronel Doury

Em Cauroy, junto a Reims, madrugada de outomno,
O regimento dorme o seu ultimo somno...

Mas emquanto, ao relento, o regimento dorme,
Treme o valle em redor ao peso desconforme
Das vagas allemães, que, em preia-mar fervente,
Entram o solo patrio, interminavelmente !

Na Belgica ruiu o ante-mural dos peitos;
A fronteira partida, os reductos desfeitos.
O chão revolto, o espaço em chamma, a agua, abrazada !
De heroicas tradições não resta mais nada !...

Agora, em torvelins de fogo, a morte dança
Sarabanda infernal pelas terras de França !

De subito — um tropel ! Alguem chega. “Sentido !
Quem vem lá ?” — Camarada ! — E sobre a sella erguido
O general assoma ao cimo da trincheira:

“Doury, pobre Doury, por traz d'aquella poeira
Que em nuvens se levanta, o inimigo, mais forte
Vinte vezes que nós, avança... Até á morte
E' mistér defender a passagem, ouviste...”

Se triste isto profére, ainda parte mais triste...
Num gesto militar o coronel se apruma,
Já se lhe turva o olhar, mas vê, uma por uma,
As filhas e a mulher, que em grupo airoso e lindo,
Entre nevoas pairando, o contemplam, sorrindo !

Então, põe-se, a scismar, extactico, indeciso,
Respondendo á Visão — também por um sorriso !

Nisto um obuz explode, e o fracasso medonho.
Abalando o arredor, desperta-o deste sonho:
“— Os homens da vanguarda o pó da estrada mordem,
Coronel !” — E elle freme ! — “Aqui estou; qual a ordem ?”
O ajudante lhe diz. E elle, erecto, a fremir,
Lembrando a Apparição: — “A ordem ? !... E’ sorrir !...”

O capitão se aparta; a pelleja se trava:
Sobre o campo francez começa a chover lava:
Torrentes de metralha e estrondeiros de bomba
Rompem o ar. Alli — é uma fila, que tomba !

Além — um batalhão que se fracciona todo !
E cada combatente é fumo, sangue, lodo !

Em doida arremettida a guarda agora arranca:
E a aurora rubra, o céu azul, a nuvem branca,
Dos que jazem por terra, avivam na lembrança,
— Desdobrado no espaço, o pavilhão da França !

E a ordem foi cumprida: — Ao despontar do dia,
Varado o coração, cada morto sorria !...

GOULART DE ANDRADE

Resumo Histórico

da formação geographica do Brasil ⁽¹⁾

Cap. LIMA FIGUEIRÊDO

I — **As riquezas do Oriente.** Todos os povos europeus disputavam aos mulsulmanos os perfumes, as sêdas e as especiarias.

Dois eram os caminhos por onde essas preciosidades se escoavam: um terrestre e outro marítimo.

O terrestre ou **caminho da sêda** era feito em lombo de camellos através da Asia Central e terminava no mar Negro. Ahi eram embarcadas em navios genovezes: a sêda e a porcelada oriundas da China, os perfumes da Arabia e as perolas, o marfim e os tecidos da India.

O caminho marítimo ou das **especiarias** era feito pelo oceano Indico até Berenice no mar Vermelho, onde se organizavam enormes caravanas que venciam o percurso até Alexandria no Egypto. Neste bello porto abordavam os navios venezianos afim de carregar as especiarias provenientes da rica ilha de Sonda.

Todo o commercio do Oriente era feito atravez dos mulsulmanos e italianos.

Vendo o infante D. Henrique de Portugal que era impossivel conseguir a hegemonia do commercio no Mediterraneo, resolveu ir buscar os preciosos productos orientaes, percorrendo o mar immenso em prôcura de uma rota incognoscivel.

II — **Escola de Sagres.** Na ponta de terra mais saliente e mais meridional de Portugal denominada cabo de S. Vicente, o infante D. Henrique, o Navegante, fundou uma es-

(1) Contribuição para o exame de admissão á E. E. M.

cola de navegação. Esta escola recebeu o nome de Sagres em virtude de ter sido estabelecido na aldeia do mesmo nome.

A partir de 1419, os mares foram sulcados, augmentando-se annualmente a etapa a percorrer. De etapa em etapa, chegaram os lusitanos, depois de 14 annos de luctas, ao cabo Bojador. O avanço das naus portuguezas continuou a ser minguado. Foram attingidos: o cabo Verde, em 1447; a fóz do Congo, em 1485; o cabo das Tormentas ou da Bôa Esperança, em 1487.

Em 1498, isto é 79 annos após a fundação da escola, Vasco da Gama consegue levar sua frota a Calecut, nas Indias.

A' medida que os navegadores iam descobrindo terras, a diplomacia portugueza ia garantindo a posse das mesmas. Assim conseguiram, pela bulla de 18 de junho de 1452 do papa Nicolau V, o direito de conquistar as terras habitadas pelos infieis e de escravizar seus habitantes. Outra bulla do mesmo pontifice foi conseguida em 8 de janeiro de 1454, a qual assegurava a Portugal o direito de posse das terras situadas ao sul e a leste da Guiné.

III — **A descoberta da America.** Após uma longa viagem de 75 dias, o genovez Christovam Colombo aportou á ilha Guanahani do archipelago das Lucayas em 12 de outubro de 1493.

Ao receber, de volta, o famoso descobridor, D. João II não poude esconder a magua de não haver accedido os serviços de Colombo. Essa magua atizou um odio atroz contra a Hespanha e uma expedição chegou a ser organizada com o fito de agredil-a.

O papa Alexandre VI, de descendencia hespanhola, susteve o golpe que D. João II desejava desferir, assignando duas bullas que regulariam, para sempre, a questão de descobrimento e conquista de terras entre os dois povos da grande peninsula. Podemos avaliar, em que ambiente o summo pontifice resolveu a pendencia, sabendo-se que as duas bullas foram assignadas com espaço de vinte quatro horas apenas. A

primeira, firmada a 3 de maio de 1492, collocava sob o dominio da Hespanha todas as terras recentemente descobertas que não estivessem sob a egide de outro soberano catholico. A segunda, de 4 de maio, estabelecia que as terras que ficassem a oeste do meridiano traçado a cem leguas das ilhas dos Açores e Cabo Verde (1) seriam hespanholas e as de léste, portuguezas.

IV — **Tratado de Tordesillas.** Portugal não concordou com a solução papal, porque a considerava um esbulho aos seus direitos, e estava resolvido a appellar para a força.

A diplomacia contornou a questão e os representantes das duas nações se reuniram em Tordesillas, na Castella Velha, onde, depois de cerca de quatro mezes de discussão, assignaram, a 7 de junho de 1494, o **Tratado de Tordesillas**. Por este tratado a linha divisoria entre os dois paizes foi deslocada para 370 leguas a oeste das ilhas do Cabo Verde. Esse meridiano recebeu o nome de **linha alexandrina** e devia passar pela ilha Marajó e Laguna, em Santa Catharina.

V — **Descoberta do Brasil.** Depois que Vasco da Gama attingiu ás Indias, Portugal tornou-se senhor do commercio com o Oriente.

Desejando reconhecer a natureza das terras que ficavam a léste da linha alexandrina, Don Manuel I ordenou a Pedro Alvares Cabral, que sahira de Restello a 9 de março de 1500 com destino ás Indias, que se afastasse convenientemente da costa da Africa. No cumprimento dessa ordem o almirante portuguez descobriu a terra em que habitamos no dia 22 de abril pelo calendario Juliano (2)

VI — **As grandes descobertas hespanholas.** Christovam Colombo realizou ainda tres viagens ao Novo Mundo nos

(1) Foi averiguado que esses archipelagos estão em longitudes diferentes.

(2) Corresponde a 3 de Maio pelo calendario Gregoriano.

annos de 1493, 1498 e 1502. Na primeira, elle explorou toda as Antilhas; na segunda, visitou as costas da Colombia e a foz do Orenoco e na terceira, palmilhou todo o litoral da America Central procurando o estreito que o levaria ás Indias. (1)

Em 1498, Alonso Ojeda, seguindo as pégadas de Colombo, percorreu as costas das actuaes Guyanas e iniciou a colonização do Haiti. Ao regressar a Hespanha, em junho de 1500, soube que Vicente Pinzon e Diogo de Lepe haviam percorrido o litoral sul-americano desde o cabo Santo Agostinho até á embocadura do Orenoco.

Não estavam os hespanhões muito contentes com o quinhão que lhes coube pelo tratado de Tordesillas, visto não encontrarem um caminho que os levassem ás Indias, onde os lusitanos iam buscar as mais ricas especiarias. Não podia Fernando V ordenar a rota seguida pelos portuguezes, contornando o sul da Africa, porque a isto lhe prohibia o celebre tratado.

O rei catholico adoptou, como solução do problema, enviar uma expedição sob o mando de João Dias Solis e Vicente Pinzon para procurar a passagem almejada. A expedição zarpou de Sanlucar de Barrameda, em 1508, e percorreu todo o golpho de Honduras e a peninsula de Yutacan sem resultados.

Em 1513, Vasco Nunes Balboa, aventureiro que ia empós o ouro para pagar suas dividas, descobre o **Mar ao Sul**, hoje oceano Pacifico. Tão animado ficou Balboa que, a pé, entrou n'água com a bandeira de Castella n'ua mão e a espada desembainhada na outra, afim de tomar posse "d'aquelle oceano, das terras que banhava e das ilhas que contivesse" para a corôa do seu paiz.

O feito de Balboa destruiu o sonho de Colombo — que julgava haver chegado á Asia — e derrubou todas as theorias pregadas pelos sabios de Salamanca a respeito do universo.

Estava descoberto o **Mar do Sul**, era mistér encontrar-se

(1) Morreu em 1506, na Hespanha pensando poder navegar para oeste.

a passagem para elle. Teve essa missão o asturiano João Dias Solis que procurou contornar o continente sul americano, como haviam feito os lusos no africano. Para isso sahio do porto de Lepe em outubro de 1515 e, depois de tocar em varios portos brasileiros, penetrou no estuario do Prata, que elle chamou de Mar Doce, onde foi morto a flechadas pelos indios charruas.

Governava a Hespanha, Carlos V, quando o navegador portuguez Fernando Magalhães foi offerecer-lhe seus prestimos, promettendo descobrir o cubigado estreito inter-oceanico.

Acceito os seus serviços, Magalhães deixou o porto de Sanlucar commandando uma esquadra, a 20 de setembro de 1519.

A felicidade amparou a expedição que conseguiu passar de um oceano a outro através do canal de Todos os Santos — que hoje tem o nome do seu primeiro navegante.

A travessia do estreito durou vinte e dois dias e tão difficil se apresentou que a nau Santo Antonio desertou, regressando para Hespanha.

Com tres embarcações, Magalhães velejou para as Filipinas, onde falleceu, a 27 de abril de 1521, victima dos selvagens.

A viagem foi continuada por Sebastião Elcano que, com grande carregamento de especiarias adquirido nas Molucas, chegou a Sanlucar a 7 de setembro de 1522.

Logo que Carlos V teve conhecimento das descobertas, preparou uma expedição composta de cinco navios que sob o commando de Sebastião Caboto zarpou de Sanlucar em 6 de abril de 1527. Tocou na ilha de Santa Catharina e, acompanhando a costa intrometteu-se pela fóz do Prata, subindo o Uruguay. Em seguida remontou o Paraná até o Salto de Apipé (1) donde retrocedeu para subir o Paraguay.

Recebeu, dos indios que habitavam esse ultimo rio, pe-

(1) Será as Sete Quédas?

daços de prata que remetteu ao imperador como prova do valor das terras descobertas.

VIII — **A conquista da Colombia.** Em 1525, chegaram á Costa Firme, actualmente Colombia, quatro navios sob o commando de Rodrigo de Bastidas. Desembarcou um pouco distante da fóz do Magdalena, onde fundou a cidade de Santa Martha. Em virtude de Bastidas não permittir que se espoliassem os selvagens foi apunhalado, quando dormia.

No governo de Garcia de Lerma foi executada a exploração do rio Magdalena pelo portuguez Jeronymo Mello que, em 1532, remontou-o cerca de 35 leguas.

Fernandez de Lugo que succedeu a Garcia de Lerma organizou uma columna de 700 homens. Sob ás ordens de Gonzalo Jimenez Quesada partiu, de Santa Martha, a 6 de abril de 1536, a columna, levando comsigo alguns barcos.

Desejava Quesada explorar o Magdalena até ás suas cabeceiras. Mandou que as embarcações acompanhassem, por agua, a infantaria que seguia através da matta.

Após um anno de canceiras todos desejavam voltar, excepto o chefe. Ordenou que doze homens resolutos se afastassem do Magdalena em busca das montanhas do Opon. Breve voltaram os exploradores com a alviçareira noticia de que tinham encontrado caminhos na serra.

Quesada embarcou todos doentes e estropiados nas naus, afim de se recolherem a Santa Martha e com 140 homens continuou a viagem.

Ao descer a montanha do Opon foi atacado pelos aborigenes, mas luctou com denodo e conseguiu victoria.

O valle do Bogotá era uma verdadeira terra da promissão: povoados, campos cultivados e caminhos perfeitamente delineados. No povoado muqueta — que se achava deserto — residia o zipa, senhor do reino dos **Zaques**.

Os incolas izeram de Tunja o seu reducto de resistencia. Depois de pelejarem a valer conseguiram os hespanhoes entrar no povoado a viva força no dia 20 de agosto de 1537.

A carnificina foi tremenda dada avidez com que os cas-

telhanos procuravam o ouro e as esmeraldas de propriedade dos indigenas.

Estabeleceu Quesada, nesse magnifico valle, a actual capital da Colombia, Santa Fé de Bogotá. E, como era filho de Granada, chamou o paiz conquistado de Nova Granada.

Havia na região talada por Quesada um íman que atrahia os conquistadores. Nelle encontraram-se: Benalcazar que havia conquistado o reino de Quito, Nicolas Fredman que vinha da Venezuela. e Quesada.

VIII — **Conquista da Venezuela.** Após gastos fabulosos em varias tentativas de colonização, Carlos V concedeu a conquista da Venezuela a uma companhia allemã estabelecida em Augsburgo. Era esta companhia denominada dos Welser e o interesse que a norteava consistia sómente na descoberta do ouro.

Foi nomeado, para governar as terras conquistadas, Ambrosio Alfinger: homem energico e mau.

Alfinger concluiu incontinente que ali não existia o metal cubiçado e por isso procurou fonte de renda na captura do incola.

Mandava effectuar enormes caçadas. Os autochtones vinham amarrados por uma corda unica, na qual, para cada cabeça, faziam uma laçada. Deste modo, se acontecia um indio ficar cançado, cortavam-lhe a cabeça para não perderem tempo em desamarrar os que lhe ficavam na frente ou atraz.

A respeito do conquistador da Venezuela, escreveu Baralt no seu "Resumen de la historia de Venezuela": "Apoederando-se-lhe da alma um furor insano que degenerava em frenesi, assignalou por toda a parte sua passagem com o roubo, o homicidio e o incendio".

Carlos V acabou retirando o privilegio dos Welser por não haverem cumprido o contracto.

Durante a epoca da conquista, o trabalho mais importante, no terreno geographico, foi a exploração do Orenoco por Alfonso de Herera.

(Continua)

Actualidades científicas (1)

Major JAYME DE ALMEIDA

I — GUERRA CHIMICA

Passado e futuro da guerra chimica. — Classificação physiologica e tactica dos gazes de combate. — Conhecimentos geraes sobre cada gaz. — Vagas, projectis e bombas. — A tactica dos gazes e a surpresa technica. — Protecção individual e collectiva contra os gazes.

A) — PASSADO E FUTURO DA GUERRA CHIMICA:

Escreptores como Staden e Valdez citam o curioso facto dos indios da America do Sul, (guaranys e tupys), empregarem, nos ataques que levavam a effeito contra os portuguezes, vasos contendo brazas, sobre os quaes pulverisavam pimenta, obtendo, por esse meio, desprendimento de vapores muito picantes e de effeito nitidamente lacrimogeneo.

No seculo XIX a policia de Paris tambem empregou um gaz lacrimogeneo, (brometo de benzilla), encerrado em empoulas de vidro, quando teve necessidade de atacar perigosos bandidos que se haviam homisiado em uma casa.

Não sendo os lacrimogeneos contrarios á Convenção de Haya, faziam mesmo parte do material de policia, na França, havendo ainda quem os preconisasse para a guerra, nos combates em minas e subterraneos.

Antes mesmo do emprego definitivo dos gazes de guerra, os allemães lançaram em Argonne e Verdun, a titulo de ensaio, algumas granadas identificadas como sendo de effeito lacrimogeneo.

O verdadeiro emprego dos gazes, foi, todavia iniciado em abril de 1915, ainda pelos allemães contra as trincheiras belgas, por meio de um gaz suffocante e deleterio, — o chloro —, que, produzindo no homem edema agudo do pulmão, podia causar morte rapida.

Esse emprego foi realisado por meio de vagas, usadas durante alguns mezes ainda, produzidas em cylindros de ferro, conduzidos ás trincheiras de 1.^a linha, munidos de encanamentos, torneiras e contendo chloro liquido.

O ataque era desencadeado quando o tempo estava frio, secco, sem sol, com o vento soprando para o inimigo a razão de 2 a 5 ms. por segundo.

Vê-se facilmente, quanto era difficil para o commando prever uma hora exacta de ataque, porquanto isto dependia de todos aquelles factores.

Além disso, considerando o peso de cada cylindro, cerca de 40 kgs., e o transporte penoso dos mesmos, tudo concorria para difficultar o seu emprego.

A titulo de exemplo, sobre esse herculeo e formidavel trabalho, cita-se um ataque na Champagne, numa frente de 10 kms., onde foram usados 18.000 cylindros.

Além disso, por mais dissimulada que fosse a preparação, o inimigo cedo se apercebia, tornava sem effeito e mesmo perigoso o ataque para os proprios emittentes, pelo consequente arrenbentamento dos cylindros,

(1) Subsídio para o exame de admissão á E. E. M.

sem falarmos de um retorno imprevisto da vaga de gaz, por mudança de temperatura, sol, vento contrario, etc.

No intuito de corrigir esses defeitos, pensou-se em encerrar o gaz em recipientes fechados e envia-lo por meio de uma granada.

Para se obter, porém, esse desideratum era absolutamente necessario que o gaz não fosse muito volatil, devendo se empregar, mesmo, productos solidos e liquidos que emittissem vapores nocivos, vapores óra pesados, óra leves, obtidos por misturas com outras substancias, de modo a obter acção rapida ou lenta, conforme o emprego tactico desejado.

As substancias de effeito rapido, chamadas "fugazes", serviam para obter intoxicações violentas, durante pequeno espaço de tempo, volatilizando-se rapidamente, afim de permittir uma progressão das tropas amigas, na zona visada, sem perigo algum para ellas. Si, ao contrario, a finalidade consistia em uma interdição ou barragem permanente, as substancias usadas eram denominadas "persistentes", pois que infeccionando a zona, impediam qualquer movimento nella.

Esses productos foram, então, lançados por granadas de mão, canhões ordinarios e morteiros de acompanhamento, em funcção da distancia a attingir.

Dessa maneira o emprego dos gazes, dada a sua efficacia, tomou consideraveis proporções.

As usinas dos belligerantes, trabalhando continuamente, conseguiram fornecer quantidades impressionantes de productos chimicos, taes como o "Fosgenio", "Palites", "Yperite", "Cetonas", "Acido Cyanhydrico", "Acroleina", etc., num total approximado de 50000 toneladas para a Allemanha, onde as usinas dispunham de uma organização completa desde a paz, e 25.000 para a França e seus alliados.

Essa produção, que parece espantosa, á primeira vista, era proporcional ao consumo, porquanto para se criar uma camada permanente de gaz, de 1 km.,² eram necessarias 6.000 granadas de 75 m/m e para um ataque com projectis fugazes, em 1 km.², era preciso batel-o com 12.000 granadas do mesmo calibre, o que dá 12 toneladas de gaz sobre o solo.

E' muito conhecido o celebre bombardeio de Verdun, a 1.º de agosto de 1917, onde em uma noite foram lançados pelos allemães, numa frente de 10 km., 400.000 granadas de yperite, dos calibres de 105 e 150.

Ainda nessa época, as substancias toxicas eram lançadas nesses calibres, dada a difficuldade de embalagem e manejo dos mesmos, nas usinas.

Com o aperfeçoamento da technica de fabricação, carregamento e acondicionamento, passaram tambem a ser usados nos projectis de 75 e 77 m/m, permittindo o tiro rapido de interdição, surpresa e infecção.

— Não é tarefa difficil, pelo passado, fazer o prognostico da guerra futura. Quem tiver lido os auctores modernos, acompanhado a tendencia dos povos e os verdadeiros milagres da chimica moderna, poderá affirmar, com segurança, que a guerra futura será por excellencia, — electro-aéreo-chimica —, guerra de destruição de povo contra povo e não de exercito contra exercito, como outróra.

Aniquilar o adversario por todos os meios possiveis, destruil-o, impossibilita-lo, emfim, de agir em todos os ramos de sua actividade é, sem a menor duvida, a sua finalidade, apezar de todas as utopias condenadas em convenções, tratados e etc.

Pelos artigos 170 e 171 do Tratado de Versailles o emprego dos gazes de combate foi completamente interdito; no entanto isto não é razão para, no futuro, nos sentirmos com segurança, porque a Convenção de

Haya, em 1898, já o havia feito e o seu emprego pelos allemães, em 1915, obrigou os alliados, sob pena de inferioridade patente, a imital-os.

Devemos ter em vista sempre a phrase expressiva da Comissão de Chimica da S. D. N. constatando que centenas de substancias chimicas estavam sendo cuidadosamente estudadas com essa finalidade e cuja preparação nas usinas, durante a paz, poderia ser feita e modificada em poucas horas. Assim se manifestou a commissão: "Ha perigo de morte para um povo dormir confiado nas Convenções Internacionais, parecendo, pois, essencial á commissão, que as populações saibam a terrivel ameaça que paira sobre as suas cabeças".

Pelo sentido dessas palavras podemos concluir sobre o futuro da guerra chimica, tanto mais que todas as nações belligerantes conservaram seus órgãos de estudo e preparação para esse genero de guerra ou, pelo menos, para as suas defesas.

Nos Estados Unidos são votados, em média, 10 milhões de dollars para o "Gaz Service" e um verdadeiro exercito de especialistas trabalham em laboratorios completos, estudando cuidadosamente o assumpto.

Na França, na Inglaterra, Japão e principalmente na Russia o assumpto é tratado com o maior interesse e sem olhar despesas. Nesse ultimo paiz os creditos, tendo em vista essa finalidade, são exaggerados.

Em Odessa ha laboratorios perfeitamente aparelhados, onde também são feitos estudos sobre a guerra microbiana. Esta, aliás, foi tentada pelos allemães durante a guerra europeia, sem resultados satisfactorios.

A guerra microbiana está, ao que parece, em sua phase inicial, porquanto as experiencias, ao que se póde apurar até hoje, não foram coroadas de completo exito.

Devemos ter em vista, sempre, que não ha exemplo de um methodo de guerra efficiente, isto é, dando grande rendimento, ter sido posto de lado e abandonado.

O ataque pelos productos aggressivos dando um rendimento maior, não poderá ser posto de parte para o futuro.

Para o aniquilamento do adversario ha, evidentemente, uma primeira vantagem: a economia. Na guerra de 1914-1918, no principio, o inimigo era visivel o que permittia um pequeno dispendio de munições. Quando, porém, os exercitos se abrigaram e construíram as suas trincheiras, o dispendio de munições attingiu taes proporções que as usinas dos belligerantes não podiam dar vassão ao enorme consumo.

O adversario deveria, então, ser aniquilado de outra maneira, problema este que pode ser resolvido pelo gaz que, penetrando em abrigos e trincheiras á prova de estilhaços, vinha reduzil-o á impotencia.

Essa economia consistia, assim, em uma efficacia muito maior, empregando o mesmo peso de materia, pois que si carregarmos uma granaada com o mesmo peso de gaz ou explosivo, constataremos que a efficacia para o explosivo não vae além de uma centena de metros, ao passo que para o gaz a duração do effeito póde perdurar até 8 dias, numa zona muito mais extensa, sem comparação possivel, como é o caso da yperite.

Foi essa vantagem que fez com que se empregassem, já no fim da guerra, bombardeios mixtos, isto é, de 60 a 70 % de projectis toxicos.

Outro factor importante para o futuro da guerra chimica é, sem duvida alguma, a organização industrial em tempo de paz. Para comprovar essa affirmativa podemos citar o exemplo da Alemanha, cujas usinas, com a mesma aparelhagem da paz e apenas modificando operações de fabrico e materias primas, puderam abastecer em productos chimicos o seu exercito, com manifesta superioridade sobre os alliados.

Como as indústrias químicas tomam dia a dia maior incremento, não devemos ter illusão para o futuro, porquanto no momento da moniliação uma simples mudança da technica do fabrico, permittirá á Nação a mais perfeita organização industrial o que, certamente hoje, constituirá uma evidente superioridade no terreno da efficiencia militar de um Paiz.

B) — CLASSIFICAÇÃO PHYSIOLOGICA E TACTICA DOS GAZES DE COMBATE

Pelos seus effeitos physiologicos os gases podem ser classificado em.

a) Irritantes : externutatorios lacrimogeneos

Como exemplos typicos de esternutatorio temos a "difenilchloro-arsina", que é solida; a dichloroetilarsina, liquida e a dibromoetilarsina tambem liquida, todos empregados em granadas, tendo a porpriedade de atacarem violentamente as mucosas buccal e nasal, provocando espirros, tosse, vomitos e etc.

Como lacrimogeneo o mais usado é o brometo de benzilla, liquido, encerrado em granadas, ou empoulas, de effeito irritante sobre a vista, produzindo lagrimas, cegueira transitoria ou definitiva, conforme o gráo de concentração e tempo de acção.

b) Suffocantes:

O chloro, gaz usado em vagas, fosgenio (oxichloreto de carbono), gaz, bromacetona, palite, surpalite, liquidos, usados em granadas.

Quando attingido por elles, o homem é atacado de tosses e suffocações e, se a dose é forte, destróem as paredes do pulmão, produzindo grande soffrimento e morte, principalmente nas pessoas maiores de 40 annos.

c) Vesicantes:

As arsinas chloradas e bromadas, liquidas, empregadas em granadas. Yperite, tambem liquida, em granadas.

Esse typo de gaz tem acção sobre a pelle e mucosas, principalmente nas axillas e outras partes humidas do organismo.

Produzem irritação, coceira, queimaduras em geral, bolhas. São gazes de difficil defesa e deram grande percentagem de baixas, durante a ultima guerra.

d) Toxicos:

O acido cyanhydrico, liquido; oxido de carbono, gaz altamente toxico, fazendo parte na proporção de 700 % do gaz produzido pelo arrebentamento de 1 kilo de explosivo moderno.

Esse gaz produz intoxicação violentissima e fulminante, visto se combinar com a hemoglobina do sangue, impedindo, assim, a combinação do oxygenio com esta, por formação de composto estavel.

Conforme acabamos de vêr, embora ligeiramente, os diversos gazes empregados possuem acção physiologica differente, sendo usados de varias maneiras.

São grupadas em diversos typos de accordo com os symptomas e effeitos que produzem:— de ordem circulatoria, digestiva, urinaria e nervosa para os *suffocantes*;— oculares, cutaneos, respiratorios, digestivos, renaes, nervosos, para os *vesicantes*;— lacrimogeneos e esternutatorios para os *irritantes*.

Ha fórmias fulminantes, dependendo sempre do gráo de concentração no ar e da persistencia da intoxicação.

O effeito produzido pelos gazes, dessa maneira, não pode ser identico para um bombardeio a céu aberto ou sobre abrigo ou trincheiras.

Cumpré, pois, diagnosticar rapidamente, mesmo porque o diagnostico differencial é difficil para os gazes em geral, a não ser os vesicantes, uma vez que sejam emittidos misturados, o que, aliás, era commum.

O diagnostico passa a ser, assim, um diagnostico de probabilidade.

O tratamento tem que se limitar, por conseguinte: suspender a acção do toxico; eliminal-o do organismo; curar e prever a marcha das lesões. Collocação da mascara e evacuação do gazado para a atmosphera pura, devem ser os primeiros cuidados.

Em seguida levar a effeito o tratamento preconizado para os symptomas de cada cathegoria de gaz.

Sob o ponto de vista tactico podem os gazes ser classificados:

a) *Fugazes*:

De pequena persistencia, rapidamente evaporados, porquanto essas substancias têm o ponto de ebullicão proximo ou igual á temperatura ambiente.

b) *Persistentes*:

logo aggressivos

de effeito lento, podendo perdurar a sua acção até 8 dias, como é o caso da Yperite.

c) — CONHECIMENTOS GERAES SOBRE CADA GAZ

Como já tivemos occasião de ver o primeiro gaz empregado foi o Chloro, (Cl), gaz amarello esverdeado, de cheiro suffocante, facilmente soluvel n'agua, muito mais denso que o ar (2,5), ficando, dessa maneira, muito rasteiro. Foi usado em vagas.

Logo depois, em Junho de 1915, foi lançado o brometo de benzilla (C_6H_5)₂, liquido, incolor, de cheiro agradável, pouco toxico, lacrimogeneo por excellencia.

Fosgenio (CO. Cl₂), (oxychloreto de carbono), liquido, muito fugaz.

Yperite (assim denominada por ter sido usado pela primeira vez na

região de Ypres, em 1917), sulfureto de etilla diclorado $\left(S \begin{array}{l} \diagup CH_2 CH_2 Cl \\ \diagdown CH_2 CH_2 Cl \end{array} \right)$

liquido, incolor, cheiro caracteristico de mostarda (donde o seu nome de *gaz mostarda*), não muito forte, muito persistente no terreno, perigosissimo pelos seus effeitos.

Acetonas bromadas (CH₃ CO CH₂ Br), liquidas, tambem muito persistentes.

Arsinas-dichloro methyl arsina (C₂ H₅ As Cl₂), liquidas com cheiro semelhante ao ether, incolor, bastante persistente em solo secco, vesicante e lacrimogeneo.

Diphenichloroarsina ($C^6 H_5$)² As Cl-pastoso, pouco persistente e volatil.

Cyanureto de diphenil arsina ($C^6 H_5$)² As CAz-solido, muito toxico, e esternutatorio.

Chloroformiatos de metilla mono e trichlorados-liquidos, incolores, pouco persistentes, de odor caracteristico desagradavel, muito toxicos suffocantes.

D) — VAGAS, PROJECTIS E BOMBAS

Nos primeiros mezes do emprego dos gazes esses, como vimos, eram emittidos em vagas, antecedendo aos assaltos á bayoneta.

Formava-se uma nuvem rastejante ao solo, emvirtude de ser mais pesada que o ar, attingindo trincheiras, abrigos, crateras de granadas, onde muitas vezes se abrigavam os soldados.

Essas vagas, conforme ás necessidades tacticas podiam ser *fugazes* ou *persistentes*.

Os gazes mais usados foram o chloro, o fosgenio, aos quaes se juntava o tetrachloreto de estanho (opacite) que, augmentando a opacidade da vaga, difficultava e mesmo impedia a observação.

Os gazes para a vaga eram acondicionaods em cylindros de ferro, de 3 typos — no exercito francez —, correspondendo a tres capacidades differentes (40,25 e 15 kilos).

Esses cylindros eram providos de torneira ligada a um tubo flexivel de chumbo em cuja ponta havia um tubo rigido, chamado "lança".

A preparação e a emmissão eram feitas pelas chamadas companhias Z (actuando sobre uma frente de 1 km) destinadas exclusivamente a esse serviço, auxiliadas por soldados de infantaria e engenheiros.

Uma vez preparados os abrigos e trincheiras, collocados os cylindros, eram as pontas das *lanças* levadas aos parapeitos e abertas as torneiras, as vagas iniciadas.

Essa emissão, porém, conforme já tivemos occasião de verificar, ficava na dependencia das condições atmosphericas; direcção e velocidade do vento, humidade do ar, pouca insolação e etc.

Dependendo de tantos factores diversos foi a vaga de gaz breve substituida, com vatagem, pelos chamados *projectis toxicos*.

Eram granadas contendo substancias toxicas, solidas ou liquidas capazes de, no arrebetamento, pulverisal-as, produzindo intoxicações na tropa.

A principio foram empregadas as lacrimogeneas (brometo de benzilla), mais tarde as cetonas chloradas e bromadas, fosgenio, a terrivel yperite, as arsinas e etc.

Dando um optimo rendimento o projectil mais empregado pelos belligerantes, principalmente nas phases semi-final e final da grande guerra.

Havia, assim, dois typos de granadas: as fugazes e as persistentes.

As primeiras eram de acção prompta e violenta; as segundas de effeito retardado. Os calibres eram os de 105, 77, 210 m/m, para as allmães; 150, 105, 75 m/m para as francezas.

Os allemães usavam tambem granadas de "cruz azul", contendo arsinas; de "cruz verde" contendo mistura de diphenil-chloroarsina, fosgenio e chloroformiato de metilla trichlorada.

Os francezes empregaram, tambem, granadas de diversos yperite

com misturas mais ou menos secretas, á base de chloropicrina, ypeite, acido cyanhydrico, fosgenio, etc.

As granadas toxicas possuam, como todas as granadas, carga de arrebetamento, sendo forradas internamente por vidro afim de conter a substancia aggressiva.

Além das granadas foram utilizadas ainda, e com optimos resultados, bombas lançadas por aviões.

Essas bombas são, ao mesmo tempo, explosivas e toxicas, de grande poder intoxicante e destruidor.

De modo geral as mais usadas foi a yperite, cujo rendimento em relação ás outras, foi incontestavel.

Existem varios typos de bombas: francezas, allemães e inglezas, todas ellas com as mesmas características: corpo de bomba, contendo a carga explosiva-toxica; azas, cauda, detonador e etc.

Foram construidas, tambem, bombas incendiarias, sendo as "Elektron" allemães, á base de aluminio, poderosissimas, desenvolvendo calor formidavel e quasi impossiveis de serem extinctas.

E) — A TACTICA DOS GAZES E A SURPRESA TECHNICA:

Os processos de tactica moderna soffreram remodelações e modificações profundas, durante a ultima guerra.

O emprego tactico dos gazes desenvolveu-se de tal forma, pelo uso, que teve sobre aquelles influencia, por assim dizer, decisiva.

Como já ficou dito os gazes eram manejados por especialistas, — companhias Z — que para isso foram propositadamente creadas.

A preparação do terreno, da vaga, reconhecimento dos gazes e os meios de defesa e ataque eram feitas por ellas.

No exercito francez essas companhias compunham-se de 3 secções, operando numa frente de 1 kilometro.

Formavam batalhões a 2 cias. e grupos a 2 batalhões.

Agiam atacando o inimigo por meio do gaz e consequente assalto á bayoneta.

Quando se tratava de destruir o inimigo pelo gaz, este era emitido para effeitos persistentes, emissão que durava duas horas.

Dessa maneira obtinha-se primeiramente a surpresa e a desmoralisação da tropa, depois, prolongando a emissão, conseguia-se intoxicações mais ou menos violentas e, finalmente, procurava-se alcançar tambem a tropa da rectaguarda, a artilharia, os serviços, etc.

Nas trincheiras da frente empregou-se, tambem, effeitos de surpresa, obtidos com emissões fugazes até 15 minutos.

Nas pequenas frentes, quando a preparação de artilharia para o ataque era difficil, usava-se o gaz, em ataques parciaes, a emissão durando 8 a 10 horas, o que esgotava o rendimento util das mascaras.

A essa emissão seguia-se o ataque á arma branca.

Para que se obtivesse o emprego tactico perfeito e a surpresa technica desejada era absolutamente necessario, que a perparação do terreno e do material fossem cuidadosamente feitas, devendo-se, naturalmente, tomar as precauções exigidas para a perfeita dissimulação, transporte do material e, ainda, levar em consideração as condições atmosfericas, a frente a bater etc.

O emprego das granadas toxicas era feito pelos meios ordinarios, isto é, pelo canhão commum, morteiros de acompanhamento, lança bombas de espoleta e disparo electricos, etc.

Obtinham-se assim nuvens toxicas em tiros de neutralisação, interdição, infecção, dependendo a quantidade de projectis, tambem do terreno, condições atmosfericas, emprego tactico e characteristics do gaz.

F) — PROTECÇÃO INDIVIDUAL E COLLECTIVA CONTRA OS GAZES:

Quando foram lançadas as primeiras vagas de gaz, com enorme surpresa para a tropa, estava esta completamente desprovida de meios de defesa.

Dessa maneira os efeitos foram terriveis e, de accordo com as estatísticas do E. M. francez, toda uma Divisão foi posta fóra de combate.

Identificado o gaz como sendo o chloro, quarenta e oito horas depois, pelo Laboratorio Municipal de Paris, foi aconselhado como primeiro meio de defesa, de emergencia, o uso de tampões de gaze e algodão, embebidos em soluções de carbonato e hypo-sulfito de sodio, que eram collocados na bocca e nariz dos combatentes, neutralizando, assim, os efeitos daquelle gaz sobre os bronchios e os pulmões.

Aparado o golpe, era necessario o emprego de um outro gaz, sobre o qual aquelles neutralisantes não tivessem acção.

Para isso os allemães lançaram o lacrimogeneo, isto é, o brometo de benzilla.

Rapidamente identificado procedeu-se a substituição dos tampões primitivos por outros embebidos em oleo de ricino, cujas propriedades absorventes e fixantes, juntas ao uso de oculos, conseguiram neutralisar o ataque.

Mas os tampões eram de difficil uso, porquanto sendo o oleo de ricino muito espesso prejudicava a respiração, impedindo assim que fossem usados durante muito tempo o que se fazia myster quando os bombardeios eram prolongados.

Foi creado, então, a mascara propriamente dita. (M dos francezes) que, além da acção physica, era munida de um tambor filtrante, removivel, podendo ser renovado, onde, além dos neutralisantes já citados, foi usada uma camada de carvão pulverisado, substancia de alto poder absorvente, neutraizante e, principalmente fixador.

Neutralizados assim os terriveis efeitos do gaz, os allemães trataram de empregar substancias solidas, finamente pulverisadas que, no momento do arrebentamento do projectil, espalhavam-se em pó impalpavel pela atmosphaera.

Esse pó, atravessando o filtro da mascara, produzia sobre os combatentes efeitos esternutatorios e irritantes muito violentos, obrigando-os, afim de poderem espirrar e tossir, a retirar as mascaras.

Em seguida um bombardeio altamente toxico, de substancia violenta, era lançado, causando, assim, innumerar baixas.

Essas substancias esternutatorias, como já vimos, eram á base de arsenico. A sua acção foi evitada collocando-se nos tambores filtrantes das mascaras uma camada de algodão hydrophilo, filtro sufficiente para reter, mecanicamente, o pó impalpavel contido na atmosphaera.

Infelizmente, porém, em 1917. com o emprego da yperite pelos allemães, pouco, relativamente, podiam fazer as mascaras, dado o seu efeito vesicante.

Com efeito, essa substancia, agindo sobre toda a superficie do corpo, principalmente nas partes humidas, produzia queimaduras, que, embora benigna na maioria dos casos, punha fóra de combate os soldados attingidos, numa proporção alarmante:

Pensou-se em adoptar vestimentas especiaes, embebidas em oleo de linhaça e outras substancias, todavia sem resultados apreciaveis.

Foram tambem empregadas pomadas neutralisantes, á base de chloro de calcio, estearato de zinco, etc., todas de precario emprego, pois que, pelo contacto e attrito das roupas, desappareciam da superficie da pelle, deixando-a logo sem protecção.

Pode-se concluir que, para esse typo de gaz, está o problema ao que se sabe insolúvel.

Que diremos, então, do Lewvisita americano, esternutatorio, suffocante, vesicante, ... ao mesmo tempo?

Toda mascara se baseia, em principio, num filtro neutralisante, num apparelho isolante e valvulas.

E' innegavel que a mascara diminue o poder de combatividade de 20% a 30%, inconveniente relativo de ordem militar; relativo, porque, sem a mascara a intoxicação é certa.

O uso da mascara no principio causa disturbios respiratorios, incommoda, difficulta a visibilidade, provoca o entorpecimento e até o somno, diminuindo consideravelmente a agilidade.

A correcta collocação da mascara é uma operação importante, porquanto, só quando bem collocada, é que ella offerece completa protecção, sendo necessario, pois, em tempo de paz um treinamento progressivo afim de habituar o homem com a collocação e o uso.

Diz o nosso regulamento: "é preciso, pois, habituar os homens ao seu porte, em atmosfera natural, em tempos que vão crescendo a partir, por exemplo de 10 minutos.

Sómente depois de usar a mascara sem constrangimento, por mais de uma hora, se abandonará a atmosfera natural para se passar á infectada.

Só assim será adquirido o habito, do porte da mascara e, tal acontecendo, o homem terá na protecção que ella dá, a maxima confiança."

A mascara T. B. preenche, pela sua construcção, perfeitamente a sua finalidade, sendo mesmo, em alguns detalhes, superior a algumas estrangeiras conhecidas;

Na protecção collectiva contra os gazes, o problema apresenta difficuldades muito mais sérias, não só de ordem tactica como, principalmente, de ordem technica.

No ponto de vista tactico o problema consiste no aproveitamento perfeito do terreno e, principalmente, no escalonamento da tropa, distribuindo-a de maneira que seja evitado, o menos possivel, o contacto com o producto aggressivo.

Inumeros meios e processos foram postos em pratica ou propostas para a protecção collectiva, porém, o que melhores resultados apresentou, embora imperfeito, foi a construcção de abrigos collectivos especiaes. Estes eram revestidos de paredes duplas, com chaminés de aeração, facilmente obturaveis, forrados de télas sobre as quaes eram pulverisadas soluções de liquidos neutralisantes, taes como o carbonato e hyposulphito de sodio.

No tecto desses abrigos eram abertos filtros que diminuindo de diametro de cima para baixo, eram feitos com camadas neutralisantes — filtrantes de galhos e folhas, terra vegetal e carvão absorvente.

A passagem do ar por esses filtros era forçada por meio de bombas es-
peciaes.

Quando a renovação de oxygenio do abrigo, não era possível por meio
de filtro, empregava-se, então, o processo de produção artificial, o que
era feito pelos meios conhecidos, isto é, oxygenio comprimido em cylindros,
oxylito, chlorato de potassio, etc.

(Continúa)

Livros que fazem falta em qualquer bibliotheca

<i>Manobras da Circumscripção Militar</i> (Setembro de 1931 sob a direcção do Gen. Klinger.....	4\$000
<i>Ensinamentos tacticos sobre a D. I. na offensiva —</i> Ten. Cel. Gentil Falcão.....	3\$000
<i>A Defesa Nacional —</i> Ten. Cel. Gentil Falcão.....	5\$000
<i>Operações de um D. I. durante a Grande Guerra</i> , Gen. Gamelin e Cmt. Petibon.....	12\$000
<i>A batalha de St. Quentin-Guise</i> , Ten. Cel. Langlet	6\$000
<i>Impressões do estagio no exercito francez —</i> Ten. Cel. Magalhães.....	2\$000
<i>Manual de licenças</i> , Cap. Silva Barros.....	7\$000
<i>Combate de infantaria</i> , Major Soares dos Santos	6\$000
<i>Os pombos correios e a defesa nacional</i> , Dr. Freitas Lima.....	3\$000
<i>Pela gloria de Artigas</i> , Cap. Salgado.....	6\$000
<i>Formulario do Contador</i> , Cap. José Salles.....	4\$000

Nos preços não incluimos o porte.

Os pagamentos das assignaturas devem ser feitos adean-
tadamente e começam com o numero de janeiro ou de julho.

BANCO DO BRASIL-RIO

TAXAS PARA AS CONTAS DE DEPOSITOS

<i>Com Juros (sem limites).....</i>	2 % a. a.
Deposito inicial Rs. 1:000\$000. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores a esta ultima quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias da data de abertura.	
<i>Populares (limite de Rs. 10:000\$000).....</i>	3½ % a. a.
Deposito inicial Rs. 100\$000. Depositos subsequentes, minimos Rs. 50\$000. Retiradas minimas 20\$000. Não rendem juros os saldos: a) inferiores a Rs. 50\$000; b) excede antes ao limite; c) encerrados antes de decorridos 60 dias da data da abertura. Os cheques desta conta estão isentos de sello desde que o saldo não ultrapasse o limite estabelecido.	
<i>Limitados (limite de Rs. 20:000\$000).....</i>	3 % a. a.
Deposito inicial Rs. 200\$000. Depositos subsequentes minimas Rs. 100\$000. Retiradas minimas Rs. 50\$000. Demais condições identicas aos Depositos Populares. Cheques sellados.	
<i>Prazo fixo de 3 a 5 mezes 2½ % a. a. — de 9 a 11 mezes de 3½ % a. a.</i>	3½ % a. a.
<i>6 a 8 mezes 3 % a. a. — de 12 mezes.....</i>	4 % a. a.
Deposito minimo Rs. 1:000\$000	
<i>De aviso.....</i>	3 % a. a.
Aviso previo de 8 dias para retirada até 10:000\$000, de 15 dias até 20:000\$000 de 20 dias até 30:000\$000 e de 30 dias para mais de 30:000\$000. Deposito inicial Rs. 1:000\$000.	
<i>Letras a premio (Sello proporcional).</i>	
Condições identicas aos Depositos a Prazo Fixo.	

PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

Manual do Granadeiro.....	3\$000
Mementos de ordens (1.º).....	3\$000
» » » (2.º).....	1\$500
» » » (3.º).....	1\$500
» » » (8.º).....	1\$500
» » » (9.º).....	1\$500
» » » (10.º).....	1\$500

Pelo correio mais \$500.

Secção de Infantaria

Redactor: Floriano Brayner

Auxiliares: Segadas Vianna
Nilo Guerreiro
Manoel Guedes
Coelho dos Reis
Ignacio Rolim

Lendo a Revista de Infantaria (franceza)

Major F. BRAYNER

I — Acabamos de receber o numero de Novembro desse utilissimo órgão tecnico de publicidade, repleto como os anteriores, da mais variada e interessante materia, firmada por nomes do mais alto conceito no Exercito francez. Em o nosso ultimo numero tivemos oportunidade de dizer do valor da collaboração estampada em suas paginas, que sempre traduz as directrizes doutrinarias, em curso na Infantaria Gauleza.

O numero de Novembro, estampa em sua pagina de honra sentida homenagem ao glorioso Monarcha Alexandre I da Yugo-Slavia, recentemente assassinado em Marselha. E' uma homenagem de soldado a outro grande soldado. Ha, porem, de permeio, uma apreciação altamente honrosa para o valoroso povo Servio, que aqui transcreveremos:

"Queremos simplesmente, aqui, em nome de todos os infantes da França, inclinar-nos diante do tumulo de um heróe, chefe de uma das primeiras infantarias do Mundo, que a lenda não nos apresenta montado num cárcel fogoso, nem nas pompas theatraes, mas, de pé, no meio dos seus homens, na bôa como na má sorte, nos campos da victoria e nas estradas de exilio, simples e grave, muito bom, muito direito, muito puro".

II — O problema da defesa nacional apresenta-se sob um aspecto extremamente complexo na epoca contemporanea. Assim o encaram a França, a Allemanha, Russia, Italia e outras potencias mais. A impossibilidade de manter sob bandeiras as multidões armadas, criou a necessidade de preparar e manter em estado de efficiencia as reservas nacionaes, contando para isto, com a cooperação de todas as camadas sociaes.

Na França constituiu-se a União Nacional dos Officiaes de Reserva, cujo Congresso, recentemente reunido em Paris, ouviu a palavra serena e elevada do Marechal Petain, Ministro da Guerra. A allocução produzida pelo grande Chefe francez está integralmente transcripta na Revista. Caracterisa-se pela sinceridade com que aborda as responsabilidades do official de reserva, pintando com vivacidade e emoção, o quadro em que se deverá encaixar a actividade de cada um, para poder alcançar o fim collimado. Interessa, muito em particular, aos nossos quadros de reserva, aos C. P. O. R. e a todos que dedicam alguns instantes de meditação a tão relevante problema de solução embryonaria entre nós. Diz o General Petain:

"A ultima Guerra já affirmou o papel capital dos quadros de complemento, dentro da nação em armas. Este papel tende para ampliar-se no futuro, visto que as reservas constituem uma parte cada vez mais importante do exercito mobilisado.

Sómente, é preciso que se diga: se a heroica phalange dos nossos quadros de reserva conseguiu cumprir a sua tarefa, de 1914 a 1918, é que a duração das hostilidades lhes permittiu adaptar-se progressivamente ás condições da luta. A proxima guerra explodirá com a violencia de um raio; encontrar-vos-á ella, capazes de desempenhar a missão de conductores de homens, desde o primeiro dia?

Vós, que fazeis parte dos elementos fronteiriços, que sereis chamados a constituir a cobertura, tereis apenas algumas horas para correr aos vossos postos de combate e accionar, instantaneamente, os roteiros technicos, delicados, que tereis de applicar".

Lembra, ainda, a situação dos designados para as formações da defesa aerea do territorio e todos os outros que deverão correr ás diversas funções nas unidades das reservas geraes ou parciaes. Diz mais:

"O official de reserva chega ao seu posto como um desconhecido, e deve impor-se desde o primeiro momento, pela firmeza das suas attitudes. Impõe-se-lhe improvisar esta "arte de commandar", arte delicada cujo fundamento, de ordem essencialmente psychologico, visa inspirar e ganhar a confiança dos subordinados".

"A arte de commandar se adquire pela pratica. Os cursos e conferencias de que participastes em tempo de paz não terão nenhum valor, se os ensinamentos decorrentes não forem transportados para o dominio da applicação. E sereis bem inspirados se consentirdes, por vezes, em suspender os vossos trabalhos profissionaes, e vos decidirdes a acompanhar, com os corpos de tropa da vossa guarnição, os exercicios de treinamento relativos á vossa função militar".

"Assim, Senhores, podereis conduzir vossa tropa ao fogo, como o fizestes nas manobras, aptos, desde a primeira hora, a obter um rendimento util nas condições de surpresa e brutalidade que caracterisarão o inicio dos conflictos futuros.

Lembra o velho cabo de guerra francez "que toda a nação é chamada a participar do perigo, e o paiz deverá estar prompto a supportar, sobre o conjunto do seu territorio, a prova terrivel d'um ataque inopinado".

Reporta-se ainda ao que hoje se pratica na Allemanha, na Russia e na Italia, em que a aprendizagem da disciplina e da formação militar, é iniciada na escola, pelo enquadramento da juventude masculina, treinado na profissão das armas e inflamada no ardor patriotico. D'ahi resulta que, ao chegar á caserna, já traz um ideal civico elevado, restando apenas o trabalho de aperfeiçoamento technico. Relembrando o papel do official:—instructor e educador—para treinar os homens, dar-lhes saúde physica e vigor moral, accentua que a coisa militar, que constituia outróra uma especialidade, se tornou, hoje, de interesse publico: "os povos entrarão na liça, em bloco".

Encerrando a sua calorosa exhortação diz, finalmente:

"Manter e propagar, comnosco esse culto, collaborar assim na educação patriotica da Nação, e na força do Estado, tal é, meus caros camaradas, em tempo de paz, a alta missão do Corpo de Officiaes da Reserva".

Todo o trabalho desse nobre soldado da França é, assim, vasado na mais eloquente linguagem, nascida da sua grande e amarga experiencia e na expectativa d'um futuro cheio de inquietações.

III — O artigo que se segue: "A 53 D. I. e os Thecoslovacos em Terron — s/Aisne", — é uma exposição detalhada e cheia de valiosos ensinamentos, da ultima phase da grande guerra, no mez de Outubro de 1918, quando os Allemaes cediam terreno, palmo a palmo, n'uma ultima e desesperada resistencia.

O trabalho é da autoria do Commandante Preininger, do Exercito Thecoslovaco, que pertenceu ao 21.º R. I., parte integrante da 53.ª D. I.

Essa Divisão distinguio-se, sob o commando do Gen. Guilhemina na conquista de uma cabeça de ponte, no Aisne, na frente de Terron e Vandy.

As acções que se desenrolaram, então, entre 15 de Outubro e 1.º de Novembro, constituem o assumpto capital do trabalho do Cmt. Preininger.

No dia 9 de Outubro a D. I. foi transportada em caminhões para o

Campo de Chalons, no momento exacto em que se iniciava a grande retirada allemã. Parte integrante do Vº Exercito, no dia 15 de Outubro recebeu ordem de substituir a 48.^a D. I. na frente de Voncq-Vrizy. Articulou-se n'uma posição de espera e passou aos reconhecimentos em todos os escalões (Brigadas, R. I., Btls), para a substituição, sem modificação do dispositivo. O autor não desce a detalhes sobre essa operação, cujos movimentos se consumaram na primeira parte da noite de 15 para 16. Feita a substituição, a D. I. recebeu ordem de se manter prompta para transpor o Aisne a viva força, e organizar, na margem direita, uma cabeça de ponte, nas alturas entre Terron e Falaise.

No dia 17 o Cmt. da Divisão expede as suas ordens para o clarear do dia immediato, devendo a operação comportar duas phases.

Na 1.^a phase a missão consistia na conquista da aldeia de Vandy e d'uma crista ao Norte, em ligação com a 134.^a D. I. Ulteriormente, progressão na direcção de Alleux e Chesne.

Ação por surpresa, antes do clarear, sem preparação, devendo a hora H ser communicada posteriormente. Os detalhes da ordem de operações, bem como a manobra concebida para a transposição do Aisne na região de Vrizy, são todas de um grande interesse. A ordem da D. I. desce a detalhes para a conquista de Vandy e da cota 153, regulando até mesmo o mecanismo do ataque dos Btls.

A 2.^a phase, regulada por uma outra ordem de operações, apresenta um aspecto original: a sua expedição se verifica antes mesmo de desencadeada a 1.^a phase e sem o conhecimento perfeito das possiveis reacções do inimigo. A 1.^a ordem foi expedida ás 11 horas do dia 17, e a 2.^a ás 18 horas e 30, desse mesmo dia. A ideia de manobra para a 2.^a phase, é assim redigida:

— Alargar progressivamente a cabeça de ponte, supposta conquistada na 1.^a phase.

Na 1.^a phase toma parte apenas a 106.^a Bda. (319º e 205º R. I.); na 2.^a phase, toda a D. I.

Iniciadas as operações pela manhã do dia 18, na tarde desse mesmo dia o 319º R. I. já havia realizado a transposição do Aisne e se apoderado de Vandy, em operação vigorosissima. A noite de 18 para 19 passa-se em postos avançados de combate, localizados face ás direcções perigosas.

A resistencia notavel dos allemães surprehende entretanto, o Com-mando Alliado, dando margem á expedição de novas ordens. O autor se detem, em seguida no estudo da 2.^a phase, focalizando em particular o trabalho do 21º R. I. Thecoslovaco. Os Btls. desse R. I. fazem prova d'uma energia absolutamente admiravel, em meio de mil obstaculos criados a cada momento pelo inimigo em retirada, que não perdia oportunidade para contra-atacar.

A intensidade das operações descriptas nos minimos detalhes, prende a attenção pelo realismo com que o autor pinta o quadro, Comprida essa missão offensiva, a 22 de Outubro o 9º Corpo de Exercito passa á defensiva activa.

A missão da 53.^a D. I. é, nessa phase, conservar a todo custo as posições attingidas, preparando-se para retomar o movimento para a frente.

Assim permaneceu até 31 de Outubro, sob forte pressão dos allemães. A partir de 29, a D. I. foi substituida; e no dia 1 de Novembro se encontrava reagrupada na região de Saint-Souplet.

Atravez dos relatos do Cmt. Preininger, verifica-se uma fonte magnifica para o melhor julgamento do conjunto das operações; os relatorios allemães sobre as operações desse Sector, diante do qual operavam

a 199.^a Divisão e a 4.^a Bavara, sob o commando do General Wild von Hohenborn.

O Cmt. Preininger encerra o seu utilissimo estudo, com uma serie de conclusões.

Resalta a actuação dos allemães no aproveitamento perfeito do terreno, alliado ao emprego efficientissimo das armas automaticas, bem abrigadas e desenfiaadas. Todavia, é curioso constatar-se que, só excepcionalmente se chegava ao corpo a corpo, salvo nos combates de rua, em que se tornava necessario lutar, para a conquista de cada polegada de terreno. Os allemães deram a perfeita noção da resistencia a todo custo, agarrados ás suas metralhadoras, até os ultimos instantes.

Quanto ao trabalho das armas, no conjunto da 53.^a D. I., é notave a predominancia da Infantaria, pelo emprego das suas metralhadoras, em todas as phases das operações.

E' interessante, tambem, constatar-se a apreciação do commando allemão sobre o modo de fazer face a um ataque francez. Elle sustenta que os francezes atacam principalmente pelos fundos, aos quaes é necessario, em consequencia, attribuir uma importancia especial. Os pontos fortes da defesa devem ser installados nos flancos, assim como as reservas, afim de tomar o assaltante n'uma especie de tenalha, que lhe tornará de todo impossivel a progressão. O Cmt. Preininger discorda, entretanto, da opinião do Commando Allemão.

As suas ultimas expressões são de glorificação dos feitos dos Tchecoslovacos, na França.

IV — Sob o titulo: "Folhetos destacados de um Carnet de campanha", o Commandante M. dá a publicidade mais alguns trechos de suas interessantes observações, em continuação a outros já apparecidos na Revista, em Outubro de 1933 e Junho de 1934. Desta vez as suas observações incidem sobre o periodo de 2, de Junho de 1918 a 19 de Novembro desse mesmo anno. Naquella data, assignalava-se o fim do retrahimento dos alliados.

As linhas escriptas, então, revelam a agitação dos espiritos e não escondem um certo pessimismo, caracteristico desses momentos de crise.

A proposito do espirito combativo, diz:

"A guerra de trincheira, a immobilidade prudente, aliás, justificada, por vezes, enraizaram nos espiritos o temor da reacção e diminuiram a aggressividade.

"Na linha de combate, fazer a guerra quer dizer — matar —. A attenção de todos deve convergir para esta obrigação primordial. Na tarde do dia mais tragico, ouviám-se estas palavras: "Estamos vencidos".

De tudo concluía-se que a parada indefinida fôra deprimente, humilhante e destruidora de energias.

O sentimento do dever inspira-lhe as seguintes expressões: "Individuos e unidades falharam no seu papel. Houve revezes desconcertantes, fadiga extrema, acabrunhamento; homens que não se alimentaram sufficientemente; outros que bebiam demais. Houve egualmente, fallencia da autoridade. O valor da tropa é inteiramente funcção do valor dos quadros.

Mais ainda do que nos primeiros dias, esses quadros devem ser escolhidos entre individuos manifestamente voluntariosos e bravos. Esta escolha deve ser conduzida com profundo sentimento da realidade".

O autor, nesse primeiro folheto critica, ainda, a instrucção da tropa, assignalando erros que decorriam da sua defficiencia. Diz com certa amargura:

"Lembre-mo-nos de que o avanço, sem aviso ao visinho, é um erro; e que o recuo sem esse aviso, é um crime."

E assim continua as suas observações, de fundo psychologico e sentimental, sem preocupações technicas.

Destacam-se as redigidas a proposito do Armisticio, em 13 de Novembro de 1918 e mais tarde, a 19 de Novembro.

Na primeira sente-se ainda o atordoamento da surpresa, que permitiu vir a tona, em palavras amargas, todo o odio represado: no segundo se retrata o sentimento de orgulho pelo milagre da França victoriosa.

A leitura e a meditação do que o Cmt. M. escreveu, com tanta serenidade e isenção de animo, deixa-nos uma profunda admiração pela verdade dos factos.

V — "Reflexões sobre a instrucção do tiro contra-aviões na Infantaria" é, em seguimento, o trabalho da autoria do Commandante Tritschler. O autor aborda as questões relativas a esse ramo da instrucção dizendo, de inicio:

"De todos os ramos da instrucção, o do tiro contra aviões é, sem contestação, o menos cuidado nos Regimentos; muitas vezes elle é, mesmo, negligenciado".

"Alguns se justificam dizendo que os aviões cumprirão sua missão' geralmente, em altitudes elevadas que, raramente, darão margem ao tiro das metralhadoras. Sem querer demonstrar o erro de semelhante concepção e o perigo que ella encerra, não podemos nos furtar de affirmar que o avião descerá, com muito mais frequencia do que se pensa.

Numerosos autores prevêm que o ataque das tropas no solo, por aviões voando a baixa altitude, constituirá, n'uma guerra eventual, uma das principaes missões da aviação. Assignalam que o ataque á bomba e á metralhadora se fará em condições as mais favoraveis, em vôo rasante, de 3 a 25 metros, podendo o avião tomar de enfiada objectivos como: columnas na estrada ou cadeia de atiradores; impressionar o inimigo pela velocidade apparente e ruido do motor; realizar a surpresa operando em aproximação coberta pela vegetação, pelas casas ou ondulações do terreno".

A esta apreciação summaria podemos, desde logo, accrescentar que, entre nós não ha tambem o menor trabalho nesse ramo da instrucção. Conforta-nos, por isto mesmo, o descaso assignalado pelo autor, no Exercito francez. Depois de uma serie de considerações justificativas, o autor passa em revista os methodos e os meios indicados no Regulamento para unidades de metralhadoras, de 2 de Agosto de 1932. Reporta-se á instrucção preparatoria, aos tiros de instrucção, e aos tiros de combate, transcrevendo todas as indicações daquelle Regulamento.

Estudando os methodos empregados para os tiros de instrucção e de combate, assignala os inconvenientes dos processos regulamentares. Estuda os processos das silhuetas de avião, moveis sobre cabos distendidos entre janellas. Cita a metralhadora photographica e a metralhadora cinematographica; esses doisapparelhos por serem muito custosos e pela difficuldade que o seu emprego apresenta, ainda não foram adoptados para a instrucção da tropa.

Commenta os processos baseados sobre a utilização de raios luminosos, com o auxilio de um jogo de espelhos. Entretanto, esse processo dependeria essencialmente dos dias de sol. Grave inconveniente na França, mas, secundario entre nós.

O Cmt. Tritschler descreve os detalhes do aparelho "de espelhos" e os processos de emprego.

Encerrando a sua util collaboração, o autor faz um appello no sentido de que se forneça o aparelhamento necessario ao treinamento diario da tropa, em sessões inicialmente muito curtas, para pontaria cada vez mais rapida, sobre objectivos, animados de velocidades cada vez maiores. Desenvolver-se-iam cada vez mais, os reflexos indispensaveis para tornar os executantes cada vez mais aptos a escolher, instantaneamente, sua linha de visada e lançar seu feixe de ballas, adiante e sobre a rôta do objectivo, como o caçador faz o seu tiro de fuzil, instinctivamente e quasi sem visar, á frente da caça.

Os exercicios devem ser curtos para não fatigar a atenção e sancionados, para augmentar o interesse dos instruendos".

O trabalho do Cmt. Tritschler está repleto de dados technicos interessantes sobre o assumpto, que entre nós não tem merecido a devida atenção, apesar de alguma experiencia já colhida nas nossas lutas intestinas.

VI — Aparece, ainda, neste numero da "Revista de Infantaria" um trabalho firmado pelo Ten. Cel. Guigues, sob o titulo "A instrucção dos quadros da Infantaria", baseado sobre o estudo de dois casos concretos: um, relativo á defensiva em largas frentes e outro sobre a passagem de linha de um Btl. de 1.º escalão, por um outro de 2.º escalão.

Em ambos os casos o autor formula situações simples e de facil assimilação. No primeiro (defensiva em larga frente), delinea o estudo, no gabinete e no terreno, de um Btl. enquadrado, e que deverá ser conduzido pelo proprio Cmt. do Btl., comportando a seguinte desenvolvimento:

1.º — Reunião geral dos quadros (officiaes e sargentos), no curso da qual será dado conhecimento do thema, da repartição dos Commandos assim como indicações sobre as condições segundo as quaes o trabalho deverá ser conduzido nas unidades:

2.º — Demonstrações schematicas feitas no terreno de exercicio, para facilitar a comprehensão uniforme dos textos a applicar. Uma sessão especial dessas demonstrações será consagrada ao estudo do plano de fogos, sua organização, localização das barragens e seu desencadeamento, no ambito do Btl.

3.º — Uma das demonstrações será aproveitada para dar aos homens uma ideia da potencia de fogo, fazendo uso de cartuchos de festim e de petardos para figurar os arrebrandamentos da Artilharia.

4.º — Estudo do terreno pelos quadros (exercicio de quadros) tendo em vista o problema defensivo proposto.

Operações a examinar em varias sessões:

- Reconhecimento do terreno;
- Plano de fogos;
- Localização dos órgãos de fogo e das organizações;
- Roteiros de tiro;
- Vigilancia e Observação;
- Flanqueamentos.

Numa segunda phase será estudado o combate defensivo na P. R.; acção dos P. A., reservas, etc.

O director de exercicio creará incidentes, no curso das sessões, para resaltar e fixar determinados conhecimentos. Outros detalhes são ainda indicados, para a exploração dos exercicios no terreno, cujo documento base é a ordem de defesa do R. I., estabelecida para o caso concreto.

Em seguida uma terceira serie de exercicios, visando o estudo detalhado da P. R. (linha principal e linha de apoio) e accionamento dos P. A., será realizada, para fazer trabalhar o conjunto do dispositivo montado no terreno.

O estudo relativo á passagem de linha, é conduzido sob a mesma orientação. Criado o caso concreto, em que apparece um R. I. atacando por Btls. successivos e que, ao attingir um dos objectivos tem o Btl. de 1.º escalão detido com perdas correspondentes a 20% do seu effectivo, o estudo é abordado em varios estagios de trabalho.

E' focalizado o trabalho do Btl. de 2.º escalão, na passagem de linha e retomada do ataque, nas seguintes condições:

- a) — Ligação e entendimento entre os Btls. de 1.º e 2.º escalão;
 - b) — Estabelecimento da ordem de passagem de linha;
 - c) — Reconhecimento dos caminhamentos e resistencias inimigas;
 - d) — Deslocamentos das unidades e occupação das posições;
 - e) — Precauções a tomar;
 - f) — Execução da passagem de linha;
 - g) — Retomada do ataque e collocação dos órgãos de fogo.
- Objectivos a attingir:
- h) — Partes e ligações com o R. I. e unidades visinhas.

Comportará uma preparação em sala e sessões no terreno. Estas ultimas abordarão successivamente:

1.º) — Reconhecimento detalhado do terreno a percorrer pelo Btl. de 2.º escalão, no curso da progressão, antes da ordem de passagem de linha;

2.º) — Reconhecimento da posição occupada pelo Btl. de 1.º escalão, caminhamentos para attingil-a, etc.

3.º) — Execução da passagem de linha:

— reconhecimento, collocação dos dispositivo, inicio do movimento, continuação de ataques, solução de incidentes, etc.

O trabalho do Ten. Cel. Guiques é d'uma grande utilidade. Apezar de não conter nenhuma novidade, constitue uma boa directriz para a organização da instrucção tactica dos quadros nos corpos de tropa.

A exiguidade do espaço desta secção, não nos permite dar maior amplitude ás apreciações formuladas sobre o numero de Novembro da Revista de Infantaria. Comtudo ahi fica uma ideia geral da sua magnifica collaboração, para despertar a curiosidade dos nossos leitores.

Durante uma visita official, realizada recentemente, mostraram ao actual chancellor da França, Sr. Pierre Laval, um grupo de marmore intitulado: A justiça e a paz beijam-se.

— Sabem por que? — observa Laval. — Estão se despedindo e sabem que nunca mais se hão de encontrar.

A figuração dos fogos de Infantaria e Artilharia nos exercícios de combate do pelotão.

Figuração da Aviação

Pelo Tenente

NELSON DE CARVALHO

Do C. P. O. R.

Antes de tratar do assumpto em si, necessario se torna esclarecer que elle nada contem de original. Tudo que se vae ler é conhecido e tem sido praticado nos exercicios em que cada parte é tratada em separado, na progressão natural dos programmas de instrução das sub-unidades.

A novidade que possa encerrar, está em ter sido utilizado nos exercicios de applicação tactica do G. C. e do Pel. na offensiva, no proprio coroamento dessa parte da instrução, em situações em que a infantaria, a artilharia e a aviação inimigas cooperam entre si para frustar uma operação offensiva de que faz parte um dado pelotão, o de exercicio.

A parte que trata da figuração dos fogos d'infantaria é de autoria do preclaro educador militar sr. major Henrique Lott, do qual tive a honra de ser instruendo nas bancas da Escola Militar — já foi publicada na nossa Revista.

Modificamos, apenas, certas côres de bandeirolas, necessarias por serem mais vivas, á figuração dos fogos da artilharia. A figuração desses, por meio de bandeirolas amarellas que balisam o centro da barragem, também é usual. Fizemol-a acompanhar de silvos de apito, na cadencia longo-curto, afim de lhes dar mais verosimilhança.

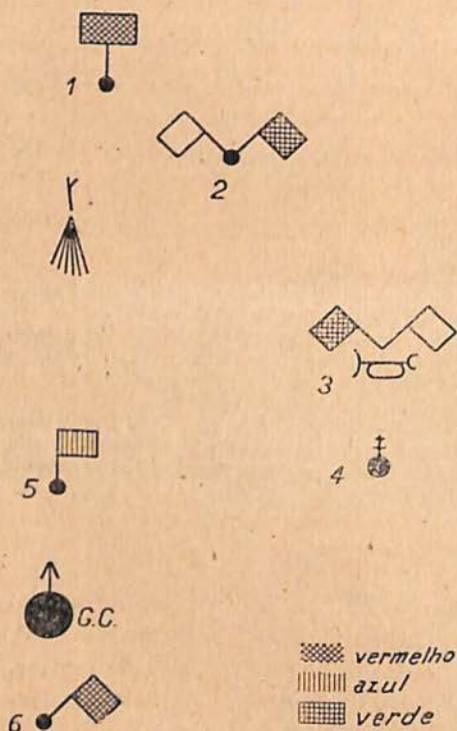


FIG. 1

Quanto á figuração da aviação, o processo é também conhecido. Apenas, em vez de um unico silvo para figurar o apparecimento e dum outro indicando o desaparecimento do avião inimigo, fizemos soar o apito, imitando o roncar do motor, durante o tempo desejado. No caso de avião de acompanhamento, creamos um processo.

Nosso trabalho consistiu em estabelecer um código de natureza tal que todos esses figurativos pudessem ser utilizados isolada ou concomitantemente, sem se perturbarem entre si e com uma simplicidade de molde a não estabelecer confusão no espirito dos instruendos, soldados que eram.

Mais tarde applicamol-o com successo nos exercicios de combate dos cursos de cabo, sargento e cmt. de pelotão, ao tempo em que serviamos no 4.º B. C.

Examinemos a figuração dos fogos d'infantaria:

N.º 1: auxiliar munido dum plastron vermelho, collocado nas proximidades da arma inimiga, destinado a facilitar aos quadros e á tropa d'exercicio, sua localização, mormente nos de busca do contacto.

N.º 2: auxiliar munido de duas bandeirolas, branca e vermelha, indicando a branca, fogos dispersos e a vermelha, fogos intensos e ajustados.

N.º 3: corneteiro ás ordens do director d'exercicio, portador de bandeirolas vermelha e branca, as quaes accenadas solicitam côres identicas ao n.º 2.

Quando esse auxiliar não estiver accenando qualquer dellas o mesmo deverá fazer o n.º 2.

N.º 4: director d'exercicio.

N.º 5: auxiliar munido de bandeirola azul. Normalmente conduzida inclinada para o chão. E' içada á ordem do director. Significa que o G. que lhe segue está sendo attingido.

N.º 6: observador de conducta, portador de bandeirola verde. Mantida na vertical indica que o G. a que serve está agindo com acerto.

A applicação desse figurativo é muito simples. Sinão, vejamos a figura ao lado:

O N.º 2 mantém na vertical a bandeirola vermelha pedida pelo director por intermedio do corneteiro. A arma assignalada pelo plastron estará, então, executando fogos intensos e ajustados contra um dos Gs. do Pel.

Sobre qual delles?

Sobre aquelle que tiver na sua frente uma bandeirola azul erguida, no caso, por exemplo, o 2.º G., facto de que todos os seus componentes se certificarão immediatamente.

O cmt. do G. estará agindo com acerto em face desse fogo intenso e ajustado dirigido contra seus homens?

O director d'exercicio pode estar constantemente junto aos Gs., ainda

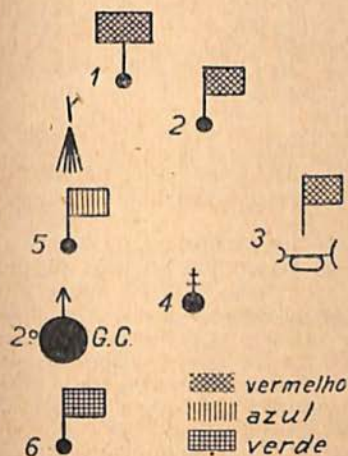


FIG. 2

que montado, para verificar-lhes e aos seus homens, a conducta tactica? Como saber si o G. aferrou-se ao terreno, si o sargento buscou neutralisar a arma inimiga, si procurou avançar em consequencia.

E' o que resolve o observador de conducta, evidentemente um elemento d'escol, com sua bandeirola verde.

Na instrucção do recruta, elle poderá ser o sgt. cmt. do G. O commando deste executado por um dos cabos, com a vantagem de os exercitar no cmd. immediatamente superior. No pel. de candidatos a cabo, será um dos sgts. auxiliares, ou, depois do primeiro exercicio sobre o assumpto, os candidatos mais destacados, revesando-se. Do mesmo modo, "mutatis mutandis" nos cursos de sargentos e commandante de pelotão.

Em se tratando, porém dum pelotão, necessario se torna que cada G. de per si ou todos de uma vez possam ser exercitados.

O codigo abaixo mostra como se faz isto e tambem como, num dado momento, o director d'exercicio poderá paralisa-lo como está, para um exame mais meticoloso ou para uma demonstração, e recomeçal-o do ponto em que ficou:

Inicio do exercicio.....	toque-Pelotão, avançar !
De pé nos logares em que se acham.....	toque Sentido !
Retornar aos seus logares.....	toque Descançar !
Reinicio do exercicio.....	toque Avançar !
Atenção.....	um silvo longo de apito
Fogo sobre o 1.º G. (band. azul).....	um silvo longo e um curto.
Fogo sobre o 2.º G. (idem).....	um longo e dois curtos
Fogo sobre o 3.º G. (idem).....	um longo e tres curtos.

Suppõe-se, então, que a bandeirola vermelha do n.º 2 erguida e os Gs. interessados attingidos por fogos intensos e ajustados. Poderá ser um, os dois e mesmo os tres Gs., segundo o fim que tem em mira o director.

De qualquer maneira, porém, si o exercicio deve proseguir, ou si não se trata duma tomada de contacto, o G. ou os Gs. que agiram de molde a poderem proseguir devem poder fazel-o. Então:

baixar a band. azul do 1.º G.....	1 silvo longo — 1 curto — 1 longo.
baixar a band. azul do 2.º G.....	1 silvo longo — 2 curtos — 1 longo.
baixar a band. azul do 3.º G.....	1 silvo longo — 3 curtos — 1 longo.

Supponhamos, porém, que dois grupos foram detidos. O 3.º G. é empenhado e fica egualmente detido. O contacto estará tomado no que concerne ao pelotão.

O capitão intervem: uma secção de metralhadoras neutralisa o fogo inimigo e o pelotão está em condições de avançar. Evidentemente não se vae fazer baixar de per si cada bandeirola azul. Bastará sómente fazer com que o n.º 2 deixe de accenar qualquer das bandeirolas de que é portador, o que se consegue fazendo o n.º 3, o corneteiro, ter egual conducta.

Passemos á figuração dos fogos de artilharia:

Consegue-se-a introduzindo mais uma bandeirola, amarella, e silvos de apito, trinados pelo proprio portador da bandeirola.

No momento em que se quer fazer desencandeir uma concentração de artilharia, determina-se ao corneteiro que toque-Artilharia, fogo!

Imediatamente os portadores de bandeirolas içam-nas á frente dos grupos em que marcham, fazendo cada um soar o apito de que é portador, procurando imitar o sibilo e o rebentar da granada — um silvo longo e um curto—detendo-se nos lugares em que se encontram.

Pelas proprias fluctuações de marcha desses homens, ou segundo a vontade do director e a finalidade do exercicio, poderão os cmts. de G. e seus homens saber si se encontram dentro, antes ou nas proximidades da orla exterior da barragem e, em consequencia, della procurarão fugir ou esperar que se escoem os 5 minutos de sua duração, para proseguir.

Essas bandeirolas e os silvos d'apito cessarão ao toque-Artilharia, cessar fogo!

A figuração da aviação é ainda mais simples.

Quando um avião inimigo deva sobrevoar a tropa, o director [d'exercicio fará tocar Aviação — Inimigo — e em seguida, elle mesmo, com um apito forte e de som differente, procurará imitar o ronco do motor do avião. Emquanto durar o trinado do apito os homens procurarão se manter immoveis ou se escoar pelos caminhos sombrios da direcção de marcha.

amarello
azul
verde

FIG. 3

Si, porém, se trata do avião de acompanhamento da infantaria, pedindo balisamento (foguete içado pelo corneteiro á ordem do director) ou simplesmente sobrevoando a tropa numa de suas outras missões, bastará fazer tocar simplesmente — Aviação! sem a sequencia do apito.

A expectativa dos homens, aguardando esclarecimentos sonoros, será bem semelhante a que se encontrará numa realidade, emquanto o avião não fôr reconhecido.

Examinados, agora, esses figurativos, notar-se-á que qualquer d'elles pode funcionar sem prejudicar qualquer dos outros e que, mesmo, todos elles podem coexistir sem se perturbarem, dando aos exercicios, assim, uma movimentação e creando um interesse que bem satisfazem a condição de serem elles atrahentes, despertando o enthusiasmo e a attenção dos exercitandos.

Empregamol-os varias vezes com real successo e lembamo-nos de transcrevel-os para orientação dos que, de boa vontade, quizerem aproveitá-los.

“Não existem praças fracas desde que haja corações heroicos para defendel-as”.

BAYARD.

Um governo que tem contra si a mocidade é um governo condemnado para sempre.

GRAÇA ARANHA.

A DEFESA NACIONAL E O SEU NOVO FORMATO

De todos os lados nos chegam applausos pela nova orientação e novo formato da revista. Esses votos de animo enche-nos de coragem, para que continuemos a erguer a obra que iniciamos com fé, ardorosamente.

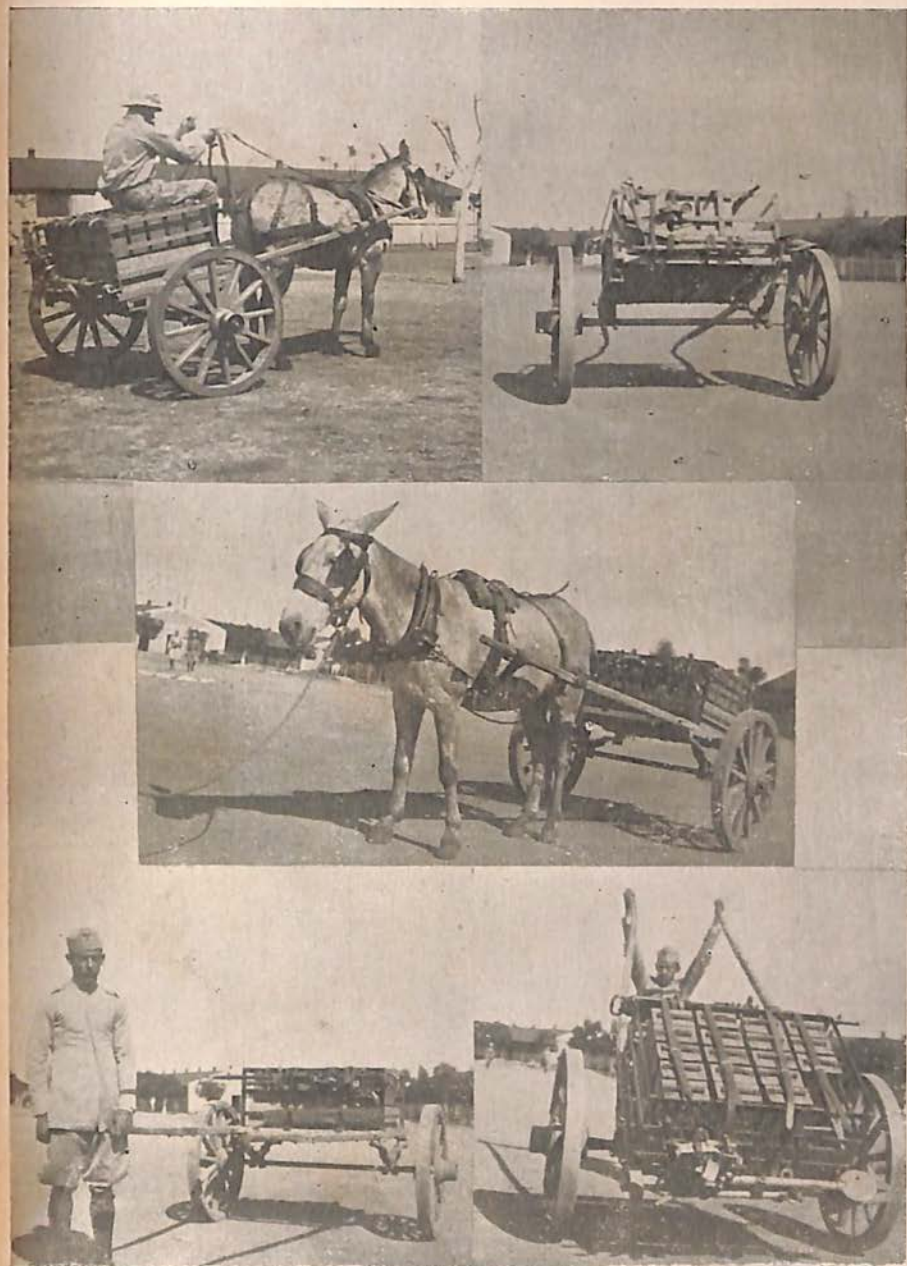
Mas é preciso que fique bem claro não significar esse passo para a frente um repudio do passado. Os actuaes dirigentes de A Defesa são profundamente ciosos da obra constructora da revista e fazem questão de assentar o edificio do futuro sobre o que os antigos realizaram.

Nesse sentido a Defesa appella para os seus antigos obreiros, no sentido de continuarem a prestar os seus valiosos auxilios, não só honrando suas paginas com constantes collaborações, como fazendo propaganda intensa por todo o Exercito e por todo o Brasil do grande entusiasmo que anima a actual Directoria em ser util á grande classe a que pertencem os seus associados.

Secção de Cavallaria

Redactor: F. D. Portugal

NO 7.º REGIMENTO DE CAVALLARIA

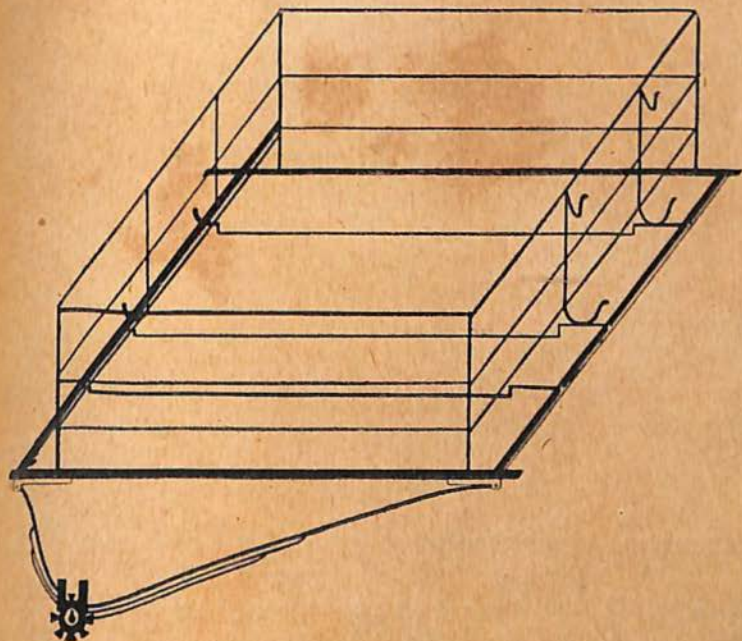


Aspectos da viatura para o transporte de metralhadoras construída pelo denodado 7.º R. C. I.

Viatura para o transporte da metralhadora na cavallaria

O problema do transporte da metralhadora na cavallaria muito tem preocupado os officiaes da arma, na procura de um typo de viatura que substitua com vantagens o inconveniente transporte em cargueiro.

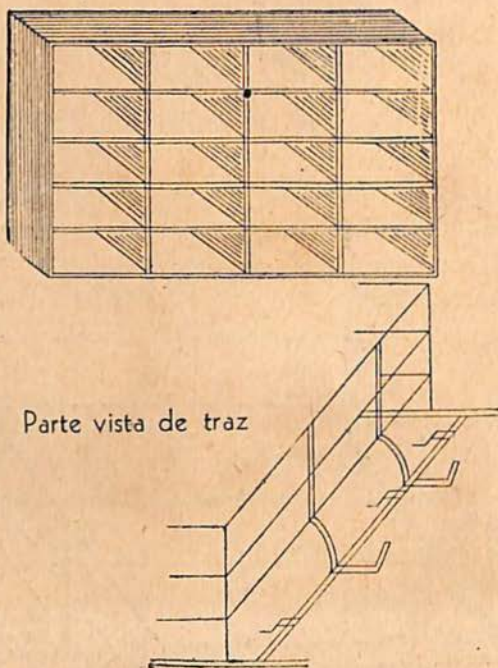
Nesse sentido, é louvavel a dianteira que leva o modelar 7.º R. C. I. que ha muito tempo construiu em suas officinas com os recursos proprios o modelo que damos abaixo e que tem sido experimentado nos seus exericcios e manobras.



Graças á gentileza do Cap. A. Rolim apresentamos aos nossos leitores os aspectos da interessante viatura, com os

seus principaes caracteristicos. O resultado do esforço do 7.º R. C. I. será certamente apreciado pelos officiaes dos outros

Caixa Porta cofres



corpos e naturalmente aproveitado nos experiencias realizadas para o estabelecimento de um typo conveniente.

CARACTERISTICOS:

DIMENSÕES: — Comprimento do varal: 1 metro e 85
Varal de 4 cm \times 5, centimetros 5
Vão dos varaes na ponta: 57 cm.
Vão das rodas: 1 m 25.
Altura das rodas 90 cm.
Largura da chapa: 3 polegadas.

Os estribos da frente (da metralhadora e do cano sobresalente) são eguaes aos estribos das cangalhas; o mesmo acontece com o estribo do reparo que fica na parte trazeira do carro.

Todas as peças do carro são ligadas com parafusos com porcas.

O caixão introduzido no carro tem vinte divisões.

Os cofres são collocados em pé com as tampas para cima.

As partes de madeira são chapeadas de ferro; no desenho ellas estão ponteadas a tinta.

No carro se pôde introduzir um balancinho para acomodar dois animaes de tiro.

O carro comporta o material de uma peça com effectivo de guerra e corresponde ao material de quatro cargueiros (um cargueiro da metralhadora, cano sobresalente e reparo e tres cargueiros de munição).

Material:

18 cofres de munição

1 cofre com accessorios e sobresalentes

1 cofre com a machina de carregar, etc.

1 metralhadora

1 cano sobresalente

1 reparo.

Peso do carro de material:

Peso do carro.....	100 kgs.
Munição e cofres.....	216 »
Cofre de accessorios, etc.....	7 »
Coffre da machina, etc.....	11 »
Metralhadora.....	24 »
Reparo.....	24 »
Cano sobresalente.....	10 »
Peso total.....	392 »

NOTA — O conductor pôde ir sentado no carro ou a cavallo, do lado, conduzindo o animal de tiro como se fôra um cargueiro.

A instrução moderna de cavallaria allemã

Tradução do Cap. BAPTISTA GONÇALVES

Um dos cavallarianos mais reputados da Allemanha e que tomou parte em numerosos concursos hippicos, o conde Rothkirch, acaba de fazer a um grupo de cavalleiros das tropas de protecção nacional-socialistas, uma conferencia na qual expoz os processos a empregar nos tempos modernos, para preparar cavalleiros. Sabe-se que o conde Rothkirch, foi admittido na qualidade de official na grande escola de cavallaria italiana em Pinerolo, e que guardou do seu estagio importantes impressões.

Segundo Rothkirch, a instrução moderna do cavalleiro não pode mais ser dirigida como no passado; a motorisação irá mudar o aspecto das luctas futuras e isto deverá ser levado em conta na instrução do futuro cavalleiro.

O emprego da cavallaria deve ser praticado em terreno variado, atravez campos, nas regiões onde é de suppor que as formações motorizadas encontrarão certas difficuldades que entravarão sua marcha e mesmo o seu emprego.

Pode-se admittir que as tropas motorizadas conseguirão deslocar-se em todos os terrenos, mas o que precisa ser claramente determinadas são as condições de tempo e com que cohesão o poderão fazer. Ora, hoje, no ponto em que se encontra a motorização e mesmo para os annos proximos, dar-se-á preferencia, em terreno variado, do emprego da cavallaria porque ainda é o meio ideal e o mais rapido que se possa conceber.

A these acima é a admittida na Italia onde as sessões de equitação no exterior são bastante numerosas. Tendo adoptado este methodo de instrução, a escola italiana adoptou tambem os principios abaixo, segundo os quaes a instrução equestre deve ser dada á tropa.

O cavalleiro ou alumno cavalleiro deve ter a preocupação maxima de não prejudicar os apurmos naturaes do cavallo, nem deturpar os seus movimentos; deve ao contrario favorecel-os sem crear obstaculos, dando assim á sua montada uma grande liberdade de rins.

Admitte-se como axioma indiscutivel, na Italia, que um cavallo, ao qual se tenha imposto pelo trabalho certos movimentos, não é utilisavel em todos os terrenos e só pode dar dissabores quando utilizado em terreno variado.

O processo mais simples e o mais apropriado para obter bons cavalleiros, á hora actual, é o de dispor de uma *carrière* com pistas dispondo de obstaculos com difficuldades gradativas e na qual os cavalleiros se exercitarão afim de se familiarizarem com os melhores processos para abordar os obstaculos.

Sómente após a pratica desses exercicios na *carrière* e que se abordar á pratica da equitação em todos os terrenos, atravez campos, onde os obstaculos deverão ser pulados á vontade.

Secção de Artilharia

Redactor : I. J. Verissimo

Auxiliar : Senna Campos

THE HISTORY OF THE

CHURCH OF ENGLAND

FROM THE REFORMATION

O tiro com munição toxica

Pelo 1.º Ten. Art. H. O. WIEDERSPAHN

« A victoria é o preço do sangue. E' necessario adoptar seus processos ou não fazer guerra alguma. Todas as razões de hymanidade que surgirem nada conseguirão que maiores possibilidades de se ser batidas por um adversario menos sentimental ». — CLAUSEWITZ.

E' verdadeiramente surprehendente que nossos meios technicos pouco ou quasi nada tenham realizado no tocante á organização, preparo e fabricação eventual de projectis toxicos de artilharia, apegados aquelles ao pieguismo sentimental de accordos internacionaes constantemente contornados pelos signatarios outros que o Brasil. E no entanto nossa industria bellica insignificante nos levará fatalmente, em caso de conflagração séria interna ou guerra internacional, ao recurso facil e barato da guerra chimica. O brasileiro é engenhoso e nossas industrias chimicas superiores á da propria ilha da Albion.

Assim nossos regulamentos de tiro nada referem sobre o emprego de munição toxica. Não possuímos regulamentos de defesa anti-gaz. Nossas mascaras ainda estão na phase da evolução. No entanto todos os signatarios do tratado de Versalhes se tem preocupado disto e da protecção individual e collectiva de suas populações.

A titulo de sugestão apresentamos aos camaradas de artilharia um esboço a respeito do tiro com munição toxica. Poderá servir de pequeno subsidio aos zelosos pelas cousas da defesa nacional e do preparo individual, para o lance extremo que é a guerra.

Ao emprego da munição toxica foi sempre oposta pelo adversario uma severa disciplina de gaz eapparelhos de protecção

individual, cada vez mais aperfeiçoados. Comtudo durante as ultimas campanhas na Europa e na Asia ficou claro que mesmo nestes casos se podem obter bons resultados:

a) quando o inimigo é surprehendido pelos gazes sufficientemente concentrados e lança não tarde demais de sua mascara de protecção;

b) quando a duração do bombardeio com projectis de gaz é tal que o inimigo, por fim, não supporta mais o uso da mascara;

c) quando a presença do gaz não é notada;

d) quando o aparelho de protecção do adversario não é sufficiente a se contrapor ao novo gaz empregado.

No primeiro caso teremos um tiro de surpresa, no segundo um tiro de neutralização ou de longa duração, no terceiro, com granadas semi-explosivas, o de infecção, e no quarto caso um tiro de infecção, usando granadas de gaz penetrante.

O tiro com as granadas toxicas semi-explosivas não differe em nada ao com a explosiva commum. Seu emprego foi exclusivo allemão. Em principio sempre se previa para cada tiro com granadas explosivas certa percentagem, que variava de 15 % a 50 % do total, daquella munição que age a um tempo pelos estilhaços e pelos gazes que contém. Tem maior efficacia que os typos de granadas simples de gaz.

Eram empregadas as granadas semi-explosivas em rajadas violentas com a maior velocidade possivel, ao ser desencadeado o tiro. Estas rajadas eram daqui e dali renovadas no decorrer do tiro com granada explosiva. Da mesma forma faziam parte da munição empregada nas barragens rolantes, nos ataques allemães de 1918 na França.

Era esta munição considerada de urgencia e apresentavam grande efficacia contra pessoal. Os de gaz typo "Cruz-azul explosivos" de campanha eram empregados com successo contra artilharia em posição e ninhos de metralhadoras quando se exigia uma paralisação rapida e temporaria daquelles órgãos de fogo inimigos.

Segundo os regulamentos allemães, em caso de necessidade,

esta munição mixta podia ser empregada em qualquer estado das condições atmosphericas.

Quanto aos projectis toxicos fundamentaes "Cruz azul", "Cruz verde" e "Cruz amarella", seu emprego dependerá dos resultados que se tem em vista attingir. Em traços geraes a doutrina franceza está concorde com a allemã. Assim podemos considerar tres generos de tiro com munição toxica: o de surpresa, o de neutralização, o de infecção e o de interdicção.

TIROS DE SURPREZA

Tem por fim por immediatamente fóra de combate uma tropa inimiga lançando sobre ella um grande numero de granadas toxicas fugazes, cuja acção não permita a collocação em tempo das mascaras de protecção.

Devem ser executados em rajadas violentas e de curta duração, cerca de 2 minutos, sem regulação prévia sobre o objectivo e por isso com alça unica. A precisão deve ser tal que a rajada cubra o objectivo.

— Este tiro de surpresa é geralmente executado com os "toxicos fugazes" francezes e os "Cruz verde" allemães, porque só estes têm uma acção aggressiva immediata e consideravel e muitas vezes mortal. Tambem pode ser executado com a segunda cathegoria franceza, os "toxicos semi-persistentes", mas sua acção não costuma ser mortal e seus effeitos immediatos não passam de lacrimogeneos, irritantes ou mesmo ligeiramente vesicantes.

— Para que a acção deste genero de tiro seja efficaz é preciso que satisfaça a tres condições primordiaes:

a) Uma surpresa que não permita a regulação prévia sobre o objectivo. Será o tiro de efficacia executado mediante um transporte de tiro após uma regulação sobre alvo-auxiliar ou após verificação corrigida sobre alvo-testemunha.

a) A rapidez: para que o inimigo não tenha o tempo necessario para lançar mão da mascara. O tiro de efficacia não

deverá pois ultrapassar a duração de 3 minutos, sendo em media de apenas 2 minutos.

c) Acção toxica immediata: obriga o emprego dos productos cuja acção instantanea se produz mesmo antes de haver tempo util para a collocação das mascaras. Obriga o emprego dos fugazes ou "Cruz Verde".

Estas granadas cobrem em media cerca de $5m^2$ para o 75 e $50m^2$ para os 120 e 155. Este fraco raio de acção exige tiros bastante precisos com alça unica e grande consumo de projectis. Este é para o 75 de 200 a 400, segundo a distancia e a frente, e para o 155 apenas um quarto deste numero, em se tratando do alcance maximo para uma frente de 100 metros.

d) A precisão: que exige uma regulação sobre alvo auxiliar até a phase da melhora inclusive, podendo ser empregado granadas explosivas do mesmo peso dos toxicos ou projectis especiaes de regulação, nas mesmas condições.

Devem ser feitas com o maximo cuidado todas as operações do transporte do tiro e sempre empregando para o tiro de efficacia o mesmo lote de polvora usado na regulação.

Atirar sempre com alça unica e não esquecer de acrescentar $1/6$ do garfo para o vento. Quando este ultrapassar a 5 m. de velocidade, o tiro não deve ser desencadeado.

TIROS DE NEUTRALISAÇÃO

Tem por fim obrigar o adversario a collocar e conservar a mascara por bastante tempo, afim de lhe roubar grande parte de sua liberdade de acção.

E' pois um "tiro de longa duração" com as cathogorias franquezas dos toxicos semi-persistente e persistentes ou com os gazes "Cruz azul" e "Cruz amarella" allemães, de accordo com os resultados a attingir.

Os "Cruz verde" podem iniciar o tiro quando se quizer uma collocação immediata das mascaras inimigas e quando a neutralização for prolongada empregar-se-ão os "Cruz amarella".

Normalmente, no caso da preparação de um ataque, empregam-se os "Cruz azul" e os semi-persistentes francezes.

Caso não for exigida a surpresa, pode ser o tiro regulado directamente sobre o objectivo. Assim obter-se-á maior precisão que no caso do transporte do tiro.

Tambem neste genero de tiro é a precisão uma das condições necessarias para a efficacia, em vista do fraco raio de acção dos projectis empregados. Um tiro escalonado só traria acção toxica para os projectis que caissem nas proximidades do objectivo, tornando precaria a neutralisação.

Dahi concluímos que o mecanismo do tiro de efficacia deverá ser com alça unica de duração subordinada á neutralisação que se quizer obter.

Empregando munição da cathegoria franceza dos semi-persistentes, o consumo de granadas, necessaria para manter uma densidade toxica sufficiente para obrigar o uso das mascaras, será por 100 metros de frente:

de cerca de 125 para o 75
e de 50 para o 155.

Neutralizando com "Cruz amarella" ou "persistentes", o consumo de granadas a prever para cada 100 metros de frente variará com a precisão do tiro e com a grandeza do desvio provavel, isto é com a distancia.

Dahi, para um tiro preciso:

	Ep < 25	Ep < 50
com 75	500	1.000
com 155 F. A.	500	100

Si não houver necessidade sinão de um enquadramento de um garfo: .

75	12.000	2.400
155 F. A.	12.000	225

Si por um meio qualquer se tiver a alça de regulação antes do desencadear do tiro, pode-se executar tambem neste caso um tiro de surpresa. Comtudo é sempre recomendavel executar, findo o tiro de neutralisação, um tiro de surpresa de 15 a 20 minutos de duração afim de apanhar os homens que naturalmente terão tirado as mascaras incommodas.

Nos casos de neutralização com yperite é conveniente lançar de tempos em tempos, rajadas com granadas explosivas para revolver o solo e augmentar assim os effeitos aggressivos do vesicante.

TIROS DE INFECCÃO

Têm por fim infeccionar certas zonas onde o inimigo se encontra para desgastar seus effectivos, obrigar-o a evacuar estas zonas e assim perder os beneficio das installações já feitas para as baterias, os observatorios, P. C., centraes telephon'cas e agir assim sobre seu moral.

São executados com os vesicantes de grande persistencia, com tiros sobre zonas mais ou menos vastas, com projectis de yperite ou "Cruz amarella".

Como a superficie infectada por um só projectil varia com o calibre e quantidade, tambem variará com a zona que deve ser infeccionada.

Para 75 temos 20 m². por granada e para o 155, 200 m²

Dahi, si S for a superficie total da zona, o consumo será:

$$\frac{S}{20} \text{ para o 75 e } \frac{S}{200} \text{ para o 155.}$$

TIROS DE INTERDICÇÃO

Têm por fim difficultar o transito do inimigo em certas estradas e caminhos, em pontos de passagem obrigatoria, a permanencia em logares de trabalho, pontos de reabastecimento,

nas estações, etc. obrigando-o a usar constantemente as mascaras nestes pontos.

São executados geralmente com tóxicos persistentes de agressividade imediata. Se o forem com yperite, se confundirão com os de infecção.

São tiros sobre zona.

Como no caso da neutralisação, a missão ainda é obrigar ao inimigo o porte das mascaras de protecção. Mas aquelle caso se applica principalmente ás tropas na frente (baterias, trincheiras, metralhadoras, etc.), enquanto o de interdicção é executado sobre as tropas da retaguarda e os serviços, para difficultar e tomar mais lentos seus movimentos e seus trabalhos, fatigando-os mais rapidamente.

Pelas mesmas razões dos tiros de neutralização, si o objectivo a ser interdictado é pouco profundo o tiro de efficacia será com alca unica e mesmo consumo que para aquelles.

Si o objectivo for escalonado e de superficie S, o tiro de efficacia será tambem escalonado e seu consumo horario será de

cerca de $\frac{S}{5}$ para o 75 e $\frac{S}{50}$ para o 155.

Si S estiver compreendido entre 10 e 50 Ha, divide-se este consumo por 2 e si S for superior a 50 Ha, divide-se por 4.

Acabam de sahir os ensaios sobre factos de nossa Historia Militar, reunidos com o titulo de CANNAE E NOSSAS BATALHAS, da autoria do 1.º ten. H. O. Wiederspahn. Estes ensaios, alguns dos quaes já divulgados pelas paginas desta revista, dispõem de 30 esboços, a maioria dos quais a tres côres. Interessam a todos estudiosos da Arte da Guerra.

Acha-se á venda na Gerencia desta revista. Preço 7\$000.

Artilheiro amigo. Confira a lista abaixo para ver se sua bibliotheca está completa.

<i>Mémoires, Marechal Joffre</i>	87\$400
<i>Noções de topographia de campanha, General Paes de Andrade</i>	7\$000
<i>Noções de desenho topographico, Ten. Cel. Paulino de Souza</i>	8\$000
<i>Noções de topologia, Ten. Cel. Paulino de Souza</i>	5\$000
<i>Questions d'Artillerie antiaérienne, Cmt. P. Nauthier</i>	7\$100
<i>Manuel du Gradé de l'Artillerie</i>	16\$800
<i>Balística externa, Cap. Morgado da Hora</i>	14\$000
<i>A Technica do Tiro de Costa Cap. Ary Silveira</i>	30\$000
<i>Notas sobre o emprego da artilharia, Major I. J. Verissimo</i>	10\$000
<i>Defesa de costa e o tiro costeiro, 1.º Ten. Gomes da Silva</i>	8\$000
<i>O tiro da artilharia de costa, (tradução)</i>	4\$000
<i>Ligações e Transmissões, Cap. Josette</i>	6\$000
<i>Signalisação a braços e optica, Cap. Lima Figueiredo</i>	1\$000
<i>O principiante de radio, Cap. Lima Figueiredo</i>	3\$000
<i>Transposição dos cursos d'agua para todas as armas, Cap. Lima Figueiredo</i>	3\$000
<i>Notas á margem dos exercicios tacticos, Major Travassos</i>	6\$000
<i>Telemetros, Ten. Cel. Dermeval</i>	3\$000
<i>Orientação em campanha, Ten. Cel. Dermeval</i>	3\$000

Para o porte cobramos de \$500 a 1\$000 por volume.

Secção de Artilharia de Costa

Redactor: J. Bina Machado

O “Centro de Instrucção de Artilharia de Costa”

(C. I. A. C.)

Pelo Major BINA MACHADO

Correspondendo, com a maior satisfação, aos innumeros pedidos de camaradas da Artilharia, de todas as guarnições, sobre o que é, o que faz e como vive o C. I. A. C., e tambem, attendendo ao pedido honroso de collaboração da “A Defesa”, redigi estas notas, com as quaes procuro informar a todos os companheiros acerca da vida do Centro.

Estou certo que a muitos interessarão estas informações, principalmente aos que têm procurado colher dados sobre condições de matricula e se vêm preparando para cursar este novo e promissor estabelecimento de ensino do nosso Exercito.

Creação do Centro — Velha aspiração dos verdadeiros artilheiros de costa — uma escola de formação de graduados e de aperfeicoamento para os officiaes, veio ser satisfeita com a criação, em janerio de 1934, do Centro de Instrucção de Artilharia de Costa, para cujo funcionamento foram baixadas, em Portaria de 19 de Abril, umas “Instrucções Provisorias”. Deve-se, principalmente, a criação do Centro, á iniciativa da Inspectoria da Defesa de Costa, que encontrou no E. M. E. e, por fim, no Ministro, o decisivo e franco apoio para a sua realização.

Essas “Instrucções” fixaram a organização do Centro e sua composição; attribuições de administração, do Departamento do Ensino e da Missão Militar Americana, já contractada nos Estados Unidos da America para a orientação

do ensino e direcção dos trabalhos escolares, e, por fim, faziam applicar ao Centro todos os dispositivos das Escolas de Armas que lhe fossem applicaveis, principalmente, os referentes aos trabalhos escolares e sua dependencia do E. M. E.

Creado em Janeiro, effectivamente organizado em Abril, quando foi entregue á sua administração a sua séde provisoria e dada verba para sua installação, sómente em Julho tiveram inicio os trabalhos escolares, com a abertura dos Cursos de Officiaes e de Sargentos.

E' que aguardava-se a chegada da M. M. A., o seu primeiro contacto com as auctoridades e pessoal de administração do Centro o seu conhecimento de nossos recursos e as possibilidades de nossa Artilharia de Costa, para que tudo se pudesse organizar com ordem, methodicamente.

Primeira administração do C. I. A. C. — Era pequeno o quadro do pessoal da administração do Centro: — um coronel, commandante; um major, sub-commandante; um 1.º tenente, ajudante, secretario e commandante do Contingente Especial e um Pagador-almoxarife, respectivamente o Sr. Cel. Antonio Fernandes Dantas, o signatario destas notas, o actual Cap. Aristoteles Domiciano dos Santos e o 1.º Ten. Manoel do Nascimento de Jesus.

A elles coube a tarefa de organizar o Centro. Sob a orientação de seu commandante, foi realizado o maximo que se podia logicamente esperar, e que, é grato dizel-o, foi o que é hoje o C. I. A. C.

Missão Militar Americana — Compõem a M. M. A. o Sr. Ten. Cel. Rodney Smith e o Cap. W. D. Hohenthal, ambos pertencentes ao Corpo de Artilharia de Costa dos Estados Unidos da America. Como é de todos sabido, a Defesa de Costa dos Estados Unidos acha-se entregue ao Exercito e, portanto, é aos seus quadros, constituídos em uma arma especial e independente — a Artilharia de Costa, que pertencem

cem os elementos de artilharia, que constituem parte integrante da defesa das costas.

O Ten. Cel. Rodney Smith, que já conhecíamos através seus artigos sobre defesa de costa, traduzidos em nossa Revista Militar Brasileira, é um official de destacado renome em seu paiz.

Oriundo de uma familia de militares, desde a famosa Escola de West Point se tem destacado nos cursos que fez e que são: curso para Capitão e Tenente e Curso de Official Superior da Escola de Artilharia de Costa do Fort Monroe; Curso de Commando e Estado Maior; Curso de Escola Superior de Guerra e da Escola Superior da Marinha.

Dentre as commissões que tem desempenhado, destacam-se as seguintes: Instructor e Director do Departamento de Tactica da Escola de Fort Monroe; commandante de bateria, grupo e regimento de Artilharia de Costa; commandante do "Forte Wadsworth", á entrada de Nova-York.

Foi durante longo tempo Chefe do Estado Maior da Brigada de Artilharia de Costa das Ilhas Hawaii, tendo tambem servido nas Ilhas Philippinas, como commandante de um Regimento de Artilharia Pesada Motorizada.

Ultimamente era membro da 2.^a secção do Grande Estado Maior do Exercito.

Fez parte das Forças Expedicionarias Americanas, durante a Grande Guerra.

O Capitão Hohenthal procede da Universidade da California, tendo feito os Cursos de Artilharia de Costa e Engenharia Superior, da Escola de Fort Monroe, e o da Escola de Guerra Chimica, no Arsenal de Edgewood.

Foi durante alguns annos instructor da Escola de Fort Monroe, sendo um consumado especialista em topographia e geodesia e em technica de tiro, cujos conhecimentos sobre systemas mechanicos de predição e transmissão de dados, ao par de especial aptidão para a construcção de apparelhagem mechanica, para o "controle do tiro" têm sido grandemente apreciados no Centro.

Foi commandante de bateria e batalhão de artilharia de costa sobre trilhos e motorizada, bem como de unidades de artilharia-anti-aérea.

Serviu em estado maior de regimento, brigada e divisão, respectivamente como Ajudante, Official chimico e de Informações.

Suas commissões no exterior foram feitas na China, nas Philippinas e em Hawaii.

Corpo de instructores — Para auxiliar o serviço da M. M. A. foram designados alguns officiaes brasileiros, com o character de instructores e auxiliares de instrucção. São elles o Cap. Ary Luiz Monteiro da Silveira, e Joaquim José Gomes da Silva, ambos conhecidos pelos seus trabalhos sobre artilharia de costa, onde serviram durante longo tempo, e o Cap. Alexandrino Pereira da Motta, com os Cursos de Estado Maior e Escola de Guerra Naval.

Para o Curso de Sargentos foram designados os Capitães Altamiro da Fonseca Braga, seu director, e Carlos Sayão Dantas, instructor, também ambos provenientes da artilharia de costa. A expectativa em torno desses officiaes instructores, que deviam chegar ao fim do curso em condições desvantajosas, em relação aos officiaes alumnos, unicos possuidores de um diploma do C. I. A. C., foi plenamente correspondida, dados o interesse, a dedicação e os esforços dispendidos por todos. Sua situação, para com o curso, já foi resolvida: serão submettidos a exame de todas as materias do curso, em fins do segundo anno lectivo, em igualdade de condições com os alumnos. E' que ao Centro, interessa sem duvida, aproveitá-los no seu segundo anno de experiencia e pratica de instructores, quando muito poderão produzir. E de sua intelligencia e operosidade, muito espera o Centro.

O "DEPARTAMENTO DO ENSINO"

Composição — O "Departamento do Ensino" comprehende a "Direcção do Ensino", o "Corpo de Instructores" e o "pessoal auxiliar".

A "Direcção do Ensino", com suas attribuições marcadas nas "Instrucções", tem a seu cargo a superintendencia de todos os assumptos referentes ao ensino e á instrucção do C. I. A. C.

Orientação geral do ensino; programmas e horarios; organização, publicação e distribuição de notas de aulas e conferencias; divulgação dos assumptos referentes ao ensino; trabalhos escriptos e praticos, coordenação e fiscalização dos trabalhos dos instructores, taes são os encargos normaes da Direcção do Ensino.

Para a execução dos seus trabalhos, ella dispõe de um "Director", o Chefe da Missão Militar Americana, e um Major Sub-Director; do "Corpo de Instructores, composto de um official da Missão e dos instructores e auxiliares, já citados, e do "pessoal auxiliar": datylographos, desenhista-cartographo e auxiliares.

Material — O material de que dispõe o "Departamento de Ensino" para a instrucção, embora ainda escasso, tem sido cuidadosamente escolhido e selleccionado. Todo elle corresponde ás necessidades do Centro, nas diversas materias do ensino. Além de mappas, cartas e planos; material de desenho o mais completo; photographias, quadros e pranchas sobre material; mostruarios de espoletas e estopilhas, o Centro recebeu do E. M. E. e de alguns estabelecimentos de ensino, excellente material, tal como dois theodolitos modernos, pranchetas topographicas, goniometros-bussola, alidades niveladoras, declinatorias, binoculos; bom material de observação do tiro e um excellente e moderno telemetro estereoscopico de Zeiss. Já iniciou sua bibliotheca, especializada em assumptos de defesa de costa, para a qual encomendou grande e escolhida relação de obras de valor. Foi tambem construida, em local apropriado, uma "Camara de Levantamento" para o tiro, a qual está sendo equipada com o material indispensavel.

Do ensino — O methodo de trabalho do Centro, prescripto pela Missão Americana, applica-se a todas as materias dos differentes cursos: 1.º) noções theoricas indispensaveis e sufficientes á perfeita concepção do assumpto a tratar; 2.º)

estudo pratico ou applicação, projecto, execução ou realização da materia estudada; 3.º) theoria completa do assumpto estudado.

Para isso, todo o ensino comporta uma divisão em *theorico* e *pratico*.

Dentro dessa idéa geral, o ensino se professa por meio de:

— aulas theoricas, conferencias ou exposição para os alumnos em conjuncto, procurando-se, de preferencia, a discussão por parte de todos, do assumpto tratado e distribuindo-se ao fim da sessão, notas impressas sobre a materia estudada;

— aulas praticas, desde as simples construcções de graphicos e abacos, ao estudo e projecto dosapparelhos e mecanismos utilizados pela Artilharia de Costa na direcção do tiro, e construcção desses apparelhos;

— aulas praticas sobre material de artilharia;

— trabalhos especiaes de tabelamento e estatistica de dados referentes á defesa de costa, seu material, munições, polvoras, etc., executados por *turmas* de alumnos, cada uma encarregada de um assumpto especial;

— trabalhos escriptos para cada materia, em sala ou em domicilio;

— visitas a fortificações, navios de guerra, arsenaes, etc.

— sessões de tactica da defesa de costa, com exercicios sobre a carta e plano em relevo da região das fortificações;

— exercicios de tiro real, pela Unidade-escola;

— exercicios de tiro real de um agrupamento tactico.

As materias que constituem o curso de Officiaes são:

Parte Geral

- 1 — Orientação e levantamento. Determinação de posição.
- 2 — Principios do tiro de artilharia.
- 3 — Materiaes de artilharia em geral.
- 4 — Protecção contra gazes.
- 5 — Tactica e technica da defesa anti-aerea.

- 6 — Communicações telephonicas e systemas de marcação tempo.
- 7 — Construcção de tabellas, graphicos e abacos para o tiro.
- 8 — Soluções mechanicas do problema da determinação da posição dos objectivos.
- 9 — Systemas de transmissão de commands.
- 10 — Cuidadô e manejo da munição.
- 11 — Organização e serviço da bateria de tiro.
- 12 — Estrategia e tactica da defesa de costa.

Parte Pratica

- 1 — Desenho e construcção de uma prancheta (typo Cloke).
- 2 — Desenho e construcção de um corrector de percentagem da alça.
- 3 — Desenho e construcção de uma prancheta de correcção de deriva.
- 4 — Desenho e construcção de um indicador de correcções de vento.
- 5 — Desenho e construcção de um systema de predicção continua de dados para o tiro.
- 6 — Desenho e construcção de um systema de marcação de intervallos de tempo.
- 7 — Preparação de mappas de direcção de tiro.
- 8 — Tabellamento de dados referentes ás munições das Fortificações do 1.º D. A. C.
- 9 — Tabellamentos de dados de orientação referentes á defesa do Rio de Janeiro.
- 10 — Preparação de listas de nomenclatura padrão (instructores).
- 11 — Desenho e construcção de uma prancheta de observação (instructores).

Sobre algumas dessas materias passo a dar um pequeno resumo do seu objectivo e de como são desenvolvidas.

Orientação e Levantamento: E' uma interessante applicação á Artilharia de Costa das multiplas funcções do Official Orientador, já nosso conhecido em campanha. Despertou na actual turma de alumnos o maior interesse. Começando pela util recordação de todos os principios da topographia, com ligeiras noções de geodesia e astronomia, tem-se em vista tornar o official capaz de executar todas as operações topographicas indispensaveis ás necessidades da defesa: levantamento de pontos e direcções, determinação de coordenadas, para a confecção de tramas de tiro e planos directores, etc. A praticagem com osapparelhos de topographia, pranchetas e theodolito, é grandemente desenvolvida, ficando todos os officiaes aptos a dirigir e executar qualquer trabalho prescripto a um Official Orientador. E não se diga que á Artilharia de Costa, não interessam as funcções de Official Orientador, pelo facto de não consignarem nossos mappas de organização e effectivos tal funcção á Costa. E' que, em geral, fazemos uma idéa muito restricta e imperfeita sobre as necessidades em materia dessa natureza, mesmo fóra do litoral...

Instrucção Geral para o Tiro de Artilharia de Costa — E' a parte principal do Curso. Vae desde as noções theoricas referentes ao tiro de costa, frizando as suas particularidades, num verdadeiro "Curso de Tiro", ao estudo de todos os problemas technicos ligados á sua realização:

Serviço de identificação dos objectivos e levantamento da sua derrota, e por fim de "predição do tiro", que é a "preparação do tiro".

Serviço das peças e baterias.

Regras de tiro; sua execução, observação e regulação.

Cada uma dessas partes constituem assumptos especiaes.

Assim é que, por exemplo, a parte referente á preparação do tiro, comporta o estudo da identificação dos objectivos; levantamento de sua derrota; predição; estudo de toda a aparelhagem necessaria a taes serviços, desde as simples tabellas, graphicos, abacos e diagrammas, ás pranchetas de levanta-

mento, reguas de predição, de correções de alça, de vento, etc., aos systemas de transmissões de dados das estações de direcção de tiro ás peças, para, por fim, estudar, theorica e praticamente, os "calculadores", "preditores" ou "directores de tiro". Este estudo, particularmente, é de especial interesse para a nossa Artilharia de Costa, pois que, começando pelo estudo dos simples graphicos, etc., passa por um excellente curso de "Mechanica applicada", em que são mostrados aos alumnos, no correr das aulas, todos os systemas de tabellas mechanicas, engrenagens, articulações, multiplicadores, mostradores, etc., para finalizar na confecção ou construcção das aparelhagens estudadas, no Arsenal de Guerra, de todo o material de direcção de tiro necessario não só ao Centro, como ás baterias de costa.

Nesta materia, a parte denominada "Systemas mechanicos", foi das mais interessantes e attrahentes, pelo cunho de originalidade para nós, cujo ensino tem tido sempre uma directriz bem differente da orientação eminentemente pratica do ensino nos Estados Unidos e alguns paizes da Europa.

A cadeira de "Systemas Mechanicos" começa com a transformação em graphicos, abacos, diagrammas, etc., das simples leis physicas e mathematicas, dos postulados balísticos e dos elementos de uma tabella de tiro.

Construcção de reguas de calculo; abacos mechanicos de determinação de componentes de vento.

Transformação de uma tabella de tiro em graphicos ou escalas de correspondencia.

Estudo de engrenagens simples, connexões, articulações, transmissões, cames e camoides, excentricos, etc.

Aparelhos ou engenhos mechanicos de sommar, subtrair, multiplicar e dividir. Multiplicadores e integradores. Systemas de transmissão. Marcadores. Mostradores. Preditores. Calculadores.

Tudo isso, estudado theorica e praticamente, com abundancia de detalhes, para se chegar á concepção dos modernos "calculadores" ou "directores de tiro".

Basta um exemplo, o de um trabalho dado aos alumnos, para se ter uma idéa do valor dessa materia:

“Projectar e desenhar na escala de construcção, um mostrador automatico, para as durações de trajecto (em 1/10 de segundo) e angulos de tiro (em milesimos) correspondentes aos alcances em dezenas de metros, para o material Krupp 150, no qual deverá ser o mesmo adoptado”.

A officina, que se organizará este anno no Centro, permittirá dar a esta materia um notavel desenvolvimento, cuja utilidade não carece de justificativas.

Protecção contra gazes — Visando principalmente o estudo da defesa individual e das praças fortificadas contra os effeitos dos gazes de combate, é um curso completo e interessante que se fez no Centro. O instructor, Cap. Hohenthal, que possui o Curso da Escola de Guerra Chimica de seu paiz, deu especial aspecto ás suas aulas, com documentação interessante e preciosas informações.

Defesa Anti-Aérea — E', indiscutivelmente, o curso mais completo dessa materia, que temos tido até hoje entre nós.

Resente-se o ensino da falta de uma bateria anti-aérea para a execução do tiro, o que viria completar, com grande proveito, as suas utilissimas aulas technicas de tiro. E' possível que a tenhamos em breve. A parte tactica, — emprego de artilharia anti-aérea no ambito da defesa de costa, bem como a technica, estão sendo estudadas á luz da doutrina americana, pela traducção de seus manuaes de defesa anti-aérea.

Material de Artilharia, Transmissões, Telemetria, Munições e Explosivos — São outras materias do Curso, de menor extensão, porém, de não menor interesse. O material indispensavel a sua completa aprendizagem, será, no proximo anno, grandemente augmentado.

As duas materias finaes do Curso, são: *Organização e Estrategia e Tactica da Defesa de Costa*.

Basta ennumerar as aulas dadas no corrente anno, para que se possa avaliar do seu interesse e do valor das mesmas.

- I — Organização Geral da Defesa de Costa
- II — *Art. de Costa* — Organização, Serviço e Emprego das Bias. fixas.
- III — » — Organização, Serviço e Emprego das Bias. motorizadas
- IV — » — Organização, Serviço e Emprego das Bias. s/ trilhos.
- V — » — Organização, Serviço e Emprego dos grupos fixos.
- VI — » — Organização, Serviço e Emprego dos grupos motorizados.
- VII — » — Organização, Serviço e Emprego dos grupos s/ trilhos.
- VIII — Organização da Artilharia de Costa e 1 Grupamento e 1 Sector.
- IX — Organização, Funcionamento e Emprego do 1.º D. A. C.

(ESTRATEGIA E TACTICA DA DEFESA DE COSTA)

- I — Defesa de Costa — Principios e Doutrina.
- II — Systema geral de Defesa de Costa
- III — Natureza dos ataques contra as costas Maritimas e Acção Geral do Exercito contra os mesmos.
- IV — Operações de uma Expedição inimiga de alem-mar e sua defesa.
- V — Character dos ataques puramente navaes; Formação dos Navios; characteristics dos navios de Guerra.
- VI — Operações Navaes dos Dardanellos.
- VII — » » » »

Taes materias, que serão devidamente desenvolvidas no proximo anno lectivo, principalmente no Curso de Officiaes Superiores, são de grande e palpitante interesse.

De cada uma dessas duas ultimas materias o Sr. Ten. Cel. Smith realizou uma conferencia na Escola de Estado Maior por designação do Sr. Chefe do E. M. E.

Regimen de trabalho — O regimen de trabalho no C. I. A. C. apresenta algumas particularidades interessantes.

O *programma annual* é organizado pela distribuição das materias do Curso pelo anno lectivo, subseqüentemente. Estabelece-se o numero de aulas destinado a cada materia, p. ex.: 80 — para Orientação e Levantamento; 162, para Technica de Tiro; 12 para Defesa contra gazes; 6 para Emprego e cuidado das munições, afóra as outras.

O anno lectivo comporta, por exemplo, 576 tempos de aula (3 em cada manhã). Repartem-se, successivamente, as materias ao longo dessas 576 horas ou sessões, correndo, porém, simultaneamente, duas ou mais materias.

No numero de aulas para cada uma, já se acham incluídas os trabalhos escriptos, exames etc. Isso tudo é traduzido em um graphico, distribuido aos alumnos, que ficam assim, de antemão, conhecendo o desenvolvimento dos trabalhos escolares, do principio ao fim do anno.

Curso de Sargentos — Não exitarei em dizer que o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos é o mais completo e rigoroso que já fizemos entre nós para os sargentos. Submettidos os candidatos a um exame de selecção, que mais tinha por fim proporcionar aos instructores um conhecimento perfeito das possibilidades de cada alumno, seu gráu de adeantamento e o nivel da turma, o Curso de Sargentos desenvolveu-se regularmente durante todo o anno lectivo, sendo notaveis os progressos obtidos com os mais fracos, e excellentes os resultados geraes com a turma.

Versava o Curso sobre duas cathogorias de materias; uma parte fundamental (portuguez, arithmetica, noções de

algebra, de geometria e de topographia) e uma parte profissional.

Sobre os seus resultados nada mais é necessario accrescentar ao que informa o Director do Curso, em seu relatorio do fim do anno lectivo:

Matriculas — Foram matriculados no curso, em o anno de 1934, 19 sargentos, sendo 1 sargento ajudante, 5, 1.^{os} sargentos e 13, 2.^{os} sargentos.

Exame de selecção — Prestaram exame de selecção 20 candidatos, sendo approvados 16 e considerados como não podendo acompanhar o curso 4; não prestaram esse exame 1 sargento ajudante, 1 1.^o sargento.

Trancamento de matricula — Durante o curso pediu trancamento de matricula 1 1.^o sargento.

Desenvolvimento do Curso

Regimen de aulas — As aulas funcionaram diariamente, (excepto domingos e feriados) das 8,30 ás 12,30, com uma media de 3 disciplinas.

Trabalhos escriptos — Semanalmente são executados em media 3 trabalhos escriptos em sala.

Além disso, os alumnos são encarregados de certos trabalhos em domicilio.

Numero de aulas dadas de cada materia — As materias leccionadas no Curso de Sargentos foram em numero de 12, assim distribuidas:

- | | | |
|------------------|-------------|------------------------------------|
| I — Portuguez | — 75 lições | — 15 trabalhos escriptos em sala. |
| II — Arithmetica | 67 lições | — 8 trabalhos escriptos em sala. |
| III — Algebra | 32 | » — 5 trabalhos escriptos em sala. |
| IV — Geometria | 47 | » — 6 trabalhos escriptos em sala. |

V — Topographia	40 lições	— 5	trabalhos escriptos em sala.
VI — I. G. T. A. C.	51	» — 5	trabalhos escriptos em sala.
VII — Transmissões	51	» — 3	trabalhos escriptos em sala.
VIII — Telemetria	20	» — 3	trabalhos escriptos em sala.
IX — Organização e Serviço da bta. de tiro	30	» — 3	trabalhos escriptos em sala.
X — Munição e Paíões	30 lições	— 5	trabalhos escriptos e trabalhos a domicilio.
XI — Protecção contra gazes	10 lições	— 2	trabalhos escriptos.
XII — Nomenclatura e Serviço da peça	— 20 lições	— 2	trabalhos escriptos e trabalhos a domicilio.
Total	438 lições	— 61	trabalhos escriptos em sala.

Resultados — Os trabalhos executados tiveram o seguinte resultado:

Entre 0 e 4 (inclusive) — 179

Entre 4 e 8 (inclusive) — 511

Entre 8 e 10 (inclusive) — 291 (sendo 45 grãos 10).

Visitas — Além das aulas e trabalhos, os alumnos effectuaram as seguintes visitas de instrucção:

Forte da Lage — 1

Forte de Copacabama — 1

Navio Escola Almirante Saldanha — 2 (para estudo da telemetria).

Secção de Veterinária

Redactor: Armando Rabello de Oliveira

O stud book do cavallo crioulo

Da Associação do Registro Genealógico Sul-Riograndense, sediada em Pelotas, recebemos o seguinte communicado:

"Temos a satisfação de informar que o programma traçado pela Associação dos Criadores de Cavallos Crioulos, fundada em Bagé, em fevereiro do corrente anno, vae dia a dia sendo concretisado, com a realisação de importantes trabalhos visando o reerguimento, por selecção, dessa tradicional raça cavallar.

Assim, foi ha pouco realisada, em Bagé, a segunda inspecção das manadas candidatas á inscripção no Stud Book aberto pela Associação do Registro Genealógico Sul-Riograndense, com séde em Pelotas.

A commissão nomeada por aquella Associação revisou, até á presente data, 151 eguas, 13 garanhões e 8 potrilhos. Dentre os animaes inspecionados, foram aceitos os relacionados a seguir, num total de 54 eguas, 4 garanhões e 2 potrilhos, destes proprietarios: Echenique & Nunes Vieira, Mattas Minuano, 12 eguas e 1 garanhão; Belisario Sá Sarmento, Haras S. Francisco, 11 eguas, 1 garanhão e 1 potrilho; Cypriano Munoz Filho, Granja Zina, 2 eguas; João Paes Vieira, Haras Valente, 6 eguas e 1 potrilho; João Magalhães Vieira, Haras Montserrat, 1 egua; João Manoel Saraiva, Estancia Bella Vista, uma egua; Manoel Leal de Macedo, Cabana Cinco Cruzes, 10 eguas e 1 garanhão; João Dutra da Costa, Haras Marinbondo, 5 eguas; Manoel Leal de Macedo Filho, 1 garanhão; general Ptolomeu de Assis Brasil, 6 eguas.

A Associação de Criadores de Cavallos Crioulos pretende realisar, no proximo mez de fevereiro, a inspecção das manadas dos municipios de Rosario e Alegrete. Qualquer pedido de inspecção, desses municipios ou de outros, deverá ser dirigido á Associação do Registro Genealógico Sul-Riograndense, com séde em Pelotas.

No intuito de esclarecer os interessados na criação de cavallos crioulos, publicamos o Standar dessa raça e tambem o Regulamento da Associação, ambos approvados na reunião de sua fundação.

Por proposta da commissão de inspecção e do Director-technico do Registro Genealógico, foi o Regulamento modificado no artigo 3, letras "a" e "c", e no art.º 13, os quaes ficaram assim redigidos: art.º 3, letra "a"; No Registro Definitivo serão inscriptos: "a") os pastores acima de tres anos, aceitos pela commissão de criadores; "c") os machos inscriptos no registro preparatorio, e que forem aceitos pela commissão de criadores (commissão de inspecção) previa inspecção feita, depois de terem completado "tres" annos. Art.º 13: para inscripção, vigorarão as seguintes taxas: garanhões no registro definitivo — 100\$000, eguas e potrilhos, no registro definitivo — 150\$000.

Standard da raça cavallar

Em detalhe, o nosso cavallo crioulo, ideal e perfeito, deveria ter:

A cabeça — curta e em forma de pyramide, ampla na base e fina na ponta; maxilares fortes, bem desenvolvidos; ganachas bem afastadas; craneo amplo e cara curta; fronte larga, bem desenvolvida, com o chanfro curto e largo; perfil recto ou ligeiramente convexo. Orelhas pequenas, moveis, bem afastadas. Olhos grandes, afastados, collocados sobre o bordo do plano frontal, expressivos, irradiando doçura, bondade e intelligencia.

O pescoço — bem unido á cabeça, por uma larga e limpa garganta. No bordo superior, ligeiramente convexo, com abundantes e grossas crinas. Quasi recto, em sua linha inferior e amplo, largo, forte, musculoso em sua inserção ao thorax. Mediano de comprimento.

A cernelha — musculosa, pouco saliente, larga e forte.

O dorso — recto, curto, largo, bem unido a cernelha, denotando capacidade de supportar e carregar peso.

O lombo — curto, largo, musculoso, forte, bem unido ao dorso, com o qual deve manter perfeita harmonia de conjuncto.

A garupa — de mediana largura, musculosa, forte, bem desenvolvida, semi-obliqua.

A cauda — com sabugo grosso e curto, bem implantada e com abundancia de crinas.

O peito — amplo, largo, profundo e fortemente musculado. A parede lateral do thorax, alta bem arqueada, possuindo um grande perimetro, qualidade esta muito apreciada.

O ventre — cylindrico, volumoso, quando a alimentação é grosseira, reduzido, quando concentrada; ligeiramente convexo e perfeitamente unido ao thorax e ao flanco.

O flanco — pequeno, curto, cheio, em relação com a brevidade do lombo, obliquidade e afastamento das costellas.

As espaduas — de comprimento e largura proporcionaes á cabeça. Inclínadas, desenvolvidas, fortes, afastadas.

Os braços e os cotovellos — bem desenvolvidos, fortes e com excellentes aprumos.

Os ante-braços — musculosos, longos, largos, fortes e bem aprumados.

Os joelhos e as canellas — curtos, largos, e espessos, com cordas fortes, limpas e bem destacadas.

Os boletos — seccos, redondos, fortes e limpos.

As quartelas — fortes, curtas, largas, espessas, nitidas e medianamente inclinadas.

Os cascos — de um volume proporcional ao corpo, duros, densos, solidos, aprumados e negros, de preferencia.

As cozas e as pernas — fortes, bem descidas, firmes, elasticas, musculosas. O angulo tibio-tarsico medianamente aberto, dando, por esta fórma, resistencia, força, e andar suave.

Os jarretes — amplos, largos, fortes, seccos e musculosos, parallelos ao plano mediano do corpo e bem aprumados.

A altura — a media de 1m,45 nos machos e nas femeas, com oscillações entre a minima de 1m,38 e a maxima de 0,m50.

O thorax — o medio de 1m,75 com oscillações entre o minimo de 1m,68 e o maximo de 1,80, mas sempre em relação a alçada.

O peso — oscillará entre 400 e 450 kilos. Os animaes com as medias das medidas acima mencionadas são capazes de supportar e carregar, commodamente (Baron e Crevat), um peso de 127 kilos, o quanto se pede a um bom cavallo de guerra.

Os pellos — serão preferidos os gateados, mouros, rozilhos, tostados, zainos, escuros, tordilhos, etc. Buscar-se-ha eliminar os oveiros e os tobianos, que, embora reconhecidamente pellagens crioulas, são de difficil vendas aos principaes compradores.

O temperamento — vivo, activo, intelligente, corajoso e bondoso. O standard mencionado acima é o de um perfeito cavallo de campo e de batalha. E' um modelo. Porém, delle nos devemos approximar o mais possivel.

Regulamento do registro genealógico do cavallo crioulo

Art.º 1.º — A “Associação dos Criadores de Cavallos Crioulos resolveu crear o Registro do Cavallo Crioulo, no qual serão inscriptos os descendentes dos cavallos da peninsula Iberica, trazidos na epoca da conquista e conservados sem misturas e conhecidos com o nome de Cavallo Crioulo.

Art.º 2.º — O Registro se dividirá em Definitivo e Preparatorio.

Art.º 3.º — No Registro Definitivo serão inscriptos: a) Os pastores acima de 3 annos aceitos pela commissão de criadores; b) Todo animal nascido no paiz e cuja mãe, avó e bisavó estejam inscriptas no Registro Preparatorio e cujo pae, avó e bisavó estejam inscriptos no Registro Definitivo; c) Os machos inscriptos no Registro Preparatorio e que forem aceitos pela commissão de criadores, prévia inspecção feita depois de terem completado 3 annos; d) Todo animal inscripto no Registro Definitivo da raça Crioula, mantido pelas “Asociación Rural del Uruguay” e pela “Sociedade Rural Argentina”.

Art.º 4.º — No Registro Preparatorio serão inscriptos: a) As eguas approvadas pela commissão de criadores; b) Os productos destas eguas com pastores inscriptos no Definitivo; c) Todo animal inscripto do Registro Preparatorio da raça crioula, mantida pela “Asociación Rural del Uruguay” e pela “Sociedade Rural Argentina”.

Art.º 5.º — A inscripção dos machos no Registro Preparatorio é facultativo, mas sómente os inscriptos neste, poderão passar para o Registro Definitivo.

Art.º 6.º — Para poderem ser inscriptos em qualquer dos registros os animais devem apresentar as características no Standard da raça.

Art.º 7.º — Todo animal aceito pela commissão de criadores será resenhado, numerado e marcado a fogo, na perna direita, com a marca da “Associação do Registro Genealógico Sul Rio Grandense”. No caso de já ter o animal o n.º do Registro Particular, marcado a fogo, não será necessario numeral-o novamente.

Art.º 8.º — Os pedidos de inscripção deverão vir acompanhados de todos os documentos e demais antecedentes que os criadores poderão conseguir, os quaes serão examinados pela commissão de criadores, que resolverá a respeito, depois de examinados os animais.

Art.º 9.º — A commissão de criadores deverá compor-se de tres membros, indicados pela directoria, e mais tres suplentes, dentre os criadores de crioulos.

Para admissão dos animais será necessaria a approvação unanime de tres membros.

Não poderão fazer parte da commissão julgadora criadores proprietarios dos animais a serem inscriptos.

Art.º 10.º — As resoluções da commissão serão inapelaveis, quando tomadas por unanimidade, e apelaveis, para a directoria, quando contar com dois votos favoraveis.

Das resoluções tomadas a commissão fará sempre sciente, por escripto, á directoria.

Art.º 11.º — Os criadores serão obrigados, de accordo com o regulamento dos registros genealogicos, a manter um registro particular, no qual figurarão os serviços, os nascimentos, peggens e signaes catacteristicos dos productos e a numeración correlactiva em ordem chronologica.

Art.º 12.º — O Registro Preparatorio ficará aberto durante dois annos.

Art.º 13.º — Para a inscripção vigorarão as seguintes taxas: Pastores no Definitivo, 100\$000; Eguas 15\$000; Potrilhos, 15\$000.

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR

Dirigida pelo Cap. JOÃO RIBEIRO PINHEIRO.

Major Araripe — <i>Escola do Pelotão</i>	10\$000
» » — <i>Combate e Serviço em Campanha</i>	10\$000
Major Od. Denys — <i>A Instrucção na Infantaria</i> ...	10\$000
Cap. Del Corona — <i>Caderneta do Infante</i>	10\$000
Maj. Danton Teixeira — <i>Historia Militar do Brasil</i>	10\$000
Major João Pereira — <i>Armas automaticas</i> (2. ^a edição)	9\$000
Cap. João Ribeiro Pinheiro — <i>Como organizar uma</i> <i>Sub-Unidade</i>	8\$000
Cap. Nelson Demaria Boiteux — <i>Ordem Unida</i>	8\$000
Cap. Delmiro de Andrade — <i>A Secção do Comando</i> <i>no Batalhão</i>	8\$000
Ten. Danilo Paladini — <i>O Official de Informações</i> ..	8\$000
Caderneta de Ordens e Partes.....	8\$000
(Blocos avulsos)....	2\$000
Gen. Góes Monteiro — <i>O Elogio de Caxias</i>	2\$000
Cap. Eduardo Peres Campello — <i>Tiro indirecto de</i> <i>metralhadora</i>	2\$000
Maj. Dr. Marques Porto — <i>Attestado de origem</i>	2\$000
Caderneta do Commandante.....	1\$000

Pelo correio mais 1\$000.

Casa Editora — HENRIQUE VELHO

LIVROS A' VENDA

Guia para a instrucção militar, do Cap. Ruy Santiago, 10\$000, pelo correio mais 1\$000.

Guia pratico para o recruta, Alexandre Fernandes, 2\$000, pelo correio mais \$500.

Notas sobre o commando do batalhão no terreno — Cmt. Audet, 3\$000, pelo correio mais \$700.

Adestramento para o combate, General Paes de Andrade, 3\$000, pelo correio mais \$500.

O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia, General José Pinto, 4\$500, pelo correio mais \$600.

O que é preciso saber da Infantaria, Ten.-Cel. Dermeval, 5\$000, pelo correio mais \$800.

Combate da Infantaria, Major Soares dos Santos, 6\$000, pelo correio mais \$700.

Secção de Estudos Sociaes

Redactor: Correia Lima

Constituição Burgueza

Cap. A. F. CORREIA LIMA

Os adeptos do Estado comunista atacam sempre e vehementemente, as constituições dos demais Regimentos Politicos classificando-as, pejorativa e indistinctamente, de burguezas, imperialistas ou capitalistas.

As leis basicas soviéticas assemelham-se aos estatutos fundamentaes dos Estados Imperialistas e, como um bom retrato, reproduzem a physionomia da pessoa photographada.

Naturalmente, o código das leis communistas traz, em seu bojo, inovações adeantadas, muitas dellas acertadissimas, sob os pontos de vista politico, administrativo, economico e, principalmente, social.

Nem podia deixar de ser assim. Derruir o absolutismo secular, tartaricamente barbaro e mongólicamente despótico dos czares e continuar empregando os mesmos processos de governo, não seria possivel.

Havia necessidade imperiosa de reformas sociaes que favorecessem as classes que espadanaram seu sangue em copiosas catadupas, para derrubar a tyrannia truculenta dos irresponsaveis coroados russos.

Essas classes populares (proletariado, pequena burguezia, etc) tinham direito á compensações pelos esforços e sacrificios que lhes foram impostos.

Ellas se sentiriam ludibriadas si não vissem melhoradas suas condições sociaes e materiaes, não com palavriado oco, mas por meio de disposições legaes, consignadas nos estatutos do novo Estado, svrgido dos escombros sangrentos e fumarentos do absolutismo imperial decahido.

Seria um perigo, de consequencias imprevisiveis, tripudiar afoitamente sobre a boa fé e a confiança das massas, agitadas e irriquiétamente esperançosas, que começavam a despertar de um longo torniquete de oppressões selvagens e a ter comprehensão e conhecimento do grande poder que tinham á sua disposição.

Os novos mentores do Infante Estado não commetteram o erro de se deixarem inebriar pelo fascinador exercicio do poder; trataram de applicar uma legislação social avançadissima que elevava as camadas populares, mediana e inferiormente cultas, da sociedade aos pinaculos da direcção e da organização administrativa da nacionalidade.

A realidade, entretanto, não correspondeu á ideologica intenção. O resultado pratico foi desastroso; o communismo de guerra marcou o mais sanguinario e canibalesco despotismo que a Historia da Civilização Humana tem registrado.

A barbarie rubra empolgou, com fremitos de indignação e horror, ao mundo inteiro !

As reacções provocadas eram esmagadas com a mais fria e implacável crueldade.

A Tcheca celebrou-se por sua selvageria inquisitorial; a espionagem rasteira e a delação infamante e caluminosa, passaram a ser attributos de honra; o sangue tingia de vermelho os lagêdos dos calabouços, os pateos das casernas e os calçamentos das ruas e praças publicas de mistura com as imprecações de muitos immolados inocentemente e com os gemidos lancinantes dos torturados em holocausto ás suas idéas.

O espectáculo doloroso da morte e do soffrimento banalisou-se, no grande cadinho de padecimentos slavos, a ponto de não mais emocionar aos asiaticos habitantes da Grande Russia Européa !

Mas, si a doutrina communista proporciona a felicidade humana em geral e a das classes desamparadas em particular, como justificar o sacrificio de milhões de russos por agirem ou, simplesmente, pensarem em desaccordo e contrariamente a ella?

Lenine, inegavelmente uma cerebração excepcional, comprehendeu logo a impraticabilidade do chamado communismo de guerra e não teve nenhuma duvida em capitular ante a evidencia incontestavel dos factos.

Foi então adoptado um regimen conciliador, bífrente por isso que servia, dualisado e differentemente, ao communismo da cidade e do ao campo.

O camponio reaccionario foi logo baptisado pelos communistas vermelhos, depreciativamente, de kulak (pequeno burguez agrario).

A pequena propriedade privada (muito limitada de inicio) passou a ser admittida no campo; na cidade ella não era encontrada.

Outras capitulações sob o ponto de vista espirital (liberdade de crença, embóra o Estado continue pregando a inexistencia de Deus), domestico (constituição de familia por vinculos civis e religiosos) civico (adopção e imposição de patria) deram por terra com o truculento ideologismo do feroz reformador social Trotzky, o verdadeiro judeu-errante, o semita eminentemente internacionalista por isso que não tem, nem pôde ter, patria propria.

O Communismo é um regimen fallido na propria Russia; lá impéra um socialismo avançado que Lenine, confiou á guarda ciôsa e vigilante de Stalin.

Isso se verifica pelo estudo da constituição politico-social da U. R. S. S.

O communismo pregado no estrangeiro não é o regimen praticado nas R. S. S.; é o que convem ao capitalismo semita, cûpido e ganancioso. O hebreu, vindicativo e internacionalista por determinismo historico, não perdoa aos demais povos o crime de possuírem patrias proprias, quando sua raça se vê impossibilitada de constituir uma nação na face do globo terrestre.

Dahí sua incontida ancia destruidora de tudo quanto se acha socialmente organizado; elle se considera pária em qualquer parte onde esteja

e, então, luta contra tudo e contra todos, dissimuladamente, escondendo seus rancorosos ressentimentos raciaes com rotulos de elevada benemerencia social.

Inteligente e argentario, dispondo portanto dos principaes factores de exito, aproveita-se, com tenacidade, do grande pretexto russo para continuar agitando o mundo inteiro na inefavel esperança de alcançar uma situação politica que lhe permita renascer a extinta nacionalidade com todos os attributos caracteristicos das patrias modernas: territorio, estado, população com homogeneidade racial, tradições, interesses economicos, etc., etc.

No dia que houver ressuscitado a messianica patria de Israel talvez o mundo tenha mais socego.

Ao russo pouco importa o que se passa com o restante da humanidade; elle subverteu a ordem social na sua patria, o que já lhe representa um grande esforço; os governados passaram a dirigentes e nada mais.

O Estado existe lá em toda a plenitude de poderes dos Estados Burgezes. Lá ha o Executivo, macrocephalo centralizador e prepotente; ha o legislativo que, por emquanto, ainda finge exprimir e realisar a vontade sobreana e consciente das massas (euphemismo muito surrado por todo politico de qualquer ponto do globo); ha tambem o judiciario que commette os mesmos erros de apreciação e julgamento dos congeneres do orbe terrestre.

O aparelhamento militar e naval do Estado Vermelho é, materialmente, poderoso; a organização policial soviética, civil e politica, deixa a perder de vista a mais oppressora e truculenta do mais feroz paiz capitalista.

Tudo mais que sua constituição preconisa é tirado das burguezissimas constituições imperialistas: organização sanitaria, instrucção publica primaria, secundaria e superior; industrialização racional; destribuição intelligente do capital financeiro como impulsionador do desenvolvimento industrial; assistencia publica, hygienica e hospitalar; emfim toda a organização social e espirital dos demais povos da terra.

Apenas com processos de execução differentes e talvez (pode admittir quem lá ainda não esteve) postos em pratica com mais sinceridade da parte dos responsaveis pelas cousas publicas.

E' natural e explicavel: os actuaes dirigentes russos ainda devem ter muito em conta a impulsividade das massas por elles mesmos agitadas e ainda não estão tão viciadas na pratica das irresponsabilidades do mandonismo e dos abusos de auctoridade para se entregarem a todos os desmandos que quasi todos os outros governantes praticam por ahi fóra.

E' bom portanto que observemos o que se passa na casa dos outros para, com conhecimento de causa, não nos deixarmos levar por palavrosas e insinceras pregações que escondem, certamente, objectivos inconfessavelmente criminosos.

As relações possíveis entre a religião e o estado

BENITO MUSSOLINI
(Primeiro Ministro da Italia)

Toda a historia da civilização occidental, desde o Imperio Romano até os nossos dias, desde Deocleciano até Bismarck, ensina-nos que quando o Estado inicia uma luta contra a Religião, é sempre o Estado que sáe derrotado.

Uma luta contra a Religião é uma luta contra alguma coisa de intangível, de incompreensível e de incansável. E' uma luta contra o espirito, na sua forma mais íntima e profunda, na qual nem mesmo as mais afiadas armas do Estado pôdem ferir mortalmente a Igreja. Esta, especialmente a Igreja Catholica, tem triumphado sempre, mesmo nas provas mais difficeis.

Um Estado só pôde sair triumphante em uma luta contra outro Estado. Sua victoria pôde culminar em uma mudança de regimen como, por exemplo, o traspasse territorial, o pagamento de uma indemnização, o desarmamento de um exercito ou um determinado systema de alianças politicas ou economicas.

Quando a luta é contra outro Estado, o Estado encara alguma coisa de real, tangível, material, que pôde ser golpeado, mutilado ou transformado; mas, quando a luta é contra uma religião, o Estado não tem nenhum ponto determinado.

O EXEMPLO DE BISMARCK

A resistencia passiva dos padres e dos crentes é por si só sufficiente contra os ataques do Estado.

Bismarck, durante os oito annos de sua luta pela cultura allemã, prendeu mais de vinte bispos, fechou centenas de igrejas e desorganizou uma infinidade de organizações catholicas.

A campanha contra os ideaes romanos começou com a divisa: — "Los von Rom" (Alheamento de Roma). Como resultante desta perseguição, o numero de deputados catholicos no Reichstag augmentou de uma centena, e a figura de Windthorst (adversario de Bismarck e chefe do Partido Catholico) popularizou-se em todo o mundo e augmentou a resistencia moral do povo catholico da Allemanha.

Por fim, Bismarck, o mesmo Bismarck que fundou o imperio allemão, capitulou ante Leão XIII; nomeou-o arbitro em uma controversia internacional e escreveu ao Pontifice uma carta iniciando-a com a palavra — "Sire".

UM DOS GRANDES ERROS DE NAPOLEÃO

A politica de Napoleão I com relação á Igreja, foi igualmente infeliz. Um dos mais sérios erros do Grande Corpo foi o ter querido offender a dois Papas e ao Vaticano. Para uma pessoa supersticiosa como Na-

poleão, a sua primeira derrota foi um facto digno de reflexão, pois, deu-se quasi depois de ter elle mandado prender o Papa Pio VII.

Na concepção fascista do Estado "totallitario", a Religião é absolutamente livre e, dentro do seu ambito, completamente independente.

A caprichosa idéa de fundar uma Religião de Estado ou de submeter o Estado á Religião professada pela maioria dos italianos, jámais passou pela nossa imaginação.

O ESTADO EM FACE DAS RELIGIÕES

A obrigação do Estado não consiste em crear novos evangelhos ou dogmas, nem em procurar por abaixo antigas deidades, afim de substituil-as por outras. O Estado fascista não tem uma theologia e sim, uma sciencia politica, o que é fundamentalmente diferente.

O Estado fascista não concebe que seja sua obrigação intervir em assumptos religiosos e se chegar o caso de ter um dia que intervir, será, apenas, porque a Religião interviera com a ordem politica e moral do Estado.

Nos tempos modernos, assim como em toda a historia da civilização do homem branco, o Estado só pôde assumir duas attitudes legaes ante ás Igrejas constituidas: — a de ignoral-as por completo, apesar de toleral-as, — como succede nos Estados Unidos, — ou a de — regularizar suas relações com a Igreja, mediante um systema de convenios, como se tem feito com grande exito, na Italia.

IGREJA LIVRE EM ESTADO LIVRE

Os Estados italianos, depois de haverem estabelecido as denominadas — leis de garantias —, as quaes nunca foram acceitas pelo Papa, adoptaram a politica de ignorar a Igreja Catholica.

A formula de Cavour (ministro de Victor Emmanuel que preparou a unidade da Italia) é: — uma igreja livre, dentro de um Estado livre, insufficiente em um paiz catholico como a Italia. no qual tem além disto, o privilegio de ser a séde de uma Religião que conta 400 milhões de adptos, foi seguida pela formula geometrica de Giolitti, que definiu a Igreja e o Estado, tal qual como duas parallelas que se se bem que se prolonguem juntas para o infinito, jámais se poderão encontrar.

Alheios ás formulas anteriores, os denominados — "partidos da esquerda" — especializaram-se em uma propaganda anti-clerical, demagogica e vulgar por natureza, que se bem que tenha causado violentos disturbios em algumas partes, não poude, contudo, penetrar nas grandes massas catholicas refractarias á tal propaganda.

Isto deu origem a uma situação insustentavel. Sem duvida, apesar da separação, não faltarão as relações semi-officiaes entre o Quirinal e o Vaticano, relações estas impostas pelas necessidades da vida e por determinadas circumstancias, taes como: — por exemplo, o conclave de cardeaes para eleger o successor ao throno.

O TRATADO DE LATRÃO

Em 1929, o tratado que resolveu a questão romana de uma maneira definitiva e satisfactoria teve, enfim, o seu desenlace. E com elle concordaram determinadas diversas séries de alguns artigos referentes ás relações entre o Estado italiano e a Santa Sé.

Seis annos são passados, desde a data em que se firmou o Tratado e não faltaram durante todos estes annos vozes scepticas que previssem catastrophes, chegando até ao céu quando, no verão de 1931, os pactos foram submettidos á prova de um conflicto relacionado com a questão da educação da juventude.

Este conflicto durou varios mezes porém, em principios de setembro o problema teve um resultado satisfactorio para todos.

A controversia pôde ser considerada como uma prova de fogo "dos pactos lateranos". Desde então, nada tem conseguido perturbar a paz religiosa e civil do povo italiano.

E mais ainda:—entre as duas potencias se tem desenvolvido uma collaboração cordial, tendo como base, o mesmo fim,—o homem.

A SOBERANIA DO ESTADO

A doutrina fascista é clara e terminante neste assumpto:— o Estado é soberano e nada pôde estar fóra d'elle ou contra elle, nem mesmo a religião em suas manifestações praticas. Isto explica a razão pela qual os bispos italianos fazem o juramento de fidelidade ao Estado.

Por outro lado, a Igreja é soberana em seu campo especifico de utilidade, a saber:— a salvação das almas. Existem casos em que necessariamente as duas forças se hão de encontrar. Nestes casos, porém, a collaboração é desejada, possivel e productiva. Como seria grotesco um concilio de cardeaes que tratasse sobre materia referente ao calibre dos canhões ou á tonelagem dos cruzadores! E não seria menos grotesco, tambem, um gabinete ministerial que tratasse de legislar em assumptos referentes á Theologia ou aos dogmas religiosos! Um Estado, que não deseja causar desarranjos espirituaes nem crear uma divisão em seu povo, deve eximir-se de intervir em assumptos estritamente religiosos. Os successos occorridos ultimamente na Alemanha constituem uma prova palpavel do valor da doutrina fascista. Nenhum Estado é mais "totalitario e autotirario" que o Estado fascista. Nenhum Estado guarda com maior zelo sua soberania e prestigio, porém, justamente por isso, o Estado fascista não tem necessidade de intervir em assumptos que estão fóra de sua jurisdição. Quem intencionalmente rompe ou perturba a unidade religiosa de um povo commette um crime de lesa nação.

Do "O Jornal".

Um chefe habil e instruido só se engaja numa acção quando tem probabilidades de obter alguma vantagem. (*Xenophonte*).

Para o ponto donde se espera bater o inimigo, concentrar todos os esforços, porque muito vencer não prejudica a ninguém (*Idem*).

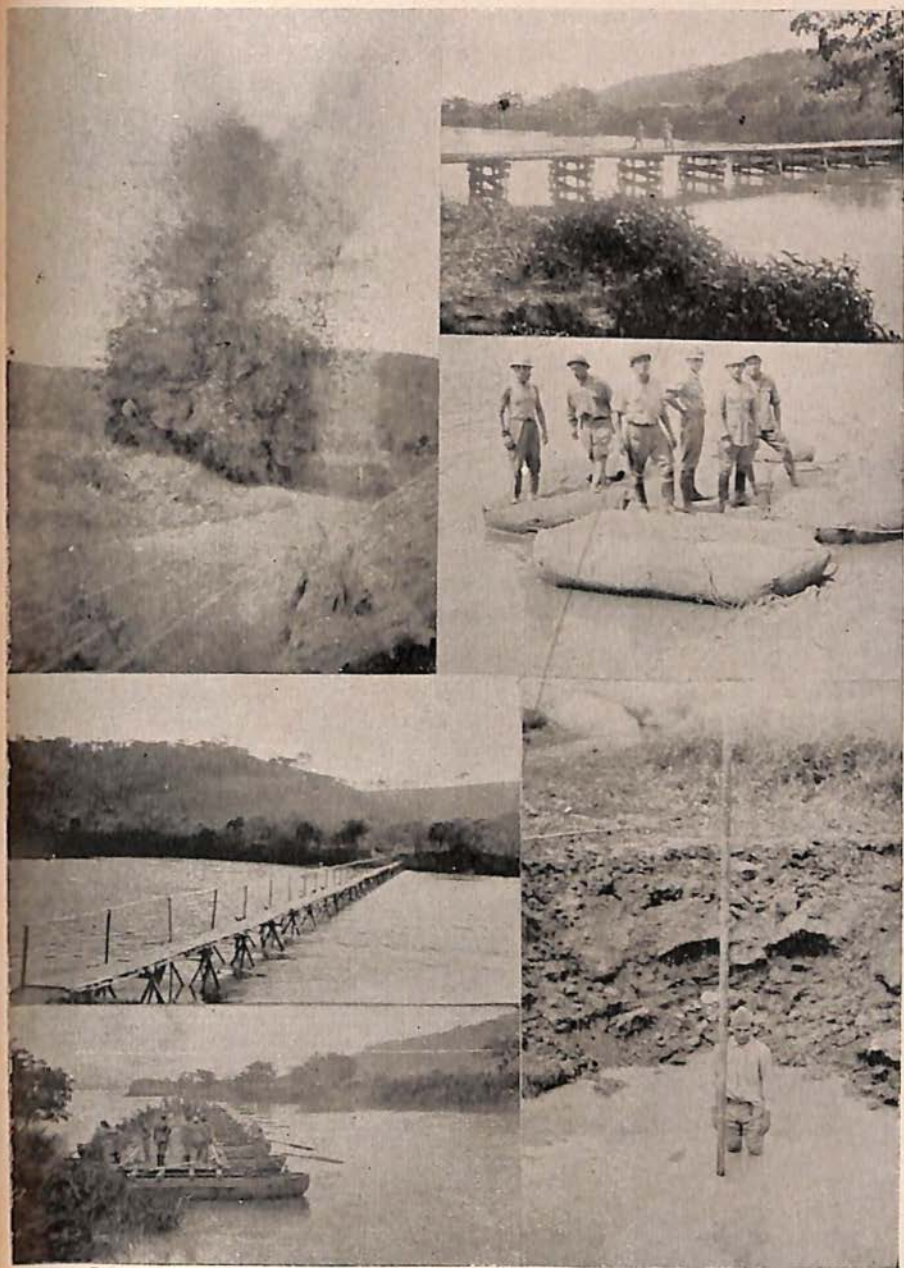
Enganar: eis em que consiste toda a arte da guerra (*Idem*).

Um chefe só está vencido, quando se crê vencido (*Idem*).

Secção Pedagógica

Redactor: João Ribeiro Pinheiro

A INSTRUÇÃO NA ENGENHARIA



A' esquerda: explosão de um fornilho, passeadeira typo cavallette tesoura e lançamento da ponte de equipagem pelo methodo de conversão.

A' direita: ponte de estacas leves, balsa de saccos Habert e o funil produzido pela explosão acima.

"N'oublions jamais qu'être officier c'est,
avant tout, être instructeur et éducateur"

Marechal PÉTAİN

A PSYCHOLOGIA
E O '
EXERCITO

A guerra 1914 transformou o chefe trulencia, o chefe obcecado pelo material e pela brutalidade no « chefe subtileza, » « chefe-imaginação, » « chefe-intellectual ». Quem venceu a guerra foi a fina psychologia dos chefes francezes. Os allemães não acreditavam nesse factor e por isso perderam. A theoria radiosa dos chefes francezes são expressões de intellectualiidade — Foch, Petain, Weygand, Lyautey, são intellectuae que honram mais tarde, afóra as tradições, a poltrona que sentaram na Academia Franceza.

Basta ler o "1er. G. Q. G." de Jean de Pierrefeu ou "3eme. Bureau" do Cmte. Laure, para se verificar que a guerra é um systema de equações psychologicas, simultaneas e differenciaes.

O problema do terreno - o inimigo - a ordem de cima - a artilharia - a subsistencia - remuniciamento - são problemas que o chefe tem que sentir atravez da psychologia de cada subalterno que dirige cada serviço, - em cada fracção de tropa. Da simples designação dum homem vae depender um mundo de responsabilidades - Saber distinguil-o - Saber escolher atravez duma mascara o espirito que serve, - o espirito preciso que realisarà a missão necessaria - eis a função essencial do chefe.

No chefe nato - o "chefe excepcional" - o seu talento - ou seu genio será o seu mestre inato — o seu guia — o seu integrador de equações psychologicas. Porem, a maioria, não tem dentro da fronte - humana e fragil - essa luz inconfundivel. para conduzil-o E a psychologia moderna - nas-

cendo com Wundt — Weber — Gechner — Block — methodizando os phenomenos de percepção — reacção — esforço, atenção, leis de memoria, aptidão, finalmente a psychometria — fazendo surgir a “idade mental” de Binet e Simon o “behaviour” de Watson, o grave problema do subconientes Freud, — Yong — Adler — com seus typos mentaes —; o “quotiente de nte ligencia” de Terman — a “phisionomia mental” de Catell, a theoria estruturalista e um mundo ainda de conhecimentos, veio trazer ao chefe militar um caminho para conhecer os homens com seus tabús e fraquezas — suas supertições e heroismos. E, no fim, desta serie de pensamentos — fico sem saber por que a Escola Militar não tem até hoje uma cadeira de psychologia... por que um official de infantaria deve aprender mechanica e não precisa saber psychologia...

E me vem á mente, a phrase finamente ironica de Mourois; no seu livro “Les dialogue sur le commandanment”: “Le régle de trois, vrais dans le monde des choses, est fausse dans le monde des humains”.

Cap. JOÃO RIBEIRO PINHEIRO.

(Membro do Conselho Director da Associação Brasileira de Educação)

**O OFICIAL E
A EDUCAÇÃO
MORAL**

A guerra confirmou plenamente a razão da exigencia que official de E. M. deve, antes de tudo, possuir um character firme e recto, ser uma pessoa absolutamente distincta e um cavalleiro na mais rigida accpção da palavra. Repetidamente foi evidenciado que não só nos officiaes de E. M. como tambem nos commandantes das grandes unidades, as condições de character são de um valor consideravelmente superior a todos os conhecimentos e capacidades, a todo saber, mesmo ao talento ou ao genio. Mais do que uma intelligencia brilhante e engenhosa, do que um criterio profundo, do que a energia e a força de vontade, são as qualidades de character as que fazem com que o official de E. M. conquiste e conserve a confiança illimitada e sem reservas e a alta consideração do seu commandante, dos seus collaboradores, e, sobretudo, da tropa. Essa confiança illimitada e sem reservas, que realmente só pode ser conquistada pelo homem de character firme e recto, é a condição prévia e indispensavel para que o official de E. M. possa ser o complemento harmonico do commando, para que o E. M. sob suas ordens funcçione sem attricto, para que se mantenha vivo, a bem do serviço, o amor ao trabalho, tão indispensavel, e para que o official

de E. M. possa desempenhar com accerto uma das missões mais difficeis, a de intermediario entre o commando e a tropa.

A guerra veio confirmar que é um erro escolher os officiaes de E. M. exclusivamente pela sua capacidade, pelas suas aptidões e pelos seus conhecimentos ou seja a vista do resultado de exames theoricos. Na escolha dos candidatos para o serviço de E. M. o que deve decidir são as qualidades de caracter.

Durante a guerra tivemos occasião de reconhecer, além disso, a importancia que tem para o official de E. M. a posse, a par de um caracter sem jaca, de um elevado grau de senso psychologico, tacto natural e capacidade para proceder de accordo com as caracteristicas dos individuos.

Para a conservação do amor ao serviço e ao trabalho em um E. M. a guerra provou que é indispensavel que o Chefe do mesmo conheça o pessoal sufficientemente para que possa designar a cada um a função em que melhor se desempenhe. Deve ser capaz de entrar em contacto pessoal com seus collaboradores, conhecer a fundo cada um delles, e saber quaes as suas qualidades e defeitos; deve tambem saber aos quaes dentre elles pode confiar em absoluto e com quaes se deverá mostrar um tanto reservado; tratará o optimista de maneira differente da que trata o pessimista; a um deverá conceder muita liberdade de acção, ao passo que a outro a limitará muito; ao ambicioso deverá lançar peias ao tempo que impulsiona o fleumatico.

Em geral se deve admittir que todo official de E. M. tenha aspirações; uma ambição sadia não só é conveniente, como mesmo neccessaria. Porém, nada mais perigoso em um official de E. M. do que a ambição doentia e exagerada, a ambição que faz tabua rasa de todos os escrupulos e as conveniencias do serviço antepõe a propria pessoa. Não raro se encontram justamente reunidas a uma ambição doentia grandes condições. Guardei como experiencia que, apesar dessas condições, convém eliminar taes individuos do serviço de E. M. No fundo não ha vantagem na sua collaboração que pode ser a origem de prejuizos incalculaveis.

Não menos perigosos se revelaram os officiaes de E. M. que, convencidos, justificadamente ou não, da sua superioridade intellectual e das suas capacidades, deram mostras perante a tropa de um orgulho intellectual que as devia incommodar e offender. A estes officiaes de E. M. cabe a culpa, principalmente, de terem feito nascer em differentes uma certa opposição entre o E. M. e a frente, e abalado de certo modo a confiança tão absolutamente neccessaria entre o E. M. e as tropas.

GEN. KRESS VON KRESSENSTEIN

**O OFFICIAL
E A
EDUCAÇÃO
POLITICA**

O verdadeiro soldado, compenetrado da sua missão sagrada e da austeridade do seu magisterio, devia ser alguma cousa comparavel a um cenobita devotado a grandeza da sua Ordem: tudo o que não fosse interesse da sua classe, ou deveres da sua classe, estaria fóra do horizonte das suas idéas e das suas ambições, como do campo das suas acções. Pela natureza mesma

da sua estrutura e da sua finalidade, a classe a que está incumbida a defesa da Nação não pôde ser, com effeito, comparada a nenhuma outra classe civil — e só nas ordens religiosas encontra o seu simile.

Na vida das casernas, devia haver qualquer cousa que recordasse a austeridade da vida monachal. Na cabeceira de cada tarimba devia arder perennemente um lume votivo á poliade da Patria, como na cella de cada

mosteiro e á cabeceira de cada monge arde perennemente um lume votivo á Divindade Crucificada. O homem que ingressasse nestas confrarias militares seria como monge guerreiro medieval: batalhando pela sua Patria, como Templario batalhava por sua Fé; mas, como este, dotado sublimemente da capacidade das grandes renuncias e das grandes abnegações. Desde que elle, porém, carecesse desta capacidade, desde que outra ambição o atormentasse, desde que o seduzissem as grandezas que estão para além dos horizontes da sua classe, o que elle devia fazer é o que faria o monge seduzido pelas vaidades do mundo: renunciar o seu sacerdocio, romper o seu juramento, abandonar a sua Ordem. Porque "cidadão de farda" — isso é, homem da Ordem e homem do seculo, homem de espada homem de partido, politico-soldado e soldado-politico — é, sem duvida, uma entidade ambigua e monstruosa.

OLIVEIRA VIANNA.

**O CINEMA
E A
PEDAGOGIA**

A applicação do cinema ao ensino, deve-se condicionar aos preceitos geraes da pedagogia. Não constitue meio exclusivo de aprendizagem, senão um dos meios a se combinar com os demais em harmonia e solidariedade. O objectivo é, segundo o conceito de G. Eisenmenger, "o cinema no ensino" e não "o ensino pelo cinema". Assim não será o "hors d'oeuvre" apenas de dias especiaes, sem ligação com o todo. Poderá ser, a mais, distracção de recreio, em certos dias, quando de character geral.

Entre as opiniões extremadas, uma que aponta para o cinema uma função de "conquistas e anexações", conforme a expressão de Jalabert, e os que lhe attribuem um papel secundario, mesmo negativo, como Mme. Tissot, ha sempre o justo meio termo de equilibrio.

Assim, colhendo as opiniões em fontes diversas, pode-se fixar bem os limites da sua utilização.

Em folheto publicado por "Les Presses Universitaires de France", a questão foi reduzida, so o ponto de vista pedagogico, a seus termos exactos.

1) — O filme de ensino deve ser adaptado ao ensino, isto é, o filme não é, nem pode substituir uma lição e de ser feito em collaboração pelo educador e pelo cineasta.

2) — o cinema deve ser cinema, isto é, só ser utilizado para aquillo em que o movimento seja factor essencial.

Subordinado assim aos preceitos geraes que a pedagogia moderna estabelece, o cinema, em todos os graus do ensino bem como nas diversas disciplinas, vem attender ao objectivo precípua da educação de hoje, de tornar cada vez menor a refração entre o que a escola ensina e o que a vida mostra.

E como, por outro lado, a somma de conhecimentos necessarios cresce dia a dia, impõe-se a ampliação e a criação de novos meios de aquisição.

Para aquellas noções que não estão ao alcance da observação directa nenhum outro meio possui a riqueza de possibilidades do cinema.

SERRANO E VENANCIO.

ESCOLA DE INFANTARIA

Actividades do anno de 1934

O segundo anno de existencia e funcionamento da E. I., foi mais productivo que o de 1933, não obstante as deficiencias materiaes de toda especie.

A. E. I. mudou a sua séde do edificio da E. de Artilharia, onde estava por favor, para o da antiga C. C. C., sujeito a adaptações, tendo recebido 1/3 da quantia orçada para as installações definitivas.

Os trabalhos na Escola desenvolveram-se normalmente, havendo perfeita convergencia de esforços da administração, instructores e alumnos, todos compenetrados da necessidade do aperfeiçoamento da arma, e dahi o supprirem-se as deficiencias materiaes com bôa vontade e espirito de cooperação.

E' opportuno frizar que cada jornada vencida na Escola, patenteou o esquecimento em que estão collocadas as necessidades vitaes da Infantaria, preconisadas pelos nossos regulamentos.

A matricula foi de 4 officiaes superiores, 44 Capitães, 4 officiaes do Corpo de Fuzileiros Navaes e 2 da Policia Militar do Districto Federal e ainda 270 sargentos, no C. A. S.

Apesar do numero elevado de alumnos e da falta de meios, os programmas foram esgotados; aos alumnos foram fornecidos 110 documentos com 620 paginas mimeographadas em papel tamanho almasso e realizada uma excellente manobra na região de Pavuna.

E' bem verdade que sobre os trabalhos da Escola não houve nenhuma publicidade durante o anno; a sua modestissima installação e carencia de recursos não lhe permittiram tal; a E. I. viveu esquecida e mui modestamente, porém, assim mesmo, nesse anno, desincumbiu-se de sua missão.

Ao contrario do anno de 1934, tudo indica que o de 1935 ser-lhe-á mais promissor com a previsão dos seguintes recursos;

- quantitativo para conclusão do projecto de installações;
- armamento e material de tiro, de modo que permita uma instrucção e demonstração sobre todo o material citado nos regulamentos;
- de material necessario a Observação e Topographia;
- animaes em numero sufficiente ao serviço da Escola e execução de manobras no conjuncto das Escolas de Armas;
- visitas constantes do alto commando aos trabalhos no campo, para observar as defficiencias em material;
- aparelhamento do Btl. Escola de modo que attenda todas as necessidades da Escola e da E. E. M.

A Escola de Infantaria bem o merece, para poder proporcionar aos infantes um aperfeiçoamento util e á Infantaria elementos capazes de agir conforme as determinações regulamentares.

As previsões são boas para os 90 officiaes alumnos de 1935 e os nossos votos mais ardentes são para que ellas se effectivem.

ESCOLA DE ARTILHARIA

Actividades do anno de 1934

A Escola de Artilharia, apesar de seus dois annos apenas de existencia, está preenchendo cabalmente as suas finalidades.

As actividades do anno que se findou, são a prova simples e convincente de que, com o fornecimento dos meios indispensaveis ao seu funcionamento normal, os resultados serão francamente positivos, diante dos satisfactoriamente já obtidos.

Installada em quartel de situação invejável e possuindo material, embora parcimoniosamente, para suas multiplas necessidades, fornece ao alumno, a oportunidade de praticar nos varios ramos de seus estudos.

Nelle funcionam um curso para capitães (Categoria A), um curso para officiaes superiores (Categoria B) e um curso para sargentos.

Para seus serviços, dispõe de um contingente formado de sargentos e praças engajadas. Para a instrução dos officiaes alumnos está á sua disposição um Grupo de Artilharia — "Grupo Escola", unidade modelar, de commando autonomo e dotada do material indispensavel ao funcionamento das "escolas de fogo". Para a instrução dos sargentos alumnos, possui uma bateria 75 de Dorso, uma secção de Metralhadoras Pesadas e mosquetões, etc.

A 2 de abril p. p. teve inicio o anno lectivo, com a matricula de 5 officiaes da categoria B; 34 officiaes da categoria A 6 e 5 sargentos.

Curso de Officiaes

De um modo geral, em 1934, a Escola de Artilharia desenvolveu programma mais completo que no anno anterior, apesar de duplicado ter sido o numero de matriculas.

A par da instrução technica da arma, ministrada com dedicação e afinco, outros assumptos constituíram uma série de conhecimentos uteis e indispensaveis ao preparo do official de tropa — Tactica Geral, Tactica da Arma, Organização da Instrução na tropa e noções sobre Artilharia Anti-Aérea.

A parte referente a "Serviço em Campanha", dado ao numero accrescido de alumnos não permittiu que todos os officiaes passassem pelas diversas funcções, dentro da bateria, como na turma anterior, onde o pequeno numero de alumnos deu oportunidade a que isso se procedesse.

O tiro de accordo, executado com o concurso de um Grupo 75 Krupp do 1.º R. A. M., permittiu que fossem confirmadas as tabellas de tiro para a granada F. A. modelo A. G. no canhão Krupp 7,5 — C 28, T. R.

A "Manobra de Grupo", coroamento dos trabalhos escolares, alcançou o successo capaz de despertar em todos que a assistiram, a convicção plena de que a Artilharia bem instruida na paz e melhor commandada na lucta, e principalmente agindo em massa, no ponto desejado e no momento preciso, é factor capaz de por si só resolver serios problemas do campo de batalha.

Curso de Sargentos

Seu funcionamento se processou em bem melhores condições do que o anno anterior, instruindo os sargentos de procedencias diversas, empregando-os, sempre que opportuno, nos trabalhos dos cursos de officiaes.

Nas "escolas de fogo", no decorrer do anno, prestaram seu concurso aos officiaes alumnos, reveando com as baterias do Grupo Escola nos exercicios levados a effeito no Campo de Gericinó.

No "tiro de accordo", foram os operarios esforçados das guarnições que o executaram.

Na "Manobra de Grupo" guarneceram duas baterias organisando o terreno e fazendo o tiro quer de dia quer á noite.

Os sargentos alumnos de 1934 constituiram uma turma que trabalhou devéras, attingindo alto gráu de preparo e uniformidade de procedimento.

Assim, aquelles que superarem a nota 6 no conjuncto, proseguirão o curso no 2.º anno, em 1935, de "Commandante de Secção".

A Administração.

Seu progresso foi consideravel, sob todos os aspectos, pela collaboração intima, prompta e ampla com o Departamento de Ensino.

Foi ampliada e melhorada a aparelhagem material, melhorado o Serviço de Contingente e o estado da cavallhada, attendidos os pedidos normaes e imprevistos de recursos de toda ordem; contribuiu, emfim, com seu optimo funcionamento, para a perfeita regularidade com que correram os trabalhos de instrucção.

Outra melhoria patente foi o avanço realizado na parte referente á organização e publicação de notas de aula, themas, traducções de assumptos interessantes, etc., do que se fez ampla diffusão não só entre alumnos e instructores, como tambem em diversos corpos de tropa.

Esse aspecto utilitario dos trabalhos da Escola terá maior destaque no proximo anno, graças á dotação de uma installação completa de impressão pelo Ministerio da Guerra.

“Para se ter exito é necessario que se tenha um fim, um plano, um methodo. Para se ter um fim é preciso saber o que se quer; para se ter um plano é preciso conhecer o que se pode e para executal-o é necessario vigiar a applicação dos meios” (*Foch*).

“E’ preciso fazer o que se pode para applicar o que se sabe”. (*Foch*).

“E’ preciso fazer bem feito tudo o que se faz, mesmo as cousas mais insignificantes” (*Foch*).

“Não vos preocupeis com phrases e sim com factos, com elles podeis construir”. (*Foch*).

— Sómente a prudencia aliada a habilidade conduzem a grandes resultados (*Napoleão*).

— A imaginação rege o mundo, mas é necessario ter-se canhões para realisar o que a imaginação concebe. (*Napoleão*).

"A DEFESA NACIONAL"

É

DO

EXERCITO.

TRABALHAR POR ELLA

É

TRABALHAR

PELO

EXERCITO.

MANDEM SUAS

COLLABORAÇÕES

Variedades
e
Noticiario

BIBLIOGRAPHIA

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

Perú

Tiro Civil del Perú (Janeiro-Junho 1934)

Uruguay

Revista Militar e Naval (Nov. e Dez. 1934)

- Radiogometria
- Leyendo los libros de Foch
- Testamento politico de Hindenburg.

Espanha

Revistas de Estudios Militares

- La batalla moderna
- Misiones del E. Maior.

França

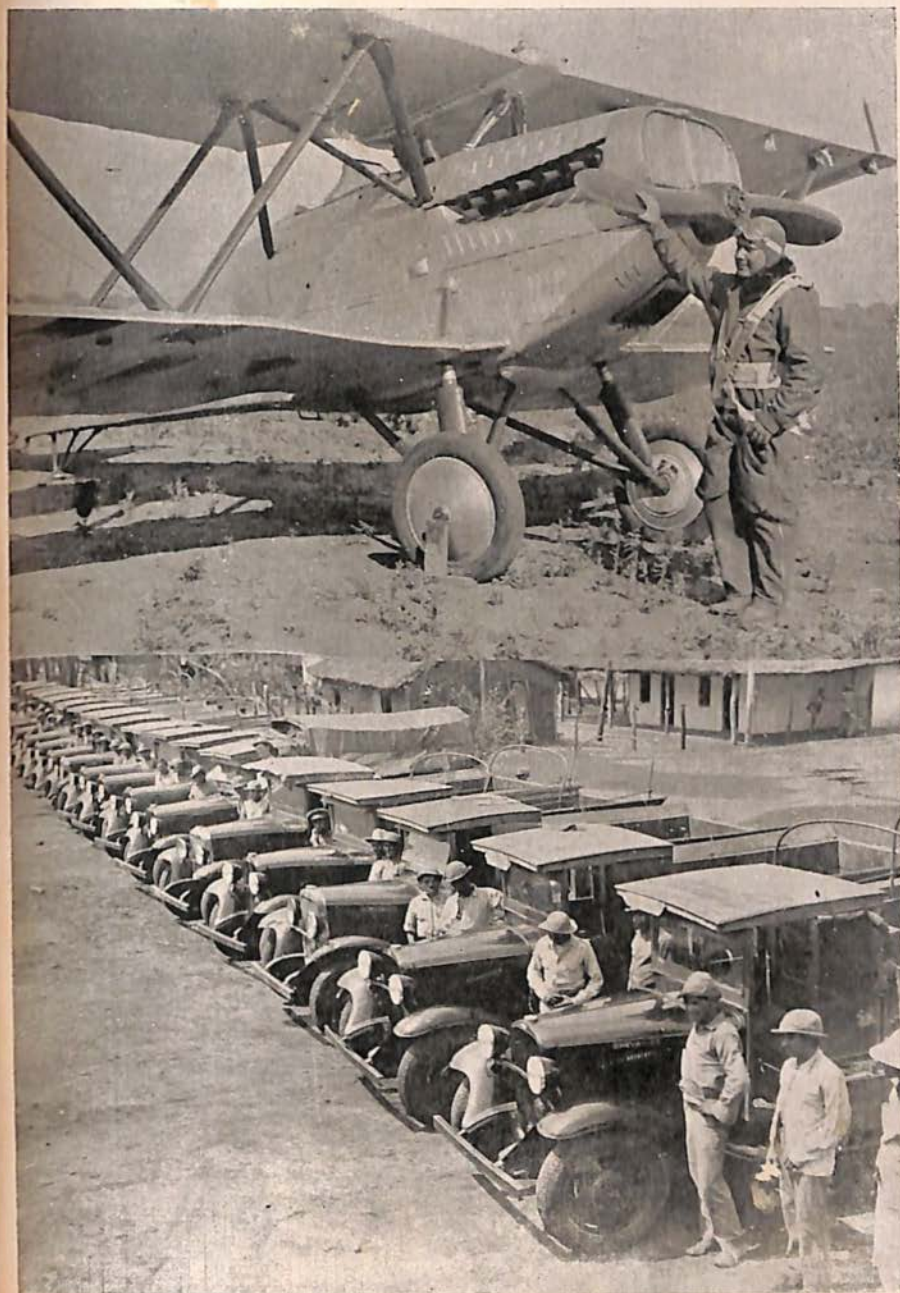
Revue de Cavalerie. (Nov. e Dez.)

Brasil

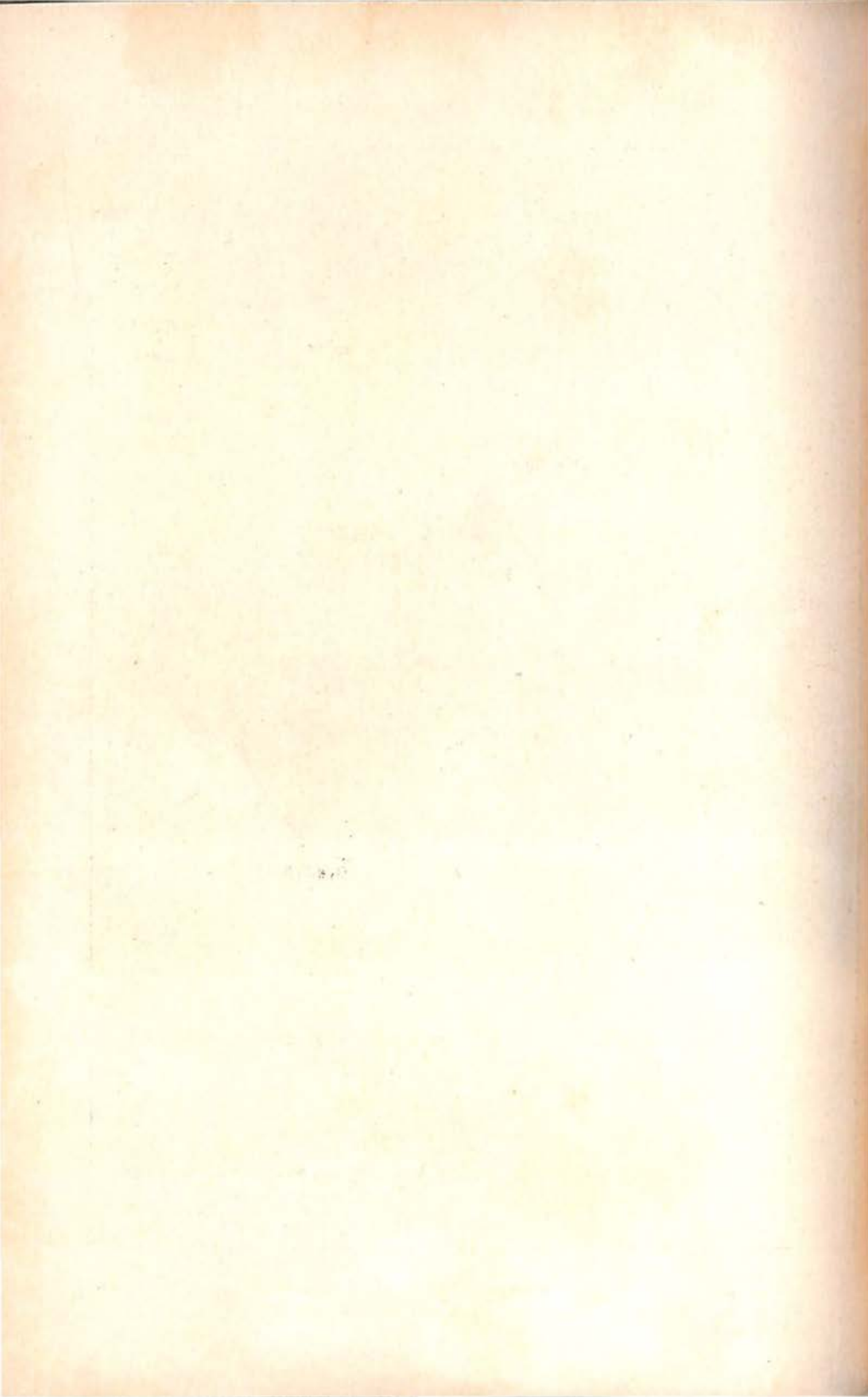
Revista de Educação Física

Revista de Administração Militar (Agosto e Set.)
(Outubro e Nov.).

N O C H A C O



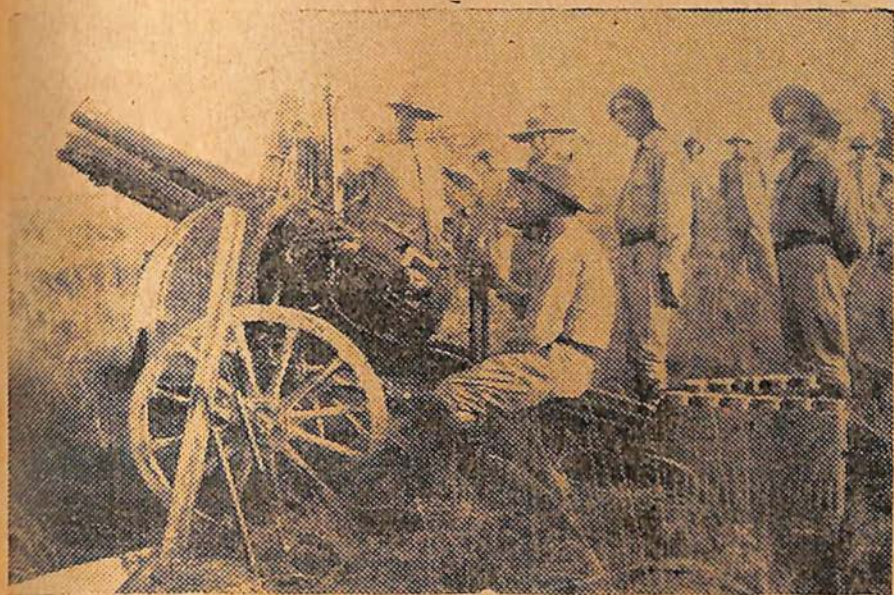
Ao alto: Avião de caça paraguayo. Em baixo: Comboio pronto para partir em direcção do fortim Lopez e Philipps.



A guerra no Chaco

OS CHEFES MILITARES PARAGUAYOS

O Exército Paraguayo tem um grupo de chefes de valor. São figuras de reconhecido merito militar. Não se improvisaram, ao estalar da guerra, em commandantes de corpos e divisões. Antes de irromper o conflicto, já haviam elles feito o seu preparo, adquirido o dominio da estrategia. O general José Felix Estigarribia, que se tem revelado um mestre de tactica militar, é um homem muito joven ainda. Depois de haver feito estudos de agronomia, resolveu ingressar na carreira das armas, incorporando-se ao Exército em 1910. Serviu numa contra-revolução, ao lado do presi-

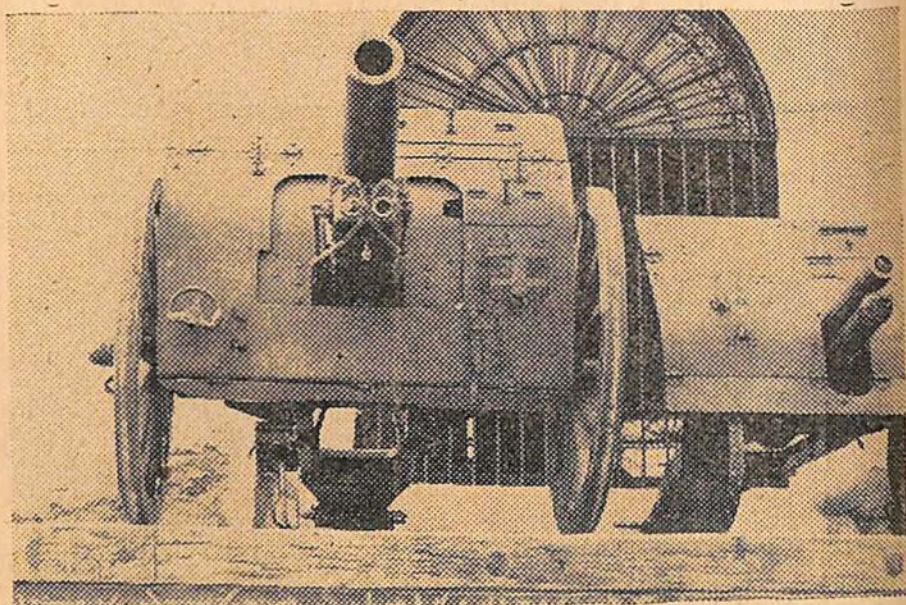


Artilharia Paraguaya em acção

dente Jara, sendo ferido na rendição de Bonete. Em seguida, esteve no Chile, fazendo em Santiago um curso de aperfeiçoamento. Quando regressou, serviu como commandante do Regimento de Concepcion, cargo de que se afastou quando foi nomeado official de planta e cathedratico da Escola Militar do Paraguay. Em 1922, foi nomeado commandante da guarnição de Paraguay, uma das mais importantes bases militares do paiz. Em seguida, dirigiu a Escola Militar. Em 1923 foi promovido a major e nomeado chefe do estado-maior. Em 1924, seguiu para a Europa,

e fez um curso de aperfeiçoamento na Escola Militar Superior da França, merecendo, por sua intelligencia, as sympathias dos mais brilhantes officiaes francezes. Dirigia novamente o Regimento de Concepcion quando, em 1928, verificou-se o incidente com a Bolivia, de que mais tarde resultou a guerra. Esteve, então, como chefe da divisão do sector de Nanawa, passando, em 1929, outra vez, a chefe do estado-maior.

Com o posto de tenente-coronel seguiu para o Chaco em 1930, comandando a 1.ª divisão, no sector de Puerto Casado. Em 1932, organizou a defesa de Boqueron, Pitiantuta, Toledo, Corrales, etc. Victorioso em Boquerón, foi promovido a coronel, no mez de setembro. Pouco depois, victorioso novamente, em Pampa Grande e Poço Favorito, foi promovido



Canhões Bolivianos capturados no Chaco

a general de brigada. Após a victoria de Campo Via, a 11 de dezembro, foi promovido a general de divisão. E' agora, esse joven general o comandante em chefe dos exercitos em campanha.

O coronel Eugenio Garay é outra figura de destaque entre os chefes militares paraguayos. Coursou tambem a Escola Militar do Chile. Quando capitão, afastou-se do Exercito, por motivos politicos, ingressando no jornalismo. Foi director e proprietario do periodico "Los Sucesos". Mais tarde, triumphando o seu partido politico, foi nomeado ministro plenipotenciario em La Paz. No governo do general Pedro Pena, foi empossado no cargo de ministro da Guerra. Mas esse governo durou apenas tres mezes, sendo derrubado por uma revolução. O coronel Garay retirou-se

á vida privada, mas, pouco depois, foi convidado a reassumir seu posto diplomatico em La Paz. Demittindo-se, por questões de natureza politica, actuou de novo no jornalismo e, ao romper a guerra, incorporou-se ao Exercito, no seu antigo posto de major. Foi promovido, em seguida, a tenente-coronel e a coronel, por acto do Congresso, quando tomou de assalto Poço Favorito, aprisionando grande numero de soldados e officiaes bolivianos, entre os quaes os coroneis Capriles e Gonzalez Quint.

O coronel Garay, bem como os coroneis Franco e Fernandez, foram condecorados com a Cruz de Guerra do Chaco e vão ser, agora, promovidos a generaes. O coronel Rafael Franco, que conta apenas 34 annos, era o chefe da guarnição de Bahia Negra, quando rebentou a guerra. Foi quem primeiro sustentou fogo contra o Exercito boliviano, na acção de Vanguardia. O coronel Carlos Fernandez cursou a Escola Militar de Turim, na Italia, conquistando logar de destaque entre os seus melhores alumnos. Dali regressou em 1929, tendo exercido o cargo de chefe do Departamento de Estado-Maior. Foi ferido em Boquerón, onde conduziu as tropas paraguayas á victoria. Conquistou o fortim de Saavedra e dirigiu a retirada de Gondra. Em dezembro de 1933, era promovido a coronel, por meritos extaordinarios de guerra. Na rendição de Campo Via, aprisionou 7.000 bolivianos. Na de Canadá El Carmen, aprisionou mais 7.000 adversarios, sendo promovido a chefe de corpo e condecorado com a cruz do Chaco. Tambem acaba de merecer essa distincção o joven major Juan Barrios, commandante do 2.º Regimento de Cavallaria, que tres vezes rompeu, no sector de Carandayty, as linhas avançadas bolivianas.

Attingido pela compulsoria o General Weygand

O GENERAL GAMELIM ASSUME O CHEFIA DO ESTADO-MAIOR DO EXERCITO
FRANCEZ

Foi, por ter attingido o limite da idade, 68 annos, que o general Maxime Weygand foi substituido pelo general Maurice Gamelin.

O general Gamelin exercera, de agora em diante, as funcções de chefe do estado maior general do exercito e de vice-presidente do conselho superior de guerra.

Essa reorganização, decidida no conselho de ministros de hoje, deixa ao chefe designado para o commando dos exercitos francezes em caso de guerra o encargo de dirigir, elle mesmo, os preparativos da mobilização.

O general Gamelin será secundado nas funcções eventuaes de generalissimo pelo general Georges, membro do conselho superior de guerra, o qual terá em caso de guerra, o titulo de major-general.

O general Georges foi gravemente ferido por occasião do attentado de Marselha e milagrosamente salvo pela placa da ordem de S. Sava, que desviou a bala.

LIGA DAS NAÇÕES

A Commissão de Diplomacia da Camara, adoptou o parecer do deputado gaúcho Renato Barbosa, contrario ao reingresso do Brasil na

Liga das Nações. Nada mais logico e opportuno. Como ninguem ignora, a Liga discute e decide, quasi sempe, problemas de politica internacional europeia. Os paizes da Europa, em constantes lutas para manterem seus imperios coloniaes, têm problemas quotidianos, que provocam irritações incuraveis. Estranho a todos elles, não tendo interesse algum em intervir nas disputas, o Brasil ficaria obrigado a votar, creando antipathias. Este motivo principal do nosso afastamento. A Liga das Nações foi creação do presidente Woodrow Wilson, quando representava os Estados Unidos no Congresso de Paz, em Versalhes. Isto não impediu que o Congresso norte-americano rejeitasse a creação. Os Estados Unidos não figuram na Liga. Os interesse da politica americana, do sul e do norte, não coincidem com os problemas discutidos na Liga. O parecer Renato Barbosa interpretou nitidamente os pendores da nossa politica. Adoptando-o, a Camara irá ao encontro de sentimentos geraes.

O PADRÃO OURO

A Suprema Corte de Justiça do Japão acaba de resolver que sejam pagos em papel os juros e as amortisações do emprestimo que a cidade de Tokio contraira na França, desconhecendo, assim, o veredictum do Tribunal de Justiça de Paris que se pronunciara pela exigibilidade em ouro. E a Corte de Justiça de Haya, num processo movido contra a Royal Dutch, tambem vem de se pronunciar contra o pagamento em ouro dos titulos do emprestimo que essa empresa fizera nos Estados Unidos.

São dois factos recentissimos e que, sendo um de emprestimo para serviços publicos e outro de operação particular, veem reforçar a these que o Brasil adoptou ha tempos ao annullar a clausula-ouro em todos os contractos de serviços publicos. Esse acto de acerto do governo brasileiro, que teve a combatel-o apenas alguns interessados, foi largamente apreciado sob os mais diversos aspectos, inclusive o do credito internacional, mas a doutrina subsistiu e ahi está agora victoriosa e confirmada no pronunciamento da mais alta justiça da Hollanda e do Japão.

Não se devia esperar outra coisa. Todas as doutrinas modernas repousam no principio de que o bem estar colectivo prevalece sobre todos os direitos e interesses individuaes. A desordem monetaria creada durante a Grande Guerra e as medidas artificiaes dos governos para a defesa ou valorisação das suas moedas não podem justificar a imposição de sacrificios sobrehumanos. A moeda nada mais é do que um symbolo. O seu valor é arbitrario e illusorio. E não se póde admittir que, contra o interesse colectivo, e ferindo direitos de quem — e é exactamente o nosso caso — nada fez em um ou outro sentido, esse valor possa ser alterado e fixado apenas em beneficio de uma minoria e, ás vezes, de um pequeno grupo.

A these da clausula-ouro, como se vê, é materia esclarecida e vencida. E destruindo o castello que haviam construido, cuidadosamente, os interessados directos em auferir lucros exaggerados e talvez illicitos, a justiça sanciona apenas a razão e o bom senso.

AVIADORES OU SUICIDAS?

Com tristeza leio a noticia de mais um desastre na Aviação Militar. Desta vez morre no accidente um amigo: o major Floriano Nunes. Sua mocidade não lhe permite ainda uma biographia. Mas seu passado na Aviação Militar bastaria para contra-indical-o para essa arma, si a escolha de armas no Exercito não fosse uma simples questão de desejo pessoal, sem a menor verificação technica.

O major Floriano era um emotivo. Reacções absolutamente em desaccordo com as acções. Impetuoso, bravo, muito havia nelle das reacções, que caracterizam os impulsivos. Não ha muito tempo soffrera um pequeno accidente. Já era o segundo. Si houvesse technicos psychologos no Exercito, elle já teria sido afastado da aviação ou prohibido de voar.

Em geral, não se liga importancia aos pequenos accidentes, nessa arma. Como na carreira militar a base da formação humana é o desprendimento de Vida, os accidentes de que o aviador escapa são considerados merecimento: quasi actos de bravura. Perde-se, por completo, a noção de que, nas demais armas, o conjuncto de qualidades psychologicas requeridas ao official são inteiramente diversas. Elle tem de agir em terra firme, suas resoluções soffrem o controle de seus auxiliares ou de seus superiores. Entre a resolução e a execução se interpõem os agentes executores, que são seres humanos, com suas qualidades proprias, susceptíveis de amortecer e equilibrar uma ordem, de consequencias funestas.

Na aviação, entre o piloto e a machina não ha intervalo. Um resolve e a outra obedece.

No campo de batalha as acções se desenvolvem lentamente, por muito rapidas que pareçam, porque o maximo de sua velocidade é a do proprio homem ou a dos engenhos lentos que manobra.

Na aviação, o tempo se conta por centesimos de segundo e fracções pequenissimas de graus de angulo. Um desvio inicial de um decimo de grau no angulo de orientação de um aparelho que se desloca com uma velocidade sempre superior a 100 kilometros por hora — pode se traduzir dentro de um segundo num afastamento desastroso.

Tudo, na aviação, é presteza, rapidez e uma absoluta segurança ponderada nas resoluções, que se traduzem em actos.

Não ha hoje, em parte alguma do mundo, Aviação que não tenha o seu gabinete de psychologia experimental, para que nelle sejam seleccionados e acompanhados em sua carreira profissional os aviadores. Não se trata simplesmente desse exame medico commum, em que se apreciam as condições organicas de robustez e saude. Trata-se de pesar, medir, avaliar a presteza das reacções psychicas, simples ou condicionadas, de cada candidato, sob estado normal ou debaixo de emoções experimentalmente provocadas. Tudo entra em funcção: — a sensibilidade geral, a especial de visão, audição, baresthesica, sob todas as suas formas — posição do proprio corpo, forma e grandeza dos objectos, distancia nos tres sentidos do espaço.

Aqui foi iniciado esse exame, que era confiado ao Instituto de Psychologia. Os candidatos á aviação eram examinados pelo Instituto. Mas em certa occasião foi abolida essa formalidade, que ficou reduzida a uma simples inspecção medica mais ou menos banal. Porque? Porque os technicos psychologos tinham recusado um joven official, filho de alta pa-

tente. Ora, a arma da aviação é muito procurada por tres motivos:

- a) — o effeito psychologico do prestigio de uma arma arriscada;
 - b) — uma diaria forte de gratificação, além dos vencimentos;
 - c) — um quadro, onde as vagas são frequentes e o accesso é rapido.
- O joven pîmpolho, cujas condições psychicas não foram consideradas boas para a função de aviador, vingou-se da commissão technica de um modo brilhante: — seu papae conseguiu abolir esse exame e substitui-o por outro puramente medico...

E ahi está porque a aviação militar no Brasil consegue ter quasi tantos mortos em tempos normaes, quanto suas congeneres, de outros paizes, em tempos de guerra!

Lá se foi o pobre Floriano, com sua alegria exuberante, sua mocidade cheia de sonhos, affectuoso e bom. Si em vida eu lhe tivesse dito que deixasse a aviação — elle teria brigado commigo. Mas varias vezes lhe fiz sentir que elle precisava de repouso...

Nos moços, porém, o grande heroismo está em affrontar todos os riscos com o immenso capital de Vida, que possuem... Riem da morte e a desafiam.

E' essa a mentalidade dos nossos aviadores. E ninguem os impede officialmente de se matarem estupidamente...

MAURICIO DE MEDEIROS.

Como devem ser conferidas as ferias

UM AVISO DO MINISTRO DA GUERRA AO COMMANDANTE DA 2.^a REGIÃO MILITAR

Ao commandante da Segunda Região Militar, em São Paulo, o ministro da Guerra dirigiu o seguinte aviso:

"O major Francisco Pessoa Cavalcanti, commandante do 2.^o Grupo de Obuzes, em officio que vos dirigiu em 19 de dezembro do anno passado, sob o numero 5.484, consulta em vista do que elle allega no dito officio, se em face do disposto no art. n.^o 217 do Regulamento Interno e dos Serviços Geraes de Corpos de Tropa pôde gozar as ferias relativas ao anno de 1933, ás quaes se julga com direito.

Em solução vos declaro que: As ferias são um direito que assiste aos officiaes e praças que estiverem em serviço activo; um premio concedido ao militar no dito serviço após um periodo completo de instrução nos corpos de tropa, nas repartições e estabelecimentos militares subordinados ao Ministerio da Guerra (contados por annos completos de instrução); o requerente, não tendo estado nestas condições, não fez jús dessa vantagem.

E' indispensavel para a sua concessão que o militar, durante o periodo da instrução, não seja afastado ou distraído do serviço do referido ministerio, e o requerente, embora o considerado em serviço, este não foi prestado em corpo de tropa, estabelecimento, repartição ou fortaleza. O art. 271 citado no paragrapho unico estabelece ser indispensavel para fazer jús ás ferias que o official não tenha sido distraído do serviço do Ministerio da Guerra durante o periodo da instrução".

A cathedra e os militares

ELLA E INCOMPATIVEL COM A ACTIVIDADE MILITAR

Despachando o requerimento de Benedicto Alves do Nascimento, tenente-coronel de artilharia, allegando ter sido destituído do cargo de professor das II e IV partes da 1.^a cadeira da Escola Militar, em consequencia do art. 2.^o do decreto numero 23.795 do 23-1-1934, pediu reintegração naquelle cargo á vista do art. 20 das Disposições Transitorias da Constituição de 16 de julho, o presidente da Republica proferiu o despacho seguinte:

"Indeferido. O art. 20 das Disposições Transitorias da Constituição da Republica não pôde ser applicado aos militares, especialmente áquelles que, de modo inequivoco, manifestaram preferir e conservar tal qualidade. A Constituição, em seus artigos 164 e 185, esclarece claramente a incompatibilidade entre a função militar e o professorado, inamovível, vitalício e irredutível nos seus vencimentos. Quanto ao art. 164, é evidente que a excepção nelle indicada (§ 1.^o do art. 172) não se applica aos militares, porque não pôde existir incompatibilidade de horarios e de serviço entre a função inamovível e vitalícia de professor e a função militar. A situação do requerente é exemplificante, no caso, pois não consta que exercesse funções nas fileiras cumulativamente com as do magisterio. Os militares só podem ser professores, conservando-se na actividade, se o professorado foi transitorio, simples comissão temporaria, conforme o estabelecido na Lei do Ensino, pois o art. 165, § 2.^o fixa um valor minimo a realizar para o exercicio das funções relativas a cada gráo ou posto e lembra as preferencias de caracter profissional para a constituição da hierarchia. Os proprios cargos electivos quando afastam o official por mais de 8 annos das fileiras, fazem obrigatoria a passagem para a reserva ou a reforma. Ainda mais. Nem é preciso o caracter de vitalicidade e inamovibilidade da função para incompatibilizar com a actividade militar. Basta exigir o afastamento dessa actividade por espaço de 8 annos, mesmo no exercicio de funções que impliquem estudos de natureza militar, como é o caso da Comissão de Segurança Nacional na Camara dos Deputados (art. 164, paragrapho unico). Note-se, tambem, haver o proprio autor da emenda transformada no art. 20 das Disposições Transitorias, o deputado Celso Machado (Diario da Assembléa Nacional Constituinte de 3-XII-34, pag. 4.992) declarado que a referida emenda visava a reintegração dos professores da Escola de Agronomia e Veterinaria.

Mesmo admittendo-se que o dispositivo possa favorecer os professores em condições semelhantes, não seria permittido exaggerar a generalização do caso dos professores da Escola de Agronomia e Veterinaria a ponto de desorganizar o ensino militar e manter numa situação evidentemente inconstitucional professores nas condições do requerente, que foi nomeado quando sua cadeira já estava extincta, para gozar privilegio que nem ao menos conquistou por concurso. As leis de promoções, de movimentação dos quadros e a lei do ensino tambem se oppõem claramente á accumulção do magisterio com a função militar e o requerente não soffreu destituição; foi mandado desaccumular cargos incompatíveis, ficando no que lhe dá maiores proventos".

A nova missão militar franceza no Brasil

A SUA PARTIDA PARA O RIO

PARIS, 8 — Embarcaram pela manhã na *gare d'Orsay*, afim de tomarem o "Massilia" á noite, em Bordéux, o General Noel, novo commandante da missão militar franceza no Brasil, e os officiaes que o acompanham, Coronel Monnerat, Coronel Nalot, Tenente-Coronel Schwartz, Major Guassot, Major do ar Bouvard. Foram levar-lhes seus votos de boa-viagem os embaixadores Hermitte e Souza Dantas, e muitas altas patentes do Ministerio da Guerra.

Em palestra com um dos redactores da "United Press", disse o General Noel: "Encanta-me esta viagem ao Brasil, e a empreendo em condições que muito me honram. Espero honrar as tradições criadas neste genero de serviço, pelo generalissimo Gamelin, chefe da primeira missão. Alegro-me a perspectiva de trabalhar em commum com a officialidade brasileira, pois tenho ouvido de officiaes francezes que estiveram no Brasil, quão rapidamente ella assimila os methodos militares francezes, imbuindo-se das grandes tradições historicas do nosso exercito. E' com particular prazer que sigo a travar conhecimento com o ministro da guerra do governo brasileiro, General Góes Monteiro, que sempre se tem interessado pelo trabalho da missão militar franceza, e é conhecido entre nossos officiaes como perfeito gentleman que com o maximo interesse serve ao seu paiz".

O embaixador Souza Dantas declarou ao redactor da United Press: "O General Noel segue a mesma linha de conducta do General Gamelin, e asseguro-lhe que elle saberá elevadamente manter o prestigio militar francez junto ao exercito brasileiro. Meu conhecimento pessoal com o General Noel, autoriza-me affirmar que elle vae ser uma figura popular no Brasil. E' tal sua habilidade que, mal comece sua tarefa ficará logo relacionado entre a officialidade brasileira".

O embaixador Hermitte expressou seu contentamento, por haver o governo francez escolhido para a missão, no Brasil, tão selecto grupo de officiaes.

Nasceu o General Noel a 26 de julho de 1880, tendo terminado o curso de Saint Cyr em 1900, para servir no regimento de marinha. Depois de prestar serviços no exercito colonial do Tonkin, Conchinchina, Senegal e Mauretania, entrou para academia de guerra, no posto de primeiro Tenente, em 1911. Promovido a Capitão, foi addido ao estado maior do 15º corpo. Em Julho de 1915, num dos annos mais difficeis da guerra mundial, foi transferido para o estado-maior da 16ª divisão colonial. Em 1916 commandou uma companhia no front, e dahi foi requi-

sitado pelo estado-maior geral dos exercitos francezes, onde serviu ao lado dos grandes chefes até á terminação da lucta. Em 1919, por occasião da crise por que passou a Polonia, atacada pelos exercitos sovieticos, serviu no estado-maior dos corpos polacos commandados pelo general Haller, e firmada a paz com Moscou ficou lecionando aos officiaes polacos de estado-maior, na academia de Varsovia. Em 1924 foi promovido a Tenente-Coronel do Estado-Maior da Divisão Colonial, com parada em Aleppo, na Syria, vindo logo a seguir o commando das tropas em operações ao norte deste protectorado. Coronel em 1927, commandou o quarto regimento de atiradores senegaleses, sendo dahi transferido para a chefia do estado-maior das tropas de guarnição na Conchinchina. Em junho de 1933 foi promovido a brigadeiro general, e classificado, no anno passado, no commando da quinta brigada de infantaria colonial, nesta capital, posto em que estava quando foi escolhido para chefiar a missão no Brasil. O General Noel foi por seis vezes citado em ordem do dia do exercito, e é official da legião de honra.

LIVRO NOVO

A DEFESA TERRESTRE CONTRA OS AVIÕES EM VOO BAIXO

Cap. SALVATERRA DUTRA.

A ameaça permanente que paira sobre uma tropa que se desloca durante o dia — a de ser atacada pelos aviões inimigos voando a baixa altura — tem levado os technicos a pesquisar os melhores processos para a defesa das mesmas. Varios têm sido os surgidos quer da observação dos factos passados durante a ultima guerra, quer das experiencias de polygonos e manobras nas quaes o problema tem tido a attenção que merece pela sua ligação intima com a segurança da tropa.

Inicialmente foi procurada a solução nos deslocamentos nocturnos subtraindo-se assim a tropa, á investigação aérea e por consequencia aos ataques. Mas, na hora actual, a concepção atrevida de que a aviação não deve dar treguas ás tropas terrestres, intervindo contra as mesmas seja em movimento seja estacionada, metralhando-as, lançando bombas de gazes toxicos, de dia ou de noite, crêa um estado de insegurança que provoca uma baixa no potencial moral do combatente, maximé quando se sabe serem estas acções instantaneas fazendo-se sentir num espaço de 10 a 40 segundos.

Para fazer face a esta acção audaciosa do avião qual o processo a adoptar? Si fizermos uma sondagem no passado e tomarmos para região

de nossas pesquisas a grande guerra, veremos ataques que fracassaram em virtude da acção da aviação inimiga e ataques da aviação que não tiveram exito devido á defesa terrestre. Assim, na frente italiana em 21 de agosto de 1917 um ataque austriaco fracassa, pela acção a baixa altura de 30 aviões italianos no momento em que as tropas se lançavam ao assalto; na frente franceza no sector Arras-Amiens de 44 aviões destinados aos ataques terrestres, 10 são abatidos pelos tiros das metralhadoras e fuzis.

Dentro do principio de que o aperfeicoamento do "poder-armas" deve ter como escopo a diminuição do terror e do perigo, de um lado, para os augmentar do outro, somos logicamente levados a procurar na defesa immediata, pelo ataque com metralhadoras e fuzis ordinarios aos aviões voando a baixa altura, a solução para o problema. Nesse dominio, interessantes são as theses que actualmente se defrontam nos exercitos modernos.

E' vantajoso o ataque com metralhadoras, ás tropas terrestres, pelos aviões?

Qual das duas fórmas de ataque é a preferivel, ataque com metralhadoras ou com bombas?

Qual das duas defesas é a mais vantajosa, pelas metralhadoras ou fuzis ordinarios?

Qualquer que seja o modo pelo qual se encare o processo da defesa com projectis, vemos que o mesmo liga-se a uma questão de tiro e por consequencia a uma questão de instrucção daquelles que vão utilizar o armamento, o que obriga a um preparo apurado e a um conhecimento profundo das regras e emprego desse genero de tiro.

Foi sentindo a necessidade imperiosa de iniciarmos nossos metralhadores nesse genero de defesa e o lado pratico da questão que o cap. Salvaterra Dutra acaba de publicar uma monographia a que deu o titulo de "A defesa terrestre contra os aviões em vôo baixo". Nesse opusculo estuda o autor numa primeira parte o corrector de pontaria para o tiro — já fabricado entre nós no Arsenal de Guerra — e o seu modo de applicação; numa segunda, as regras que devem nortear a instrucção nos corpos de tropa, nas diversas condições de tempo e espaço em que deve ser effectuado o tiro, bem como o material para a sua instrucção.

O trabalho apresentado num estylo simples e claro vem facilitar o ensino desse ramo de instrucção.

Gratos pela remessa.

A. B. G.

Boletim Colombophilo